

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Número 1 | Junho de 2010

ESCOLA SECUNDÁRIA
DO PADRÃO DA LÉGUA

VISÃO DO POETA

Nomeio o Mundo

Com medo de o perder nomeio o mundo,
Seus cantos e qualidades, seus objectos,
E assim durmo sonoro no profundo
Poço de astros anónimos e quietos.

Nomeei as coisas e fiquei contente:
Prendi a frase ao texto do universo,
Quem escuta ao meu peito ainda lá sente,
Em cada pausa e pulsação, um verso.

Vitorino Nemésio, *O Verbo e a Morte* (1959)

Nomear é pensar, reflectir, compreender, aceitar, partilhar.
Abre-se esta Revista à nomeação do Mundo de um e de todos,
Porque as palavras do(a) escritor(a) nomeiam um olhar, uma visão,
E as palavras, frases e textos, constroem e dão sentido ao Mundo.
Um Mundo mais rico, construído pelos olhares polifónicos de muitos.
Assim, um obrigado aos jovens que na escrita partilham a sua visão do Mundo.
E um obrigado a quantos ajudam os jovens a descobrirem a sua visão do Mundo.

VISÃO DE UMA ESCOLA COM PROJECTOS

Isabel Morgado

Directora da Escola Secundária do Padrão da Légua
direccao@esplegua.com

Na Escola pública do século XXI, cruzam-se muitos factores de mudança na vida de alunos, professores e demais agentes educativos. A família, a comunidade, a Internet...apresentam-se como contextos a ter em conta, de forma a responder aos desafios de uma escola massificada e multicultural. Há urgência em construir uma Escola dotada de estratégias ecológicas de mudança, pois os professores e os alunos, os actores e o seu contexto, mudam ao mesmo tempo e por interacção recíproca.

É este o entendimento desejado para a Escola Secundária do Padrão da Légua (ESPL), a qual contempla, no respectivo PEE, uma educação integrada no âmbito de um território, articulando dimensões educativas escolares e não-escolares, com uma pluralidade de parceiros e uma diversidade de públicos. Se os alunos são a comunidade dentro da escola, o processo educativo deverá criar condições para promover o seu desenvolvimento pessoal e social, aumentando a sua autonomia e a criação de hábitos e métodos de trabalho. Enquanto comunidade educativa dinâmica e plural, a ESPL tem vindo a apostar na abertura e concretização de **projectos pluri e transdisciplinares de reflexão na acção**, um dos quais é o Projecto Ler Mais e Escrever Melhor, privilegiando um misto de instrução e educação, e claramente apontando para a comunicação e socialização. No epicentro da construção de novas práticas pedagógicas estaria então a construção e identidade da própria escola, baseada em projectos de todas as áreas de saber, enquanto comunidade aprendente aluno-professor-família-meio. Só assim será possível abrir caminho à contemporaneidade, como afirma António Nóvoa (2005, p. 15):

Estamos num momento de transição. Pressentimos o fim de um ciclo histórico, iniciado em meados do século XIX, quando se inventou a modernidade escolar e pedagógica. Mas temos dificuldade em abrir caminho à contemporaneidade.

VISÃO DE UM PROJECTO: LER MAIS E ESCREVER MELHOR

Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

Coordenadora do Projecto da ESPL Ler Mais e Escrever Melhor
lermaiseescrevermelhor@esplegua.com

A revista que se inicia, com este primeiro número, resulta da actividade desenvolvida no âmbito de um Projecto de Escola intitulado Ler Mais e Escrever Melhor, cuja génese remonta a Julho 2008. Trata-se de um Projecto em progresso há dois anos, que congrega alunos e professores de Português e de Língua Portuguesa, em torno de uma mesma macro-finalidade: contribuir para o aperfeiçoamento reflexivo da capacidade de comunicação dos alunos, interligando competências de oralidade, leitura e escrita.

O Projecto apresenta um desenvolvimento em espiral, com metodologia supervisiva de investigação-acção, tendo por fundamento as finalidades comuns aos documentos estruturantes da Escola. As pequenas actividades e projectos, que se desenrolam, em parte ou ao longo do ano, implicam uma transversalidade dupla, pois implicam a turma, a escola e o meio, bem como todas as áreas de saber, incluindo ainda Estudo Acompanhado, Área de Projecto e Aulas de Substituição.

A perspectiva dinâmica de planificar, agir, (re)avaliar e reformular tem produzido ajustes e mudanças. Contudo, manteve-se um núcleo inicial: a Escrita em Projecto e o Livro dos Livros ou Contrato de Leitura, actividades obrigatórias para todos os alunos. Num posicionamento reflexivo, foi adoptada uma linha construtivista e ecológica, abrindo interacções com outros Projectos de Escola, incluindo a Biblioteca da ESPL. Este ano, pela primeira vez, o Projecto experimentou uma participação alargada, com a divulgação, em portefólio digital nacional, de textos de 58 alunos do Ensino Básico e Secundário, no Concurso Nacional Internet Segura (DREN), e a participação de 6 alunas na fase distrital do Concurso Nacional de Leitura (CNL).

De todo este trabalho processual e (meta)cognitivo, situado, mas não fechado em sala de aula, resultou a necessidade de divulgar experiências e textos produzidos. Em 2008-2009, o Projecto circunscreveu-se à edição na plataforma *plone* da Escola, tendo publicado online um total de 156 textos, escritos por alunos do 7º ao 12º ano. Alguns desses textos foram ainda divulgados na Sala de Estudo, em Exposições nomeadas de acordo com as estações do ano, da "Escrita em Projecto de Outono" à "Escrita em Projecto de Verão". Neste segundo ano, o Projecto materializou também uma Revista, registando um total de 173 textos.

Embora em ano de lançamento prevaleçam textos produzidos no âmbito do Projecto, a Revista abre-se doravante à participação de toda a comunidade educativa. Este ano constituirá uma primeira experiência, necessariamente limitada. Para o ano, esperamos um alargamento das temáticas e dos participantes. Fica o desafio a alunos, funcionários, professores, encarregados de educação e a quantos tenham gosto em colaborar.

A todos que contribuíram, com o seu trabalho e os seus textos, para este primeiro número, fica um agradecimento especial e votos para que participem sempre. É que o difícil não é lançar um Projecto. O verdadeiramente difícil e custoso é mantê-lo. É continuar, apesar da voragem de um quotidiano feito de muitos nada que açambarcam o tempo e os dias e deixam uma nesga para o realmente vivido e para o que importa ainda e sempre viver. Como afirma o poeta (Nemésio, 1959), na nomeação do mundo, dos seus cantos e recantos, ficam as palavras daqueles que sabiamente prendem o texto ao universo.

Equipa do Projecto – Celeste Paulino e Pessoa, Isabel Maria Fonseca, Luzia Celeste Reis, Margarida Branco Lino, Maria Assunção Pinheiro, Maria da Conceição Teixeira, Maria do Carmo Fontes, Maria Dulce Soares, Maria Ema Alves, Maria de Fátima Velasques, Maria Isabel Aboim, Maria José Bronze, Maria Nazaré Coimbra, Sílvia Daniela Castro, Teresa Barbedo, Zélia Pires.

Parcerias: Biblioteca ESPL, Coordenadora Isabel Maria Fonseca; Sala de Estudo, Coordenadora Ana Maria Mendes Dias.

Design capa: Maria Isabel Coimbra

ISSN 1647-9351

VISÃO DO POETA Nomeio o Mundo, Vitorino Nemésio

VISÃO DE UMA ESCOLA COM PROJECTOS Directora ESPL Isabel Morgado

VISÃO DE UM PROJECTO: LER MAIS E ESCREVER MELHOR Nazaré Coimbra

ÍNDICE

1. A ESCRITA EM PROJECTO	9
Texto 1: CRIATIVIDADE, Sara Aguiar nº 16, 12º E.....	9
Texto 2 : A CHICLETE, Soraia Coimbra, nº 27, 11ºA.....	10
Texto 3: UM OLHAR À NOSSA VOLTA, Ana Rangel Silva, nº 2, 12ºE.....	10
Texto 4: MEDITAÇÕES E PERTURBAÇÕES, Ana Santos, nº 4, 12º E.....	10
Texto 5: PRISCILA, NOME DE FLOR, Mafalda, nº 14, 12º E.....	11
Texto 6: A LIBERDADE, Ana Rangel Silva, nº2, 12º E.....	11
Texto 7: Vos estis sal terrae – Do latim para a realidade, Ana Cláudia, nº2, 11º A.....	12
Texto 8: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, Inês Salafranca, nº 15, 9ºA.....	12
Texto 9: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, Daniel Marques, nº 9, 9ºA.....	13
Texto 10: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, José Carlos Moura, nº 20, 9ºA.....	13
Texto 11: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, Carla Badim, nº 6, 9ºA.....	13
Texto 12: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, Bruno Santos, nº 5, 9ºB.....	13
Texto 13: OS VALORES NO SÉCULO XXI, Mário Freitas, nº 17, 11ºA.....	13
Texto 14: A IMPORTÂNCIA DOS VALORES, Tiago Rocha, nº 26, 9ºD.....	14
Texto 15: OS VALORES NO SÉCULO XXI, André Baía, nº 2, 9ºD.....	14
Texto 16: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, Maria Pinto, nº 23, 9ºA.....	14
Texto 17: A IMPORTÂNCIA DOS VALORES, Tiago Ramalho, nº 28, 9ºD.....	14
Texto 18: OS VALORES NO SÉCULO XXI, Marcos Freitas, nº 18, 9ºD.....	15
Texto 19: A IMPORTÂNCIA DOS VALORES, Ricardo Correia, nº 21, 9ºD.....	15
Texto 20: A POLUIÇÃO, Andreia Filipa Gonçalves, nº 4, 9ºB.....	15
Texto 21: A INTERNET E A LÍNGUA PORTUGUESA, Mariana Miranda, nº 20, 11ºB.....	15
Texto 22: ESCREVER É... Lia Dias Oliveira, nº 20, 8ºA.....	16
Texto 23: Fábula A AMIZADE NÃO ERA VERDADEIRA, Susana Ribeiro, nº 25, 7ºA.....	16
Texto 24: Fábula O CANÁRIO MALCRIADO, António Gonçalves, nº 4, 7ºC.....	16
Texto 25: Fábula O POMBO INTELIGENTE, Inês Álvaro, nº 15, 7ºC.....	16
Texto 26: Fábula A RAPOSA, Pedro Castro, nº 20, 7ºC.....	17
Texto 27: Fábula A RAPOSA E O GALO, André Santos, nº 3, 7ºD.....	17
Texto 28: Fábula O SALVAMENTO, Mariana Correia, nº 20, 7ºD.....	18

Texto 29: Fábula O PATO MALDOSO, Cláudia Fonseca, nº 7, 7°C.....	18
Texto 30: Fábula A AVE E A RAPOSA, Bárbara Dias, nº 5, 7°C.....	18
Texto 31: O QUE É ESCREVER? Cláudia Legoinha, nº 10, 8ªA	19
Texto 32: Fábula A FUGA, Marco Loureiro, nº 20, 7ªA.....	19
Texto 33: Fábula QUE GRANDE SUSTO! Mário Garcia, nº 19, 7°C.....	19
Texto 34: Comentário "Sermão de Santo António..." Filipa Paulo, nº 10, 11ºB	20
Árvore da Vida, Gustav Klimt	21
Texto 35: Comentário "Sermão de Santo António..." Joana Alves, nº 13, 11ºC	22
Texto 36: Comentário "Sermão de Santo António..." Mafalda Sousa, nº 16, 11ºB.....	22
Texto 37: Comentário "Sermão de Santo António..." Ana Teresa, nº 2, 11ºB	23
Texto 38: Comentário "Sermão de Santo António..." Mariana Miranda, nº 20, 11ºB.....	23
Texto 39: Comentário "Sermão de Santo António..." Mariana Pires, nº 17, 11ºC.....	24
Texto 40: Comentário "Sermão de Santo António..." Miguel Abreu, nº 22, 11ºB	24
Texto 41: MEMÓRIAS, Sara Magno, nº 24, 10ºF.....	25
Texto 42: MEMÓRIAS, Tiago Lobato, nº 26, 10ºD.....	25
Texto 43: MEMÓRIAS, Mariana Santos, nº 19, 10ºF	25
Texto 44: MEMÓRIAS, Marco Rodrigues, nº 16, 10ºD	25
Texto 45: MEMÓRIAS, Sara Guerra, nº 23, 10ºD	26
Texto 46: Uma História Sobre Internet Segura, Ana Cunha, nº 3, 11ªA.....	26
Texto 47: Uma História Sobre Internet Segura, Catarina Ferrão, nº 5, 9ºD	27
Texto 48: Uma História Sobre Internet Segura, Catarina Guimarães, nº 6, 9ºB	27
Texto 49: A Internet É Segura? Daniel Carvalho, nº 10, 11ªA	28
Texto 50: Uma História Sobre Internet Segura, Daniela Rosas, nº 11, 9ªA.....	28
Texto 51: Uma História Sobre Internet Segura, Jessé Tiago, nº 16, 9ªA.....	28
Texto 52: Uma História Sobre Internet Segura, Joana Pinto, nº 12, 9ºD	29
Texto 53: Uma História Sobre Internet Segura, Lara Castro, nº 17, 9ºB	29
Texto 54: Uma História Sobre Internet Segura, Mariana Santos, nº 19, 9ºD.....	29
Texto 55: Uma História Sobre Internet Segura, Patrícia Jesus, nº 20, 9ºD	30
Texto 56: Uma História Sobre Internet Segura, Pedro Rodrigues, nº 19, 11ªA.....	30
Texto 57: Uma História Sobre Internet Segura, Tiago Barros, nº 26, 9ºB.....	31
Texto 58: Uma História Sobre Internet Segura, Ana Ribeiro, nº 2, 9ºB	31
Texto 59: Uma História Sobre Internet Segura, Bruno Rodrigues, nº 3, 9ºD	32
Texto 60: Uma História Sobre Internet Segura, Catarina Biscaia, nº 8, 9ºB	32
Texto 61: Uma História Sobre Internet Segura, Cátia Saraiva, nº 9, 9ºB.....	32

Texto 62: Uma História Sobre Internet Segura, Daniela Mota, nº 6, 9ºD.....	33
Texto 63: Uma História Sobre Internet Segura, Eduardo Câmara, nº 12, 9ºB	33
Texto 64: Uma História Sobre Internet Segura, Fernando Câmara, nº 13, 9ºB.....	33
Texto 65: Uma História Sobre Internet Segura, João Carvalho, nº 15, 9ºB.....	34
Texto 66: Uma História Sobre Internet Segura, Mafalda Santos, nº 17, 9ºD	34
Texto 67: Uma História Sobre Internet Segura, Pedro Nascimento, nº 21, 11ºA.....	35
Texto 68: O DESEMPREGO, Daniela Rosas, nº 11, 9º A.....	35
Texto 69: O DESEMPREGO, João Pimentel, nº 19, 9º A.....	35
Texto 70: O DESEMPREGO, José Pedro Branco, nº 21, 9º A.....	35
Texto 71: MUDANÇA DE VIDA, Diana Makushkina, nº 11, 7ºE.....	36
Texto 72: DAVID E O BELO MUNDO, Ricardo Rocha, nº 18, 7ºE	36
Texto 73: SOMOS ASSIM AOS...Helena Mota, nº 11, 10º F.....	37
Texto 74: SOMOS ASSIM AOS...Sara Magno, nº 24, 10º F	37
Texto 75: SOMOS ASSIM AOS...João Dias, nº 17, 10º F.....	37
Texto 76: SOMOS ASSIM AOS...Ana Catarina Oliveira, nº 2, 10ºF	37
Texto 77: SOMOS ASSIM AOS...Sara Miranda, nº 22, 10ºD.....	38
Texto 78: SOMOS ASSIM AOS...Helena Sofia Dias, nº 7, 10ºD	38
Texto 79: SOMOS ASSIM AOS...Susana Sousa, nº 25, 10ºC.....	38
Texto 80: SOMOS ASSIM AOS...Miguel Rodrigues, nº 14, 10ºC.....	39
Texto 81: SOMOS ASSIM AOS...João Tomé, nº 11, 10ºC.....	39
Texto 82: SOMOS ASSIM AOS...Nuno Martins, nº 15, 10ºC	39
Texto 83: SOMOS ASSIM AOS...Sofia Batista, nº 25, 10º D	39
Texto 84: SOMOS ASSIM AOS...Tiago Nogueira, nº 26, 10º F	39
Texto 85: SOMOS ASSIM AOS...Marco Rodrigues, nº 16, 10º D.....	40
Texto 86: SOMOS ASSIM AOS...Eduardo Santos, nº 4, 10º D	40
Texto 87: SOMOS ASSIM AOS... Joana Mendes, nº9, 10ºD.....	40
Texto 88: SOMOS ASSIM AOS... Mário Cerqueira, nº17, 10ºD	41
Texto 89: SOMOS ASSIM AOS... Daniel Fernandes, nº2, 10ºD	41
Texto 90: SOMOS ASSIM AOS... Joana Sousa, nº10, 10ºD.....	41
Texto 91: UMA HISTÓRIA, Rodolfo Costa, nº 21, 8ºC.....	42
Texto 92: ESTOU TRISTE, Raquel Brandão, nº 16, 1ºA.....	42
Texto 93: TOBIAS, Pedro Vilela, nº 18, 8ºC	42
Texto 94: A ÚLTIMA DE MUITAS ÁRVORES, Alexandra Pereira, nº1, 8ºC.....	43
Texto 95: AS VIAGENS DA ANDORINHA LÍDIA, Raul Silva, nº 20, 8ºC.....	44

Texto 96: A CRIANÇA POBRE, Nuno Guimarães, nº 17, 8ºC.....	44
Textos 97: O AMOR e O QUE ESCREVER, Joana Lobão, nº 18, 8ºA.....	45
Texto 98: O QUE É ESCREVER? Hugo Cerdeira, nº 15, 8ºA	45
Texto 99: COSTA RICA, Marcela Rodriguez Brenes, nº 16, 11º A (PLNM)	45
Texto 100: O RACISMO, Marcela Rodriguez Brenes, nº 16, 11º A (PLNM)	45
Texto 101: CHILE, Samantha Padilla, nº 25, 11º A (PLNM)	46
Texto 102: A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, Ana Rita Pires, nº 1, 8º E.....	46
Texto 103: COMENTÁRIO, <i>Crime No Expresso Do Oriente</i> , Rita Lopes, nº 21, 8º E	46
Texto 104: PARAÍSO, Catarina Cardoso, nº 5, 8º E	46
Texto 105: A VIDA, Patrícia Miranda, nº 15, 2º A	47
Texto 106: MULHERES, Rui Jorge Resende, nº18, 2º B	47
Texto 107: ADEUS, CINDERELA! Amanda Silva, nº 1 e Sofia Reis, nº 18, 2º A	48
Texto 108: A PENSAR MORREU UM BURRO, Maria João Borges, nº 21, 10º E (Filosofia)	48
2. FÓRUM DE LEITURA	49
LIVRO 1: AS DEZ FIGURAS NEGRAS de Agatha Christie, Ana Cláudia Nunes, nº1, 11º D	50
LIVRO 2: ECLIPSE de Stephenie Meyer, Hugo Parente, nº13, 11º A	52
LIVRO 3: ORGULHO E PRECONCEITO de Jane Austen, Sílvia Oliveira, nº16, 11º D	54
LIVRO 4: A HISTÓRIA DO SENHOR SOMMER de P. Suskind, Camila Uribe, nº9, 11º A	56
LIVRO 5: CARTA A UMA JOVEM MATEMÁTICA de Ian Stewart, Filipa Correia, nº12, 9º A	57
LIVRO 6: O QUASE FIM DO MUNDO de Pepetela, Ana Cláudia Proença, nº2, 11º A.....	58
LIVRO 7: RECADOS DA MÃE de Maria Gonzalez, Ana Isabel Almeida, nº 1, 9º A	61
LIVRO 8: O RAPAZ DO PIJAMA ÀS RISCAS de Boyne, Alberto Ponces, nº 1, 11º A.....	61
LIVRO 9: O AMOR NOS TEMPOS DE CÓLERA de Gabriel Garcia Márquez, Diana Nogueira, nº 11, 11º A	63
LIVRO 10: O CORPO E O SANGUE DO INQUISIDOR de Evangelisti, Ana Luísa Miranda, nº 4, 11º A	65
LIVRO 11: VOA COMIGO de Maria Teresa M. Gonzalez, Inês Ferreira, nº14, 9ºA	66
LIVRO 12: A VIAGEM DO ELEFANTE de J. Saramago, Bárbara Fafiães, nº6, 11º A.....	67
LIVRO 13: VARJAK PAW de SF Said, Paulo Gomes, nº21, 9º B	69
LIVRO 14: AS BRUMAS DE AVALON de M. Bradley, Inês Salafranca, nº15, 9º A.....	70
LIVRO 15: UM HOMEM NÃO CHORA de Sttau Monteiro, João Pimentel, nº19, 9º A	71
LIVRO 16: O SONHO DUM HOMEM RIDÍCULO de Fiódor Dostoiévski, Ana Biltes, nº1, 11º F	72
LIVRO 17: SORRISOS DE BOMBAIM de Trepát, Joana Baptista, nº15, 11º F.....	73
LIVRO 18: PARA A MINHA IRMÃ de Jodi Picoult, Ana Cláudia Nunes, nº1, 11º D	74
LIVRO 19: AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE de Saramago, Raquel Patrício, nº22, 11º A.....	75

LIVRO 20: APARIÇÃO de Vergílio Ferreira, Ricardo Araújo, nº23, 11º A	77
3. TEMPO DE POESIA.....	78
Texto 1: CRIATIVIDADE NA VIDA DO HOMEM, Sandra Freitas, nº 15, 12º B.....	78
Texto 2: UM DESABAFO, UMA DEFINIÇÃO, Daniela Oliveira, nº 7, 1ºA.....	79
Textos 3: ESCREVER... e 2 POEMAS, Flávia Cruz, nº 10, 1ºA.....	79
Texto 4: DEFINIÇÃO DE AMOR, Patrícia Ferreira, nº 15, 1ºA.....	80
Texto 5: INCERTO DESTINO, Ana Cláudia Proença, nº 2, 11ºA	81
Texto 6: POEMAS, Helena Mota, nº 11, 10º F.....	81
Texto 7: UM POEMA, Carolina Varela, nº 9, 7º E	81
Texto 8: O POEMA AMIGO, Catarina de Sousa, nº 10, 7º E	81
Texto 9: OLHOS BRUTAIS, Paulo Areias, nº 16, 7ºE.....	82
Texto 10: VIDA EM VERSO, Mariana Silva, nº 15, 7ºE.....	82
Texto 11: SOMOS ASSIM AOS...Dyefferson Alves da Costa, nº 7, 10ºC.....	82
Texto 12: AMOR, Ana Sofia Roque, nº 4, 7ºE.....	82
Texto 13: MENINOS DE BATA BRANCA, Fábio Miguel Silva, nº 6, 2ºA	83
Texto 14: PEDRAS NO CAMINHO, Raquel Brandão, nº 16, 1ºA.....	83
4. NOTÍCIAS EM PROJEÇÃO	84
1ª Notícia: UM DIA DIFERENTE, Ana Fonseca, nº1, Cristina Nogueira, nº6, Mariana Santos, nº 15, 3º B	84
2ª Notícia: CRIATIVIDADE EM ACÇÃO, Repórter Picuinhas	85
3ª Notícia: ENCONTRO ENTRE PALAVRAS, Ana, Beatriz, Daniel, Filipa, 9º A	85
4ª Notícia: NO CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Beatriz Almeida, nº4, 9ºA.....	85
5ª Notícia: NO CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Carolina Oliveira, nº4, 9ºD.....	85
6ª Notícia: NO CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Magda Barbosa, nº22, 9ºA	86
7ª Notícia: NO CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Ana Nunes, nº1, 11ºD.....	86
8ª Notícia: NO CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Ana Magalhães, nº6, 11ºE.....	86
9ª Notícia: VISITA AO PALÁCIO DE MAFRA, Joana Pinto, nº 10, 3º A	86
10ª Notícia: VISITA AO PALÁCIO DE MAFRA, Vânia Fernandes, nº 20, 3º A	87
11ª Notícia: VISITA AO PALÁCIO DE MAFRA, Ana Bento , nº2 , 3ºC	87
12ª Notícia: VISITA AO PALÁCIO DE MAFRA, Bruno Daniel, nº 3, 3ºA.....	88
13ª Notícia: VISITA AO PALÁCIO DE MAFRA, André Ferreira, nº 2, 3ºA.....	88
14ª Notícia: CONCURSO LITERÁRIO ESPL 2010, Isabel Fonseca e Margarida Lino.....	88
5. OUTRAS LEITURAS	89
Texto 1: MATERNIDADE, Almada Negreiros, Maria Inês Reis, nº19,12ºB.....	89
Texto 2: Capa do álbum HIS LAST WALK, Blessthefall, Pedro Silva, nº21,12ºD	90

Texto 3: LA CONDICION HUMAINE, René Magritte, Bárbara Lemos, nº4, 12ºD.....	91
Texto 4: Leitura de Imagem, João Moreira, nº14, 12ºD.....	93
Texto 5: ANÚNCIO EDP, Rita Seguro, nº 24, 11ºA.....	94
Texto 6: ANÚNCIO EDP, Ana Rita Relvas, nº 5, 11ºA.....	94
Texto 7: ANÚNCIO EDP, Bruno Baltarejo, nº 7, 11ºA.....	95
Texto 8: ANÚNCIO EDP, Sara Ferreira, nº 24, 11ºC.....	95
Texto 9: ANÚNCIO EDP, Vasco Gomes, nº 28, 11ºB.....	95
Texto 10: ANÚNCIO EDP, Daniela Carolina Pereira, nº 8, 11ºE.....	95
Texto 11: ANÚNCIO EDP, Rita Sofia, nº 17, 11ºE.....	95
Texto 12: ANÚNCIO EDP, Sónia Monteiro, nº 26, 11ºA.....	96
Texto 13: Filme EDUARDO, MÃOS DE TESOURA, Inês Madeira, nº 11, 8ºD.....	96
Texto 14: Filme NANNY MCPHEE, Inês Fraga Madeira, nº11, 8ºD.....	97
Texto 15: Filme NANNY MCPHEE, Ana Sofia Ribeiro, nº4, 8ºD.....	98
Texto 16: Filme NANNY MCPHEE, Ana Carolina Mendes, nº1, 8ºD.....	98
Texto 17: Filme OS CORISTAS, Mariana Borges Baptista, nº20, 9ºC.....	98

NOTA FINAL DE INÍCIO

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projecto com Léguas para ler
e escrever. No Padrão.



Difícilimo é o acto de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos (...) e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim.

José Saramago, *A Jangada de Pedra*

1. A ESCRITA EM PROJECTO

O projecto **Ler Mais e Escrever Melhor** interliga o aperfeiçoamento das competências de leitura e de escrita, como modalidades complementares e interactivas da língua, num *continuum* construtivo de uma mesma competência comunicacional e linguística.

O projecto **Ler Mais e Escrever Melhor** pretende o reforço do aperfeiçoamento da competência comunicativa do aluno, através da resolução de situações-problema e da realização de actividades. Porque a escola é o lugar natural de formação de leitores e escritores, de aquisição do hábito e do gosto pela leitura e pela escrita.

A Escrita em Projecto é uma secção aberta a textos escritos por alunos, professores, pais e funcionários, de autoria singular ou colectiva. Não há restrição de tipologia textual, apenas o cuidado habitual na correcção estrutural e linguística dos textos, que devem ser apresentados em suporte informático, prontos para publicação.

Texto 1: CRIATIVIDADE, Sara Aguiar nº 16, 12º E

Data de edição: Janeiro 2010

Não há, nem pode haver, a menor dúvida de que a criatividade é, e sempre foi, a melhor forma de, não só conhecermos outras culturas e outras pessoas, mas também de nos conhecermos a nós próprios.

É através da criatividade expressa através da arte e da literatura que podemos conhecer o próprio Mundo, na sua fase mais antiga e na mais recente. Para provar tal teoria, basta o exemplo da maior descoberta de todos os tempos: a roda. Com certeza que a criatividade foi um grande e importante factor que ajudou à sua descoberta.

Não só expressa através da arte e da literatura, a criatividade também pode ser encontrada na nossa própria personalidade. É através dela que nos diferenciamos uns dos outros e que mostramos o nosso verdadeiro "eu". É, também, em grande parte, devido à criatividade que somos o que somos hoje e a sociedade se encontra tão desenvolvida. Se não fosse ela, não tínhamos, por exemplo, computadores para nos "facilitarem a vida", nem nos podíamos diferenciar das outras culturas, pois as nossas vestes seriam todas iguais.

É bom sermos diferentes e podermos mostrar uma nova faceta, sempre que quisermos, uma vez que se fôssemos todos iguais e todos perfeitos, o Mundo seria um verdadeiro tédio.

Em suma, a criatividade é uma maneira de fugirmos à rotina e, acima de tudo, é uma forma de nos expressarmos e de libertarmos os nossos pensamentos mais profundos.

Texto 2 : A CHICLETE, Soraia Coimbra, nº 27, 11ºA

Data de edição: Janeiro 2010

Chicla, pastilha elástica, chewing gum, chiclete. Há quem a use como calmante para os nervos, há quem a mastigue só por mastigar, há quem a masque porque a comprou só para gastar dinheiro, há quem a mastigue por vício, há quem a use para colar debaixo da mesa, ou simplesmente para poluir o ambiente. Ou, até mesmo, para substituir um outro vício (por ex: o tabaco). Há quem compare a chicla ao amor, pois é mastigada e deitada fora, quando as pessoas já estão fartas dela.

Eu, cá por mim, fico-me pelo hábito. Mastigo a minha espessa amiga de vez em quando, fico na minha. Relaxada, mas sempre vítima dos olhares atentos da minha professora de Português, que tende sempre para me apanhar. Mas, um dia, quem a vai apanhar sou eu. Vou mascar um pacote inteiro na aula de Português e não vou ser apanhada.

Estou confiante de que vou ser capaz.

Texto 3: UM OLHAR À NOSSA VOLTA, Ana Rangel Silva, nº 2, 12ºE

Data de edição: Janeiro 2010

(Quem sou eu para falar de arte e criatividade? As minhas palavras não vão ser mais do que a voz de uma ouvinte, leitora e, quiçá, apreciadora.)

A arte é algo profundo e muito intenso que vem de dentro de qualquer pessoa.

Para uns, basta uma caneta para registar momentos únicos no papel; para outros, uma simples pincelada perpetua um sorriso, um abraço, uma lágrima, uma paisagem numa tela.

No entanto, não posso apenas mencionar aqueles casos raros que deixam qualquer um de boca aberta com a sua obra, estou a falar daqueles artistas que espelham os nossos sentimentos, as nossas emoções, como nós próprios não somos capazes.

Existem muitos outros seres na sociedade que, no dia-a-dia, mostram o seu lado criativo. E passo a citar alguns casos que conheço bem: no prédio onde eu vivo, vive também a D. Aurora. Todas as noites, ela entoava suaves canções e conta as mais fantásticas histórias de embalar, tudo para o seu rico filho adormecer e ter sonhos da cor que ele quiser pintar.

O senhor João tem uma padaria no centro da cidade e sempre que confecciona um novo bolo, tenta arranjar um nome que deixe todos os clientes admirados. O meu doce preferido é o "esponja de chocolate".

Cá, vive também a Juliana, a quem a criatividade não falta nas pontas dos dedos, quando, todas as manhãs maquilha aqueles seus olhos verdes - lima.

Todas estas pessoas são pessoas comuns que, sempre que passam por mim, me lançam um *olá*. Todas elas são artistas, com uma criatividade exorbitante que usam ao longo do dia e da qual nem se apercebem.

E eu, eu podia mencionar nomes de artistas excêntricos e formas de arte complexas, mas, para mim, esta é a criatividade que mais aprecio ao olhar à minha volta.

Texto 4: MEDITAÇÕES E PERTURBAÇÕES, Ana Santos, nº 4, 12º E

Data de edição: Janeiro 2010

Bem-vindos ao mundo *high-tech*. O meu texto, ou ensaio, como lhe queiram chamar, pretende ser uma reflexão sobre o estado da arte hoje, no amanhecer do século XXI.

Em primeiro lugar, a meu ver, a criatividade é indissociável da originalidade e a criatividade será algo como a capacidade de produzir algo inovador, inesperado, novo. A obra criativa será, de certa forma, o reflexo das vivências do indivíduo, uma marca da sua interioridade. Para que tal criação possa ter lugar, é necessário que o potencial criador seja estimulado. Não pensemos, contudo, que esses estímulos se reduzem à capacidade do *talent de bien faire*, isto é, aprender a ler e a escrever, o "saber" pintar, e por aí adiante; para que haja um apelo interior urgente de criar, aquele que acumule em si o génio artístico tem de partir para outros domínios que não se fiquem pela técnica. O indivíduo criativo tem de mergulhar na descoberta de si próprio - a busca do auto-

conhecimento. Pelas palavras de Bernardo Soares "através de conhecer-me inteiramente, conheço inteiramente a humanidade toda". Não haverá na nossa vida algo de mais belo do que ela própria, quando plenamente concretizada e quando o indivíduo é fiel a si mesmo.

Que espaço, tempo e capacidade nos dá hoje o mundo para nos largarmos nessa viagem? As máquinas ocuparam-se da tarefa da criação; restam-nos cópias de cópias de cópias. Fica um corte brusco, ainda que simulado, com o passado e uma impossibilidade desconcertante de viver o futuro. Vive-se o presente, o momento, consome-se tudo imediatamente. Este *agora* é-nos retirado por falsos problemas, dilemas, necessidades materiais e artificialismos. A árdua tarefa de se encontrar consigo mesmo é facilitada (e esquecida) a cada um através do pronto-a-vestir, pronto-a-comer, pronto-a-aquecer, pronto-a-fazer, pronto-a-pensar, pronto-a-ser.

A criatividade, juntamente com aqueles de quem deveria surgir, está a murchar, e é urgente abalar as fundações deste simulacro de existência.

Texto 5: PRISCILA, NOME DE FLOR, Mafalda, nº 14, 12º E
Data de edição: Janeiro 2010

Priscila é nome de flor: estrelícia. Contentamento de sonetos a encher o peito, flores no peito, diria. Que majestoso é - flores como facas, flores como pássaros (abutres encantados, perfumados). Há muita feitiçaria na cor e na forma. Perdoem-me as palavras, todas. Bruxedo. Priscila, meu amor, é uma bruxa do mundo novo. Gosta de música electrónica e enche a boca para dizer pão com manteiga, ou flores vermelhas. É uma menina, rosada e maligna. Beleza ascética, entendimento mordaz (pele doce, como nunca vi). Quando a espiral do seu regaço me cegou, fui feliz ou alegre ou rei ou deus.

Tem as unhas dos pés sempre pintadas de vermelho, como as senhoras finas e elegantes. Gosta de subir e descer as escadas enquanto me diz que se eu ousar rasgar-lhe os joelhos, se eu ousar ser uma pedra, ela pode matar: *eu vou-te matar se tu...* Gosta de me beijar as pernas enquanto procuro uma frase. Priscila é um gato preto. Bruxedo. Senta-se no chão, depois do banho, com as mãos cheias de gomos de laranja, beija-me as pernas e obriga-me a fazer promessas idiotas e autodestrutivas: sim, eu juro que me embebedo muitas vezes, quando tu morreres, e juro que nunca mais ouço música bonita e juro que não pego nos meus livros de poesia e juro que abandono as árvores de fruto e juro que não trago flores para casa e juro que me torno desempregada e juro que morro de fome.

Sentamo-nos num passeio latino-americano às oito horas da noite com a barriga a pedir pão e as mãos vazias, como se o amor não fosse uma coisa que se tem nas pontas dos dedos. Cruzes, Credo. Quiseste abandonar-me ali; pensaste que, se fugisses, os cães pudessem comer-me, as galinhas pudessem bicar-me a pele, os homens pudessem converter-me ao cristianismo, as palavras pudessem para sempre levar-me com elas para livros a que nunca ninguém teria acesso. Túmulos. Com o sangue assim parado, eu mesma desconfie de ti, mulher. Há uma promessa com o mar lá dentro. Há uma vida inteira no teu crânio pequeno. Os teus pulsos marcados são, para mim, casas de férias ou passagens para a vida eterna. Mulher, afoga a minha fome e deixa-me existir na ténue sombra que te separa de mim. Esquece a música e os versos e as especiarias e a Coca-Cola fresquinha. Esquece-te de mim, por favor.

Apressadamente, ou demoradamente, beijei-te o joelho nu como se me despedisse. Caminhei sozinha como nunca, como se me chovesse em cima, como se as minhas costas fossem as costas de Deus antes da luz, como se a ordem natural e necessária das coisas fosse uma cama com lençóis brancos e frescos onde eu jamais pudesse acordar: não mais poderás adormecer. E seguiram-se noites e o meu cabelo caiu e eu tive cancro no pulmão a sério. Comi tudo o que me mandaram, li livros ligeirinhos, acompanhei a minha mãe à missa três vezes. Bruxedo.

Texto 6: A LIBERDADE, Ana Rangel Silva, nº2, 12º E
Data de edição: Janeiro 2010

O ser humano é dotado de uma liberdade interior e exterior. Tem ao seu dispor uma capacidade enorme de poder ser quem quer e de agir como bem entende.

Assim, o Homem tem possibilidades de agir incorrectamente e de ser até desumano. Por isso, são necessárias certas normas, um certo limite para que seja possível viver em harmonia na sociedade.

Esta capacidade de que falo foi difícil de conquistar. Foram precisas imensas lutas para encontrar a liberdade no mundo. O ser humano lutou sempre a favor dos seus direitos: lutou contra a escravatura, contra o tráfico humano, contra a guerra, contra a desigualdade entre os sexos e, hoje em dia, luta a favor dos casamentos homossexuais. Por isso se pode dizer que as lutas pela liberdade são infinitas.

No entanto, se olharmos bem à nossa volta, apercebemo-nos de que estamos um tanto ou quanto presos. No meu caso, eu vivo entre quatro paredes, aprendo entre quatro paredes e trabalho entre outras quatro paredes. Apesar disso, sinto-me suficientemente à-vontade para me achar uma pessoa livre. Mas mais livre que os meus actos, é a minha consciência. Lá, posso pensar, sonhar com o que me apetece. O meu eu interior é um lugar maravilhoso onde só eu entro e de lá não saio, e por nunca sair de lá é que, por vezes, se torna fatigante tê-la sempre comigo. Quando faço algo de errado, ela não hesita em reprimir-me e em punir-me, depois vêm os remorsos, os arrependimentos, que vão já sendo muitos, acumulados.

Mas afinal devemos-nos sentir muito agradecidos a todos os nossos antepassados que não se cansaram de todos os esforços até fazerem as suas justiça, até conquistarem a liberdade. Porque ela não é só uma aspiração, é também um dever de cada um.

**Texto 7: Vos estis sal terrae – Do latim para a realidade, Ana Cláudia, nº2, 11º A
Data de edição: Janeiro 2010**

O homem sempre ambicionou o poder. A corrupção, com o tempo, é inevitável se o poder não for moderado pelos valores que estabelecem a nossa humanidade.

Durante o período Barroco, época de exageros e aparências, a Igreja ganhava poder com as grandes obras. Os homens poderosos “calcavam” os pequenos para conseguirem aquele poder que saciava temporariamente a sua ambição. O padre António Vieira, vivendo em plena época Barroca no Brasil, lutou pela ideia cristã de igualdade entre os homens que, devido a interesses económicos dos reis ibéricos, era negligenciada com a aprovação da escravidão dos índios pelos colonos.

Nos nossos dias, ainda existem injustiças, corrupção e vaidade. Ainda existe exploração infantil na China, em fábricas de empresas de renome e ainda existe discriminação racial, muito evidenciada nos famosos bairros dos Estados Unidos da América. Estas não são atitudes baseadas em valores correctos, mas felizmente são combatidas pela humanidade em nós, inculcada desde sempre por quem é puro de coração, seja cristão, budista ou hindu. Felizmente, há quem lute contra a exploração humana e animal, a fome e a discriminação, cada vez com mais força e determinação.

Contudo, os exemplos a que somos expostos, quando somos crianças, têm grande influência nos valores que protegemos e seguimos no futuro. A educação começa e sempre começou em casa. No século XXI, uma parcela maioritária da população infantil dos países desenvolvidos passa mais tempo na escola do que com a família. Este facto atribui um aumento de responsabilidade do futuro moral dos pequenos adultos às escolas. Terão estas a capacidade de responder a esta necessidade de inculcar valores à crescente multidão de crianças e adolescentes rebeldes que nasceram numa era em que possuem tudo e que raramente sentem verdadeira necessidade de algo?

Homens como o padre António Vieira ainda existem. A sua voz é uma pequena luz na escuridão que faz brilhar mais ainda as nossas, por muito apagadas que sejam, incentivadas pelos valores que constituem o âmago da nossa alma humana. O que será essa luz? Ninguém sabe. Terão os pais e a escola a função dessa luz? Sem dúvida que sim. E será que cumprem a sua função? A resposta reside em quem prega e quem ouve, ou seja, se a terra é salgada. “*Vos estis sal terrae*”.

**Texto 8: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, Inês Salafranca, nº 15, 9ºA
Data de edição: Janeiro 2010**

A gente começa por pedir emprestado e acaba por pedir esmola. Hemingway, *O Velho e o Mar*. Eu considero esta frase muito sábia, pois demonstra que o velho sabe sobre a vida e que tem valores. Os valores são muito importantes para a vida de uma pessoa. São os valores que distinguem as pessoas e que mantêm a consciência das pessoas tranquila. Infelizmente,

hoje em dia, os valores estão cada vez mais esquecidos e desvalorizados. Antigamente, a palavra de um homem valia muito, hoje não vale nada. O que eu não entendo é como as pessoas vivem bem consigo próprias, sem humildade, perseverança e honestidade, pois são poucas as que têm esses sentimentos. Para mim, é fundamental que a sociedade preze os valores humanos. O homem é valorizado pelos seus valores.

Texto 9: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, Daniel Marques, nº 9, 9ºA

Data de edição: Janeiro 2010

Mas nada há que seja fácil. Hemingway, *O Velho e o Mar*.

Eu escolhi esta frase porque transmite uma certa perseverança. Devemos ser firmes, persistentes nos nossos objectivos, tentar sempre até esgotarmos as nossas energias, e não desistir no primeiro obstáculo que nos apareça. Devemos sempre lutar por aquilo que queremos. Devemos ser obstinados. Só assim é que poderemos concretizar os nossos objectivos e seguir em frente.

Devemos saber que nem sempre é fácil alcançar os nossos ideais, mas que também pode não ser "impossível", por mais difícil que seja.

Texto 10: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, José Carlos Moura, nº 20, 9ºA

Data de edição: Janeiro 2010

Mas tenho passado por coisas piores. Hemingway, *O Velho e o Mar*.

Esta frase significa que o velho passou por situações mais difíceis do que aquela em que ele tentava pescar o grande peixe. No texto, podemos encontrar elementos que nos explicam que a vida do velho foi bem difícil: o facto de já ser viúvo, as grandes marcas nas mãos que simbolizavam os esforços que ele já tinha feito, entre outras.

O grande peixe que o velho pescou teria sido certamente uma das coisas mais difíceis de concretizar, mas certamente não foi a situação mais difícil.

Texto 11: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, Carla Badim, nº 6, 9ºA

Data de edição: Janeiro 2010

Mas nada há que seja fácil. Hemingway, *O Velho e o Mar*.

Eu escolhi esta expressão, «Mas nada há que seja fácil», porque mostra que a realidade é essa. Como Santiago afirma, não há nada fácil. É mesmo verdade, pois nesta vida, às vezes, o que nos parece fácil é difícil e vice-versa. Esta expressão faz-me lembrar aquela famosa frase: «Se tudo fosse fácil, o mundo não tinha piada», porque é mesmo assim. Hoje em dia, assistimos a facilitismos em muitas ocasiões e a vida não pode ser assim.

Eu concordo com Santiago, mesmo as coisas que nos parecem fáceis a nós, a muitas outras pessoas não parecem e são complicadas. Portanto, é mesmo assim. Não há nada que seja fácil, tudo é difícil mesmo que nós não o vejamos assim.

Texto 12: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, Bruno Santos, nº 5, 9ºB

Data de edição: Janeiro 2010

Um homem pode ser destruído, mas não derrotado. Hemingway, *O Velho e o Mar*.

Esta frase demonstra a força, a determinação e a coragem de um homem. Por muita dor e por muito sofrimento que um homem possa passar, ele nunca se dá por vencido. Mesmo quando tudo à sua volta parece perdido, ele continua a lutar até finalmente atingir as suas metas e objectivos.

Texto 13: OS VALORES NO SÉCULO XXI, Mário Freitas, nº 17, 11ºA

Data de edição: Janeiro 2010

No séc. XXI, existem aspectos que podemos discutir acerca dos valores evidenciados no sermão de Santo António.

A justiça social, neste século, tem muitas lacunas. Por exemplo, celebridades que cometam crimes, em muitos casos não são condenadas, ou, se o são, apenas têm uma condenação pequena. Se uma pessoa mais pobre comete exactamente o mesmo crime, tem

uma pena muito mais severa do que a das celebridades. Isto mostra a desigualdade que existe, hoje em dia, no nosso mundo.

Neste século, outro valor, a solidariedade, vê-se cada vez menos, exceptuando raros casos. Também a honestidade é algo que muita gente foi “esquecendo”, ao longo do tempo. Grande exemplo disso é, por vezes, quando uma pessoa é incriminada injustamente por algo que não fez. A pessoa responsável por esse acto não é capaz de assumir o seu erro, preferindo que outros tenham o castigo que a eles era dirigido.

Na crise de valores do séc. XXI, a função da escola é tentar sensibilizar os alunos, para este mesmo facto. A sua função é inculcar esses mesmos valores aos alunos. Em suma, penso que é preciso uma maior intervenção, quer a nível escolar quer a nível parental, para inculcar valores nas crianças, para que, no futuro, estas os tenham e não cometam erros.

Texto 14: A IMPORTÂNCIA DOS VALORES, Tiago Rocha, nº 26, 9ºD
Data de edição: Janeiro 2010

Na minha opinião, os valores são muito importantes. Para mim, os valores essenciais a ter em atenção são: o respeito, a amizade, a generosidade, a honestidade e a educação. Principalmente para com os mais velhos, mas também para com as outras pessoas.

Eu acho que, neste século XXI, as escolas têm um papel fundamental, porque não só devem ensinar a Matemática, o Inglês, as Ciências, mas também devem ensinar a educação e o companheirismo. Os valores têm um espaço importante na nossa vida, pois se estes não existissem o mundo seria pior do que já está.

Texto 15: OS VALORES NO SÉCULO XXI, André Baía, nº 2, 9ºD
Data de edição: Janeiro 2010

Os valores são uma das melhores qualidades dos seres humanos, pois são eles que fazem com que as pessoas pratiquem, ou não, certas acções que as podem levar pelo melhor ou pelo pior. Com o passar dos anos, os valores têm mudado e o seu significado também. No nosso tempo, no séc. XXI, os valores têm um significado importantíssimo, pois podem-nos levar à glória. A escola é importante, pois é o local onde os jovens aprendem e são educados, onde os valores devem ser ensinados e explicados, para uma vida digna e de sucesso.

Texto 16: OS VALORES EM O VELHO E O MAR, Maria Pinto, nº 23, 9ºA
Data de edição: Janeiro 2010

Não sou religioso. Mas vou dizer dez Padre-Nossos e dez Ave-Marias, para que apanhe este peixe, (...). Isto é promessa. Hemingway, *O Velho e o Mar*. O velho sentia-se tão desesperado para poder comer e conseguir sobreviver, que até recorreu a uma entidade em que não acreditava, como Deus. Ou seja, a força de vontade de viver era tanta que, para que se pudesse salvar, recorreu a promessas religiosas. Isto é uma lição de vida para nós todos, porque necessitamos de acreditar em alguma coisa que nos faça ultrapassar os problemas que vão surgindo ao longo da vida e precisamos de força para os resolver.

Texto 17: A IMPORTÂNCIA DOS VALORES, Tiago Ramalho, nº 28, 9ºD
Data de edição: Janeiro 2010

Durante a leitura e o estudo da obra “O Velho e o Mar”, a frase sobre a vida que mais me marcou foi “Mas o homem não foi feito para a derrota – disse – Um homem pode ser destruído mas não derrotado”. Acho que esta frase tem uma mensagem importante, porque nos diz que nunca devemos desistir dos nossos objectivos, nunca devemos deixar de tentar, pois o verdadeiro fracasso não é perder, mas sim desistir.

Na minha opinião, valores como o respeito, a lealdade, a justiça, a honestidade, a sinceridade andam um pouco perdidos nos dias que correm, principalmente nas grandes cidades. As pessoas mal conhecem os vizinhos e ignoram os indivíduos que pedem ajuda nas ruas, como os sem-abrigo. Penso que nas aldeias a situação é diferente, já que as pessoas se conhecem umas às outras, não hesitam em ajudar e saúdam-se sempre com um “Bom dia” ou “Boa tarde”. A escola deveria ser um meio de transmissão dos valores fundamentais, pois os alunos serão os homens do amanhã.

Texto 18: OS VALORES NO SÉCULO XXI, Marcos Freitas, nº 18, 9ºD
Data de edição: Janeiro 2010

Na actualidade, os valores mais importantes são: Respeito, Ajuda, Educação, Saúde, Justiça, Compreensão, Igualdade, Liberdade.

Neste século XXI, existem várias situações em que não existe respeito nem valores. As guerras (falta de liberdade), a pobreza (desigualdade), a má assistência médica (falta de saúde) são casos de falta destes valores. Estes valores são muito importantes, pois todos temos direitos e não somos menos ou mais do que os outros. Isto tem de ser ensinado na escola, de forma a diminuir estas situações de diferença e de inexistência de valores.

A escola não é só estudar, mas sim aprender como viver a vida.

Texto 19: A IMPORTÂNCIA DOS VALORES, Ricardo Correia, nº 21, 9ºD
Data de edição: Janeiro 2010

Os valores são importantes, porque precisamos deles todos os dias. E a melhor forma de aprender a importância dos valores é na escola, pois passamos uma pequena parte da nossa vida na escola, para sabermos aplicá-los durante toda a nossa vida.

Todos os valores são importantes, desde a ajuda à amizade, mas há uns mais importantes do que outros. Os que eu considero mais importantes são o valor amizade, o valor amor, o valor respeito e o valor ajuda. A escola é um lugar para aprendermos estes valores, mas a nossa maior escola é a vida, pois é ao longo dela que vamos aprendendo estes valores e como aplicá-los.

Texto 20: A POLUIÇÃO, Andreia Filipa Gonçalves, nº 4, 9ºB
Data de edição: Janeiro 2010

Em pleno século XXI, o assunto mais falado é a poluição. Todas as pessoas são culpadas por a poluição ter chegado ao nível a que chegou, pois na rua vemos indivíduos a atirar desperdícios para o chão e sentimos na saúde os malefícios da poluição. O lixo demora anos a decompor-se no solo. E são esses anos que vão faltar quando o mundo acabar. Devemos todos reciclar, pois não é só a nossa espécie que está em risco, mas todas as espécies do mundo. Com simples gestos, como reciclar, podemos acabar com esta situação e salvar milhares de hectares que servem de *habitat* para os animais e salvarmo-nos a nós próprios.

Muitos animais já estão extintos devido a humanos que depositam lixo nos seus *habitats*, bem como devido ao fumo de carros e de fábricas, que constantemente poluem o ar.

Texto 21: A INTERNET E A LÍNGUA PORTUGUESA, Mariana Miranda, nº 20, 11ºB
Data de edição: Janeiro 2010

Actualmente a Internet é indispensável a várias profissões. No entanto, esta está ameaçar a Língua Portuguesa.

Desde estudantes a funcionários públicos, siglas como "www", entre outras, fazem parte do vocabulário usado no dia-a-dia. Mas afinal, estas palavras fazem parte do Português? Como resposta basta pegar num dicionário actual da Língua Portuguesa. Procura-se "Internet" por exemplo e lá está ela entre "Internauta" e "Interno". Mas não se fica por aqui. No final do dicionário, encontra-se também um glossário dedicado a estas palavras, entre outras.

Este não é um fenómeno recente. Consultando um dicionário da mesma editora, da Porto Editora de 2001, encontram-se também estas palavras, não tendo no entanto páginas dedicadas só para si, o que só mostra que têm conquistado a sua importância.

Estas palavras são classificadas como empréstimos, pois são directamente importadas de outra língua. Ora, são as palavras que formam a Língua e se estamos a adoptar palavras inglesas podemos dizer que o Português está a ser "infectado". E tal como uma infecção, depois de alastrada, é muito difícil de conter.

Durante uns anos o Ministério da Educação alertou os professores para o uso de palavras como correio electrónico em vez de e-mail, numa tentativa de levar os mais jovens a adoptar estas palavras, mas não obteve resultados. Segundo um estudo realizado pelo INE e pelo UMIC em 2004, 26% dos portugueses tinha acesso à Internet em casa. Observa-se assim, entre 2002 e 2004, um crescimento médio anual de 33%, o que é uma enorme evolução tecnológica, mas significa também grandes perdas no bom Português.

Apesar do uso da Internet ser indispensável, as palavras associadas à Internet estão a ameaçar a Língua Portuguesa e cabe aos portugueses decidirem o que fazer relativamente a este assunto. Vamos continuar a deixar a nossa língua ser ameaçada?

Texto 22: ESCREVER É... Lia Dias Oliveira, nº 20, 8ºA
Data de edição: Fevereiro 2010

Escrever é reflectir, acho que acima de tudo escrevo para reflectir, pensar em assuntos que, às vezes, é difícil deitar cá para fora, assim utilizo a escrita como meio de reflexão.

Desde pequenina tenho um diário, já vou no 3º e talvez é por isso que ganhei o gosto pela escrita e quando começo é difícil parar. Por isso, para mim, escrever é algo próprio, para mim é um gosto, para outros escrever é só um verbo. Enquanto para uns é só uma maçada ter de escrever, seja sobre o que for, para mim é... giro, e por vezes analgésico, não sei, mas faz-me bem quando preciso de falar. É difícil falar sobre escrever, para mim uma das dificuldades da escrita é falar sobre a própria escrita. O que me está a confundir mais neste texto é mesmo isso "falar sobre escrever..." é engraçado mas, ao mesmo tempo, confuso. Além dessa dificuldade, quando escrevo misturo muitos assuntos, parece que a minha escrita é extrovertida, é como se a escrita tivesse a sua própria personalidade. Através dos textos passamos a conhecer outra faceta de cada um, acabamos por nos conhecer melhor. Pelo menos, eu deixo muito de mim nos meus textos, desde a minha maneira de pensar à minha personalidade.

E é por isto que escrever é uma coisa de cada um... Melhoraria a minha escrita se fosse capaz de idealizar primeiro o meu texto, mas perdia toda a piada e a criatividade do texto. Bem (resumindo), a escrita para mim é um *hobbie*, adoro!

Texto 23: Fábula A AMIZADE NÃO ERA VERDADEIRA, Susana Ribeiro, nº 25, 7ºA
Data de edição: Fevereiro 2010

Era uma vez dois ursos, Winie e Pooh. Winie e Pooh eram muito amigos.

Certo dia Pooh, quis contar ao Winnie que tinha um segredo. O seu segredo era: que quando era mais novo, foi dar uma volta com o seu irmão mais novo, Marte, sendo Pooh o responsável. Pooh virou-se por uns instantes para beber água num riacho e, quando se voltou, o seu irmão Marte já não estava lá, tinha desaparecido. Pooh ficou muito preocupado e a pensar que a culpa tinha sido dele, mas guardou este segredo só para si até agora. Entretanto Pooh pediu a Winie que guardasse este segredo e que não contasse a ninguém.

Passada uma semana, já o segredo de Pooh andava pela boca da Animalândia. E a amizade de Winie e de Pooh acabou. Moralidade: "Por vezes podemos ter grandes amizades, mas não sabemos se são verdadeiras".

Texto 24: Fábula O CANÁRIO MALCRIADO, António Gonçalves, nº 4, 7ºC
Data de edição: Fevereiro 2010

Era uma vez um canário que não parava quieto, era muito teimoso e malcriado.

Pregava partidas o dia todo. De manhã pregava partidas às aves vizinhas, destruía-lhes os ninhos, roubava ovos, etc. Fingia que era um santo mas depois fazia coisas muito más. Troçava dos mais velhos, irritava-os e roubava-lhes a comida. Não tinha casa fixa, uns dias dormia aqui, noutros ali.

Um dia um poderoso falcão mudou-se para aquela área. Este era muito forte e impiedoso. O atrevido canário decidiu pregar-lhe uma partida, mas o falcão já estava alertado pelas outras aves. Nesse dia o falcão escondeu-se e, mal o atrevido apareceu, deu-lhe uma lição. A partir daí, o canário nunca mais se portou mal e ajudou as outras pessoas.

Nunca se deve irritar as outras pessoas

Texto 25: Fábula O POMBO INTELIGENTE, Inês Álvaro, nº 15, 7ºC
Data de edição: Fevereiro 2010

Havia, há muito tempo atrás, um pombo pequeno e fraco, mas que possuía uma inteligência suprema. Ele queria muito ser um pombo-mensageiro, mas pelas suas características, era quase impossível. Por sorte, a sua mãe conhecia o comandante de uma

frota de pombos-correios e pediu-lhe se o seu filho podia ser um pombo-mensageiro, seu ajudante. Ele disse-lhe que sim.

No seu primeiro dia de "trabalho", quando se dirigia para a beira dos seus companheiros, eles começaram a gozá-lo, pois eram grandes e fortes, ao contrário dele que era pequeno.

Lá, ele aprendeu que os seus grandes inimigos eram as águias, poderosas e majestosas e que tomariam "conta" de qualquer pombo que se pusesse à sua frente. Cheio de medo, mas confiante, o pombo começou a sua primeira missão como pombo-mensageiro. A meio do percurso lá estavam elas. O pequeno e novo pombo não sabia o que fazer, mas nessa altura teve uma brilhante ideia: descerem para baixo e começarem a atacar por baixo, pelos lados e por trás. Então, foi indo e dizendo a sua ideia aos companheiros. Eles começaram a fazer isso, as águias riam-se, pensando que os pombos estavam com medo, mas de repente os pombos começaram a atacar e deram "conta" do inimigo. Entregaram a mensagem e tudo ficou bem.

Os companheiros do pequeno pombo verificaram que mais vale ser-se pequeno e fraco mas inteligente do que ser-se grande e forte mas não tão esperto.

Texto 26: Fábula A RAPOSA, Pedro Castro, nº 20, 7ºC

Data de edição: Fevereiro 2010

Era uma vez uma raposa matreira, que vivia numa floresta onde viviam vários animais. A raposa, esperta que era, decidiu ir caçar. Passou pela toca dos coelhos:

- Têm pouca carne, não me serve!

Passou pelo lago, onde se encontravam patos:

- Não me apetece molhar, murmurou.

Até que, depois de procurar, observou, num campo de trigo, veados a alimentarem-se.

-Hmhmhm, já encontrei o meu jantar! Aquele é o melhor, ou será o outro? – perguntou a si própria. É o mais suculento aquele ali, ou o outro lá do fundo?

A raposa, depois de tanto decidir, já tinha escolhido uma opção, mas quando já se preparava para ir atacar, já os veados tinham fugido todos. Então, regressou a casa com a barriga a roncar, sem o jantar que tanto desejava.

Moral da história: Quem tudo quer tudo perde.

Texto 27: Fábula A RAPOSA E O GALO, André Santos, nº 3, 7ºD

Data de edição: Fevereiro 2010

Era uma vez uma raposa muito esperta. Um dia, passeando, viu uma capoeira cheia de galinhas. Entrou lá dentro e comeu uma.

Póh, poh poh poh, phóo...

No dia seguinte a raposa construiu, junto à capoeira, uma casa. Dentro da casa escavou um túnel que ia dar à capoeira. E todas as noites comia uma galinha.

Póh, poh poh poh, phóoo...

Um belo dia o dono das galinhas trouxe um galo, grande e bonito, e meteu-o também na capoeira. Mas, como o galo não gostava dos poleiros, voou para cima de uma árvore, e assim escapou à raposa, que por mais que tentasse não conseguia apanhá-lo.

Có, có-có-ri-có, có...

Desesperada, a raposa começou a pensar como é que podia apanhar o galo, que era bastante maior que as galinhas e mais tenrino e saboroso. Inventou então uma história, que lhe teria sido contada pelo dono da quinta, e que era assim: "a partir de agora todos os animais tinham que ser amigos entre si, e nenhum podia comer o outro."

Póh, poh poh poh, phóoo...

E a raposa começou a cantar:

- Hoje é um dia muito feliz! Hoje é um dia muito feliz!

O galo pensou que a raposa estava maluca, e perguntou-lhe:

-Por que estás tão alegre?

-Porque, a partir de hoje, todos os animais têm que ser amigos uns dos outros. Desce, meu amigo galo, que eu quero dar-te um abraço e um beijinho. O galo, desconfiando do que ela lhe dizia e para a pôr à prova, gritou-lhe: -Ainda bem que assim é, pois vem aí a matilha dos ferozes cães da quinta! A raposa, cheia de medo e já correndo, disse-lhe:

- Adeus, já me estava mesmo a ir embora.

E metendo o rabo entre as pernas fugiu, nunca mais sendo vista por aquelas paragens. Então o galo pensou:

-Tão esperta, tão esperta, mas não me enganou!
E a paz voltou a reinar na capoeira. Póh, poh poh poh, phóoo... Có, có-có-ri-có, có....

Texto 28: Fábula O SALVAMENTO, Mariana Correia, nº 20, 7ºD

Data de edição: Fevereiro 2010

Era uma vez um espelho que era mágico. Ele vivia numa aldeia, que tinha um templo. Todos os dias, vinham pessoas e animais da aldeia para visitá-lo e para lhe fazerem perguntas. O espelho mágico era mais ou menos como um vidente.

Havia uma pessoa que não gostava desse espelho. Era o rei dessa aldeia. Quando o espelho veio para a aldeia, o rei começou a ter poucas visitas.

Há muito tempo que o rei queria livrar-se dele, por isso, quando anoiteceu, o rei tirou o espelho do templo e atirou-o ao rio. De manhã, as pessoas e os animais ficaram tristes por não terem o espelho com eles. Todos os animais da aldeia foram à procura do espelho mágico, até que o líder, que era um cão, lhes disse:

- Nós temos que nos dividir! Por isso vai haver três grupos. Um grupo vai para a floresta, outro procura na aldeia e o meu vai ao rio!

Depois de muito procurar, o grupo do líder estava prestes a desistir, quando o cão disse:

- Nós não podemos desistir. Temos que trabalhar porque juntos podemos fazer tudo!

- Tens razão! Olha, estou a ver o espelho no rio, vamos apanhá-lo.

Quando chegaram à aldeia, as pessoas agradeceram aos animais por terem encontrado o espelho e comemoraram com uma festa.

Por isso, se trabalharmos juntos, conseguimos o que queremos!

Texto 29: Fábula O PATO MALDOSO, Cláudia Fonseca, nº 7, 7ºC

Data de edição: Fevereiro 2010

Era uma vez um pato chamado Filipe e que era muito mau.

Um dia o pato Filipe pregou uma partida ao seu amigo Castor Castro.

O Castor Castro disse:

- Em breve vais ver que alguém te vai fazer pagar por aquilo que fizeste.

- AH, AH, AH! –riu-se o pato Filipe – coitada dessa pessoa.

O Castor Castro foi-se embora e o pato Filipe continuou a rir-se.

Numa Terça, na cidade de Vilanova, Filipe dizia olá às pessoas e ninguém lhe ligava, mas o Filipe não queria saber disso.

Filipe foi à loja do seu grande e velho amigo, o cão Aníbal, e perguntou-lhe:

- O que se passa com as pessoas da cidade?

- Não sei – respondeu o Aníbal.

- ... Está bem, obrigado – declarou o Filipe.

Filipe entrou na sua casa e pisou uma linha que fez activar um balde com lama e outro com cenouras.

O pato Filipe, quando viu os seus amigos a rirem-se dele, perguntou:

- Por que se riem de mim?

- Rimo-nos porque recebeste o que merecias: depois das partidas que nos pregaste, também merecias uma.

O Filipe chorou, mas os seus amigos consolaram-no e disseram que era uma brincadeira.

Ele aprendeu que ser mau também tem consequências.

Texto 30: Fábula A AVE E A RAPOSA, Bárbara Dias, nº 5, 7ºC

Data de edição: Fevereiro 2010

Era uma vez uma ave que era bastante esperta, mas tinha uma "inimiga". Perto de si morava uma raposa, que também era bastante esperta. A ave parecia ter alguma inveja, pois a raposa, para além de ser esperta, também era muito matreira, e fazia com que toda a gente fosse amiga dela. A raposa estava sempre a fingir ser amiga da ave, mas o que realmente queria era mostrar-lhe que era mais esperta que ela.

Um dia, a ave decidiu fazer uma prova, onde ambas tinham de responder a várias perguntas, que não eram nada fáceis. Foi ter com a raposa e perguntou-lhe se aceitava o desafio; ela não hesitou, e respondeu que sim. No dia da prova, a raposa inventou que estava

doente e a ave, preocupada, foi a casa dela ver como é que ela estava. Mas, quando chegou a casa da raposa, teve uma surpresa: a raposa não estava nada doente, estava atrás da porta, para que quando ela chegasse não a encontrasse e, de facto, não encontrou. Com muito cuidado, a raposa saiu e trancou a ave dentro da sua casa. Assim, poderia ganhar devido à ave não estar presente, mas isso não aconteceu, porque a raposa tinha-se esquecido da janela aberta, de maneira que a ave conseguiu fugir.

Quando esta chegou ao sítio da prova, já estava lá a raposa, mas a prova ainda não tinha começado. A ave acabou por responder a todas as perguntas e todas certas, ao contrário da raposa, que ainda estava um pouco confusa por a ver lá.

No fim da prova, a ave chegou à beira da raposa e disse-lhe:

-Já deu para perceber que não és mais esperta que eu! Nem uma armadilha sabes fazer!

-Isso foi sorte. - Disse a raposa toda convencida.

A partir desse dia, deixaram todos de confiar na raposa.

Texto 31: O QUE É ESCREVER? Cláudia Legoinha, nº 10, 8ºA

Data de edição: Março 2010

Escrever é sonhar, é abrir os nossos horizontes, é encontrar novos lugares, é descobrir novos seres. Escrever é dizer o que nos vai na alma, é abrir o nosso coração, é alcançar novos mundos. Escrever é lembrar, é recordar memórias esquecidas, é descobrir o futuro. Escrever é comunicar, é falar a língua das letras, é reflectir sobre tudo. Escrever é expressar os nossos sentimentos, é dizer o que está bem e o que está mal. Escrever é desabafar, é bordar um papel com letras gordas ou magras, pequenas ou grandes, bonitas ou feias. Escrever é amor, é amizade, é carinho, é dor, é sorrir, é chorar, é raiva, é felicidade. Escrever é viajar, é olhar o mundo, é visitar terras longínquas, é sentir o ar do mar bater-nos na cara. Escrever é sentir o cheiro das rosas, é ouvir os pássaros a cantar, é cheirar a maresia, é sentir o cheiro das cores.

Escrever é viver. Escrever é tudo, sem escrita o mundo não poderia existir. Escrever é matemática, português, inglês, francês, alemão, espanhol, físico-química, geografia, artes, história... Escrever é a Vida, é o Mundo, é o Universo.

As maiores dificuldades na escrita são as palavras malandras que não se lêem como se escrevem, são os marotos dos acentos que nunca estão onde deveriam de estar, são as funções sintácticas que fogem sempre do lugar, é a gramática que só tem regras para decorar, são os verbos que se conjugam em diferentes modos, são as letras que às vezes emagrecem e não se percebem...

Poderia melhorar a minha competência de escrita se os acentos fossem para o seu lugar, se as funções sintácticas não fugissem do lugar, se as letras não fizessem dieta, se a gramática não fosse exigente, se os verbos não complicassem, se as palavras se escrevessem como se lêem, se os "s" e os "c" se distinguíssem, se tudo fosse mais fácil...

Mas mesmo com todas estas adversidades, a escrita é algo magnífico.

Texto 32: Fábula A FUGA, Marco Loureiro, nº 20, 7ºA

Data de edição: Março 2010

Era uma vez um elefante chamado Patudo e um leão chamado Barbichas. O elefante e o leão eram muito amigos. Um dia, foram os dois levados para o jardim zoológico. Eles estavam muito tristes e cheios de saudades dos seus amigos.

Passados dois dias, fartaram-se de lá estar e decidiram ir para casa.

O elefante disse:

- Chega! Estou farto disto.

- Eu também, vamos embora! – concordou o leão.

Então, os dois amigos fugiram!

O zoo deu logo pela falta deles e foi logo procurá-los. Eles tinham-se escondido numa casa abandonada. Entretanto, encontraram-nos e eles ficaram assustados. Os dois animais contaram aos funcionários que estar numa jaula o dia todo era aborrecido. Os funcionários entenderam os animais e comprometeram-se a não os obrigarem a ir para o zoo.

Quando fazemos uma coisa de que não gostamos não devemos ficar indiferentes.

Texto 33: Fábula QUE GRANDE SUSTO! Mário Garcia, nº 19, 7ºC

Data de edição: Março 2010

Era uma vez um passarinho muito pequenino e muito bonito, as suas penas eram às cores, era um canário.

Esse canário vivia com a sua família e o seu quarto era muito acolhedor.

O canário gostava muito de brincar às escondidas com o seu amigo periquito.

Certo dia o canário e o seu amigo foram para o bosque brincar. Os seus pais não os deixavam ir para lá devido às aves de rapina esfomeadas que os podiam apanhar com as suas fortes garras e devorar com o seu poderoso bico.

Os passarinhos não deram ouvidos aos pais: para eles era o sítio ideal para brincar. Resolveram voar em direcção à floresta e brincar às escondidas. Primeiro começou o periquito por se esconder e o canário por o procurar e vice-versa.

Sem eles se aperceberem, o vigilante das aves de rapina, uma ave já mais velha mas com uma capacidade muito boa de conseguir ver de muito longe, avistou os dois passarinhos.

Rapidamente alertou as outras aves de que estavam ali uns óptimos passarinhos para o petisco. Logo de seguida deram às asas e desataram a voar, com esperança de terem um bom almoço. Os passarinhos aperceberam-se rapidamente de que as aves de rapina os estavam a perseguir, e ainda foram a tempo de se escaparem. Diz um para o outro:

- Mas que valente susto. Os nossos pais bem nos avisaram de que não devíamos brincar na floresta. – disse o periquito, quase sem conseguir falar.

- É verdade, podíamos ter sido apanhados se não víssemos logo as ferozes aves a aproximarem-se – respondeu o canário, quase engasgado com o medo que teve.

- Da próxima vez temos de brincar junto às nossas casas, pois estamos mais protegidos – disse o periquito.

A partir daí, os dois passarinhos nunca mais voltaram a brincar no bosque.

Texto 34: Comentário “Sermão de Santo António...” Filipa Paulo, nº 10, 11ºB **Data de edição: Março 2010**

A treze de Junho de 1654, Padre António Vieira proferiu na cidade de S. Luís do Maranhão o “Sermão de Santo António aos Peixes” no qual criticava a sociedade do seu tempo. Contudo, passados quatro séculos, este sermão e as críticas nele referidas continuam a ser actuais, sendo dirigidas a toda a sociedade.

Vieira aponta, neste sermão, os defeitos do Homem como por exemplo a ambição desmedida, a hipocrisia, a arrogância e o oportunismo. Estes valores persistem de tal modo no tempo que a crítica apresentada por António Vieira ainda é actual.

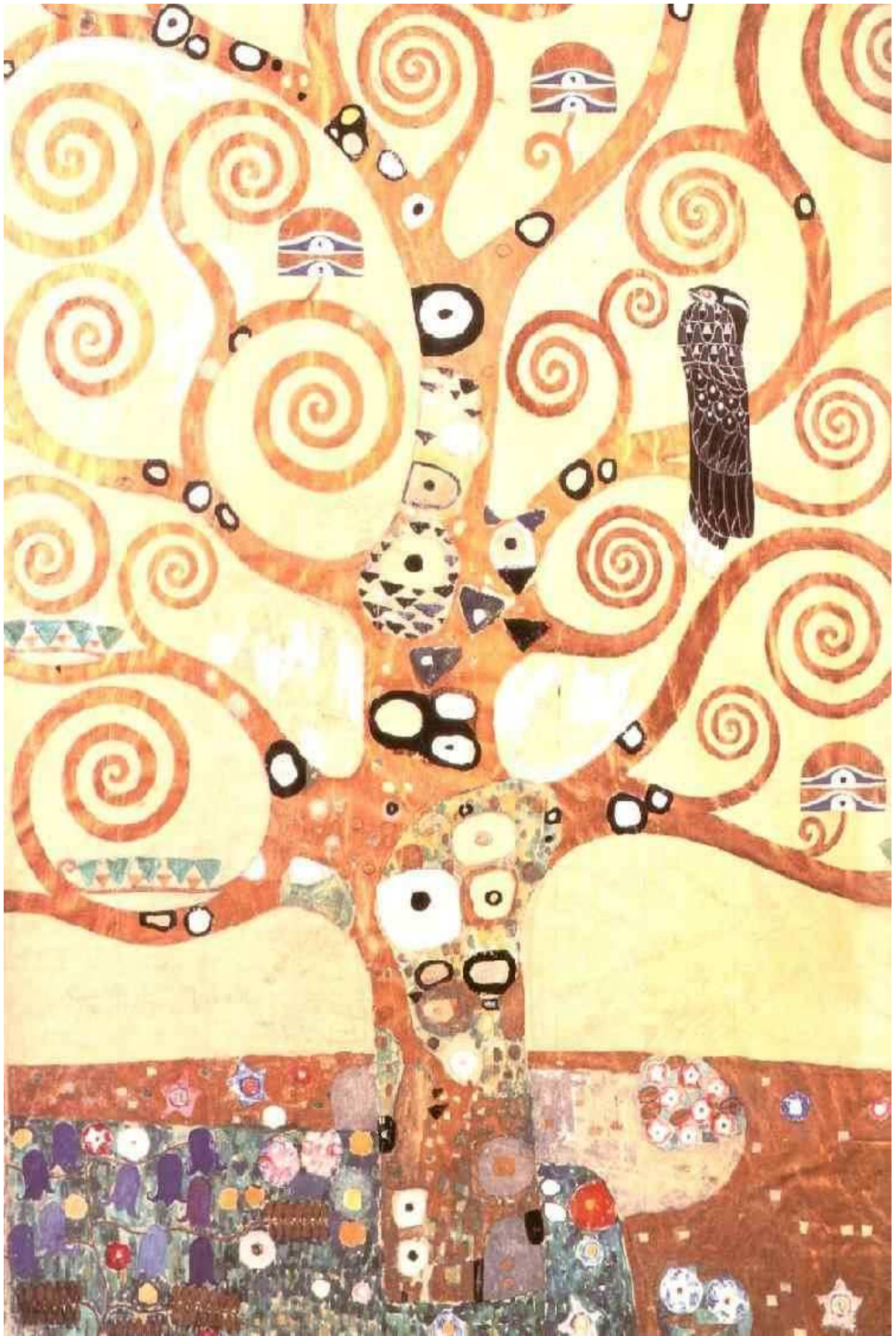
Um dos grandes problemas da sociedade do séc. XXI é a traição, tal como na época de Vieira. Deste modo considera-se que a traição é um valor negativo intemporal, presente no seu mais emblemático Sermão “o outro... inocente da traição... e o salteador, que está de emboscada do seu próprio engano lança-lhe os braços... e fá-lo prisioneiro”. Actualmente, há pessoas que se fazem amigas de outras só para conhecerem os seus segredos e, à mínima oportunidade, partilham esses segredos com outras pessoas.

A ambição desmedida é tão actual e intemporal! Desde os primórdios da Humanidade que todos lutam por um futuro melhor, por uma vida estável ou por conforto. Padre António Vieira também aponta este comportamento no seu sermão “Quisestes ser melhor que todos (...) e por isso sois mais mofino que todos”. Actualmente algumas pessoas, ainda, cometem crimes para ascenderem socialmente.

No entanto, há quem defenda que a traição torna as pessoas mais fortes já que qualquer pessoa que é traída começa a ver a vida de uma outra maneira. É certo que as pessoas, os cônjuges, por exemplo, que são traídos passam a escolher posteriormente melhor os seus companheiros. Por sua vez, a ambição desmedida mostra a capacidade lutadora das pessoas, já que a maioria destas pessoas nunca desiste dos seus objectivos.

Apesar de a traição fortalecer as pessoas e de a ambição desmedida demonstrar a luta pessoal para a concretização de determinado objectivo, eu entendo que os valores negativos nunca se devem seguir e que a sociedade deve combatê-los.

Será que estes valores continuarão intemporais? Será que é possível mudar algo que perdura há tanto tempo? Está na altura de mantermos a intemporalidade da reflexão.



Árvore da Vida, Gustav Klimt

Texto 35: Comentário “Sermão de Santo António...” Joana Alves, nº 13, 11ºC
Data de edição: Março 2010

As críticas que o Padre António Vieira dirige aos homens no “Sermão de Santo António aos Peixes” ainda se aplicam, hoje, em toda a sua plenitude. Desde o tempo do orador, século XVII, os grandes defeitos da Humanidade continuam a observar-se na sociedade actual. E nós crentes na evolução...

Existe algo que devemos ter bem presente: somos seres humanos, seres mortais, mas isso não invalida o facto de termos defeitos eternos. Logo, há características das quais seremos sempre vítimas. Vejam-se a vaidade, a hipocrisia ou a arrogância. Provavelmente, todos nós conhecemos pelo menos um pessoa com um desses atributos, até nós próprios.

Pode-se dizer que isso se deve à constante falta de qualidade de vida, um sem número de coisas importantes para a sobrevivência humana: a segurança, o dinheiro, a saúde, o equilíbrio entre tudo e, mesmo, o orgulho. Porém não seremos também um pouco hipócritas ao afirmar tal? Enfim, todos temos consciência que existem, por toda a parte, pessoas corruptas e mentirosas. Veja-se o exemplo do futebol português, que se diz estar cheio de árbitros desonestos. E como Vieira diz no seu mais conhecido Sermão e já anteriormente referido “ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra”, assim acontece na actualidade. Uns roubam aos outros e estes, por sua vez, roubam aos primeiros. E, neste ciclo vicioso, onde fica o dinheiro para as obras públicas? Onde ficam os valores que os nossos pais, nas suas melhores intenções, tanto se esforçaram por nos educar?

Embora ainda haja a hipótese de existirem apenas casos particulares, todos nós olhamos à nossa volta e dizemos “Ah não! A minha família não é assim!”, mas na verdade o que sabemos nós? Nós não sabemos se traíram um colega para progredir no trabalho ou se chegam a casa mais tarde para não encontrarem o vizinho a quem ainda devem o dinheiro emprestado para o novo cortador de relva. Todos os casos que ouvimos diariamente nas notícias são insólitos. Burlões, chantagistas e ainda meros ladrões... Como podemos ter a certeza absoluta – sem réstia de dúvida - que isso não acontece em casa dos nossos primos?

O objectivo não é começarmos a desconfiar de todos e criar uma sociedade ainda mais intolerante! Simplesmente é preciso manter os olhos abertos pois não queremos continuar, inconscientemente, a alimentar estas nossas atitudes centenárias. Chegamos, então, à conclusão que as críticas feitas no Sermão são reais e que estranhamente continuam a aplicar-se na sua imaculada imperfeição na sociedade actual. Mas não poderemos, de qualquer forma, melhorar? Fisicamente, a natureza dá-nos provas que evoluímos. Psicologicamente, tornamo-nos mais inteligentes a cada nova geração. Estas são provas de que podemos crescer intelectualmente. Não precisamos de ser, para sempre, uns eternos seres socialmente incompetentes.

Texto 36: Comentário “Sermão de Santo António...” Mafalda Sousa, nº 16, 11ºB
Data de edição: Março 2010

Nos dias de hoje, ainda é bastante comum a associação e a comparação entre as críticas feitas por Padre António Vieira no sermão de “Santo António aos Peixes” e a realidade do tempo em que vivemos... A verdade é que essas críticas permanecem intemporais.

A meu ver, as críticas formuladas pelo ilustre orador do século XVII podem ser aplicadas, hoje, sem perderem a sua força, afectando, com certeza, muita gente. Mas por que razão as coisas não mudam? Talvez porque nós mesmos não queremos mudar. Tal como Vieira afirmava “os ouvintes só servem seus apetites” e é isso que acontece connosco. Apenas mudamos aquilo que é fonte de incómodo pessoal e isso não é, necessariamente, o mais importante. Atentemos nas pessoas endividadas que sabem “chorar-se”, fazendo-se de vítimas mas, se for preciso ou não, compram novas televisões ou outros objectos, não fazendo o esforço necessário para mudar e melhorar a sua situação. O que interessa é ter e, por vezes, essa fome não é saciável ...

Para além disso, também não somos justos uns com os outros. A nossa hierarquia social é injusta e desigual. Algumas pessoas só porque ganham mais dinheiro ou são de uma raça diferente, ou ocupam um determinado estatuto social são beneficiadas e escapam à justiça, o que não acontece com aqueles para quem o sol parece estar sempre oculto.

Todavia nem tudo está assim tão mal! Os homens, também, foram melhorando ao longo do tempo e os seus comportamentos, atitudes e valores, também. Tome-se como exemplo as mudanças e avanços que têm sido feitos na Ciência. Até mesmo a crescente preocupação e

sensibilização para grandes causas como a Sida e o Aquecimento Global que têm sido valorizadas. Também a forma entusiasta como assistimos à tomada de posse de liderança dos EUA por Barack Obama quebrou muitas barreiras raciais, mostra que a nossa maneira de pensar se alterou. Este tema pode, efectivamente, ser discutido e avaliado a partir de diferentes perspectivas havendo sempre argumentos e contra-argumentos válidos. Há é que saber discuti-los e defendê-los de forma coerente.

Em suma, e apesar de algum esforço, toda a discussão em torno deste tema não tem sido suficiente para progredirmos a nível de valores e atitudes, enquanto seres humanos. Estaremos cansados de nos esforçar ou não nos estaremos a esforçar o suficiente?

Texto 37: Comentário "Sermão de Santo António..."Ana Teresa, nº 2, 11ºB
Data de edição: Março 2010

Hoje em dia, as críticas feitas aos homens no "Sermão de Santo António aos Peixes" de Padre António Vieira mantêm a sua actualidade. Efectivamente, valores, então, criticados continuam bem presentes na nossa sociedade.

Um dos valores visados, já no tempo Vieira, é a ambição desmedida, isto é, o querer sempre mais e mais, independentemente do ter de passar por cima de outras pessoas. É o caso do Voador que Vieira repreende no "Sermão de Santo António aos Peixes", ou seja, o Voador era um pequeno peixe que ambicionava ir para além da sua condição natural que Deus lhe deu. Hoje em dia, esta situação verifica-se, por exemplo, nas pessoas que, a qualquer custo, ambicionam subir de nível de vida, sem se importarem com os outros e pondo a sua vida em risco. Já diz o povo "Quanto mais alto se sobe de mais alto se cai".

Outro defeito criticado é o sentido de oportunismo. Explicitando melhor, oportunista é aquele que se aproxima do mais beneficiado para conseguir lucrar e tirar partido das suas condições sociais, políticas ou culturais. Enquanto no Sermão tínhamos o exemplo do Pegador, aquele peixinho que se atrelava ao um peixe maior para dele recolher alguns benefícios, hoje, cada vez vemos mais pegadores que se aproximam de outras pessoas com segundas intenções, isto é, com a "estratégia montada" para delas tirar partido.

Apesar destas atitudes ainda se verificarem, a sociedade, ao longo do tempo, está a tentar progredir rumo à mudança, isto é, vai adquirindo novos valores como a bondade, a honestidade e a solidariedade. Vejam-se as várias campanhas que se promovem para apoiar instituições e ajudar os mais carenciados, apelando ao sentido de solidariedade.

Por outro lado, ao longo do tempo, têm-se registado muitos avanços ao nível social, tecnológico e científico. Por exemplo, para a descoberta de novas doenças e as respectivas curas, as pessoas estão mais disponíveis em benefício de um bem comum. Apesar de se verificarem mudanças positivas no comportamento humano, ainda há defeitos que permanecem, por isso, é necessário combatê-los para que a sociedade se torne melhor.

Em suma, há, de facto, sinais que indiciam esta mudança do Homem. Mas será que este irá continuar a demonstrar, no futuro, atitudes tão negativas como as que enumerei?

Texto 38: Comentário "Sermão de Santo António..."Mariana Miranda, nº 20,11ºB
Data de edição: Março 2010

Apesar do "Sermão de Santo António aos Peixes" de Padre António Vieira ter sido escrito no século XVII, a sua temática continua bastante actual. Ao longo do Sermão, através de louvores e de críticas aos peixes, vão sendo apresentados vários comportamentos humanos.

Uma das críticas apontadas é que, tal como os peixes, os Homens "comem-se uns aos outros", facto bem actual. Exemplo disso são os escritores contemporâneos que conseguem "comer" outros mais pequenos ao apoderarem-se das suas ideias para continuarem a escrever livros de sucesso.

Outra crítica é a de que os Homens são como os roncadores, arrogantes. Onde podemos constatar isso na nossa sociedade? O Homem tem vindo a intensificar este defeito ao tentar mudar a natureza em seu proveito através da evolução da ciência, colocando-se a um nível superior a todos os outros seres vivos. No entanto, o que seria do ser humano sem a ciência e sem a tecnologia? Provavelmente, um dos seres mais fracos.

No entanto, há quem seja da opinião contrária, afirmando que a crítica de Vieira não pode ser actual quando a escravatura já não existe e o seu texto foi dirigido aos colonos do Maranhão que escravizavam os índios. Claro que tal mudança deve-se à criação e defesa dos Direitos Humanos. Para além disso, o autor construiu o seu sermão tendo como base textos

bíblicos que defendem um ideal de perfeição que não existe. Vieira aconselha que sigamos o exemplo de Santo António, nunca mentindo. Mas nós sabemos que, por vezes, mentir pode ser um acto piedoso, se contribuir para algum bem-estar das pessoas, sem prejudicar outras.

Apesar das críticas do orador setecentista terem sido feitas a um auditório, diferente do actual, não quer dizer que o Homem não exiba os mesmos defeitos e apesar da perfeição não existir, devemos sempre tentar agir da forma mais correcta.

Enfim, podemos concluir que este Sermão continua bastante actual. Mas continuará assim? Irá o Homem finalmente corrigir os seus defeitos? Ou, pelo contrário, irá piorar?

Texto 39: Comentário "Sermão de Santo António..." Mariana Pires, nº 17, 11°C
Data de edição: Março 2010

As críticas dirigidas aos homens no "Sermão de Santo António aos Peixes" são actuais. O ser humano preocupa-se, cada vez mais, com o seu bem-estar em detrimento do dos outros.

Este facto é comprovado pelas atitudes que os homens têm no dia-a-dia. O desprezo e a ignorância pelo outro fazem-no sentir-se o centro do mundo. Um dos argumentos mais evidentes é o das pessoas serem ambiciosas. Claro que não é mal nenhum ser-se ambicioso. No entanto, há quem ultrapasse os limites da ambição, isto é, querem ter mais do que aquilo que podem ter e pode acontecer-lhes como na citação de São Máximo, presente na Bíblia " ... porque quem tem pés para andar, e quer asas para voar, justo é que perca as asas e mais os pés". Esta citação clarifica a condenação dos ambiciosos.

Outro argumento evidente é o dos homens se traírem e se enganarem uns aos outros para proveito próprio. Comparando com o exemplo apresentado por Vieira, através do polvo, os traidores são pessoas falsas, sem escrúpulos, que parecem uma coisa e são outra, conseguindo enganar as pessoas de uma forma cruel. Não estaremos nós rodeados de falsos amigos, de adutores, que mostram uma coisa e são outra?

No entanto, os homens também têm o seu lado bom. Há pessoas que são solidárias, isto é, ajudam as pessoas mais necessitadas a ter o conforto a que têm direito. Tome-se o exemplo do Banco Alimentar Contra a Fome, que ajuda as pessoas a terem uma refeição. Isto mostra que os homens também são bons samaritanos, praticam boas acções. Outra qualidade de alguns homens é a honestidade, pois gostam de ser sinceros, de não enganar ou de servir-se do que é dos outros. Exemplo desta sua atitude é o caso amplamente divulgado pela comunicação social de alguém que encontrou uma elevada quantia de dinheiro e tudo fez para a devolver ao legítimo dono. Porém, pessoas como estas são raras de encontrar, mas existem. Apesar destes sinais positivos, o ser humano é corrupto, não se preocupando em enganar o outro, aproveitando-se até de atitudes de solidariedade. Isto mostra que muitas pessoas mentem ou só ajudam alguém com segundas intenções.

Em suma, os homens têm que mudar a sua atitude perante a sociedade. O ser humano deve ter os valores bem presentes na sua vida, isto é, saber ajudar e deixar de ser egoísta. Será que uma sociedade sem estes valores será uma verdadeira sociedade?

Texto 40: Comentário "Sermão de Santo António..." Miguel Abreu, nº 22, 11°B
Data de edição: Março 2010

As críticas dirigidas ao Homem por Padre António Vieira no "Sermão de Santo António aos Peixes", no ano de 1654, continuam a fazer sentido na actualidade. Embora possa parecer impossível, os erros cometidos há mais de 300 anos são espantosamente idênticos aos cometidos nesta sociedade, que se julga tão evoluída.

Toda a gente ainda se recorda do caso "*Face Oculta*". É um dos casos de corrupção que são noticiados quase diariamente pelos meios de comunicação social. Um dos grandes defeitos, apontado por Vieira à sociedade da sua época, foi a corrupção, que continua viva.

Outro erro ainda cometido na actualidade e que demonstra a validade das palavras do orador setecentista é o acto de escravidão. Infelizmente, tal como os índios eram escravos dos Colonos do Maranhão, existem, hoje, crianças Quenianas que são escravizadas por pescadores que se aproveitam delas sem que ninguém faça nada para evitar.

Apesar de tudo isto, existem pessoas que lutam para mudar o rumo das coisas. Repare-se nas múltiplas fundações de solidariedade existentes que demonstram que as pessoas se estão a preocupar, cada vez mais, com os problemas dos outros. Outro exemplo de que se está a fazer alguma coisa para transformar positivamente a sociedade, é a criação de leis para evitar a corrupção. Como se pode ver, já existe vontade de alterar maus hábitos. No

entanto, tais iniciativas são ainda uma exceção à regra e, isoladamente, não conseguem alterar uma sociedade com costumes tão entranhados.

Para concluir, já que a esperança é a última a morrer, eu acredito que um dia se sintam melhorias. Mas será que surgirão nos tempos mais próximos? Espero ... para ver.

Texto 41: MEMÓRIAS, Sara Magno, nº 24, 10ºF

Data de edição: Março 2010

24 de Agosto de 2008

Lembro-me como se fosse hoje. Estava um dia de praia maravilhoso, um calor imenso e a maré vazava.

Cheguei à praia e já lá estava ele. Sem nos conhecermos, trocámos olhares, olhares profundos e pequenos actos de simpatia. O nosso grupo de amigos juntou-se, e as típicas conversas, brincadeiras e trocas de números, entre adolescentes, surgiram.

Foi nesse dia que o vi pela primeira vez e senti que algo de especial viria a acontecer entre nós. Recordo agora aquele primeiro dia que estivemos juntos, e, após doze meses de namoro, espero muitos mais dias com ele.

Texto 42: MEMÓRIAS, Tiago Lobato, nº 26, 10ºD

Data de edição: Março 2010

Não tenho grandes memórias ou acontecimentos que me tenham marcado, mas um que me marcou pela positiva foi uma visita de estudo ao Porto no 8º ano.

Como a escola era próxima da estação do metro, a professora de Historia decidiu levar-nos de metro. No dia do passeio fomos para a estação das Sete Bicas, mas quando lá chegámos as máquinas não davam e disseram-nos que tínhamos de sair na estação seguinte para validarmos os bilhetes. Assim foi, mas quando estávamos a entrar noutra metro as portas fecharam e as professoras e mais dois colegas nossos ficaram de fora.

Então só vimos a professora, muito assustada, a bater na porta e a dizer:

" - Saíam na Trindade, saíam na Trindade!"- e toda a gente a rir-se com a situação.

Texto 43: MEMÓRIAS, Mariana Santos, nº 19, 10ºF

Data de edição: Março 2010

Lembro-me que aquele dia foi muito especial na minha vida. Tinha apenas 5 anos.

Aconteceu o que eu de há nove meses para cá tanto desejava: o nascimento da minha irmã. Soube que era uma menina. Tentei apressar-me a tomar o pequeno-almoço para a ir visitar pela primeira vez.

O meu pai estava muito feliz, ninguém lhe "arrancava" o sorriso da cara, nem mesmo eu se fizesse alguma asneira. Quando cheguei ao hospital, percorri os corredores de mão dada com o meu pai, ansiosa por ver a minha mãe e a minha maninha. Quando cheguei ao quarto, abracei a minha mãe e pedi para pegar na bebé. Ela parecia uma boneca com que eu costumava brincar, mas real e um pouco pesada.

Foi um dia que eu nunca vou esquecer.

Texto 44: MEMÓRIAS, Marco Rodrigues, nº 16, 10ºD

Data de edição: Março 2010

1 de Agosto de 2005

Querido diário,

Hoje é um dia extraordinário! Aquilo por que aguardava impacientemente finalmente aconteceu.

É verdade, nasceu o meu primo, Dinis. Bem, nunca tinha tido um primo. Como será? Os meus amigos têm imensos primos e primas, mas eu nunca soube o que isso é. Será que é como ter um irmão? Isso já eu sei há muitos anos.

O que interessa é que nasceu e amanhã vou conhecê-lo. Ainda bem que nasceu hoje, pois daqui a dois dias parto rumo a um mês de férias. É outra coisa pela qual estou ansioso! Apesar da viagem ser longa, vale a pena, pois descobrirei novos locais, novas culturas, ...

Com muita alegria me despeço.

Texto 45: MEMÓRIAS, Sara Guerra, nº 23, 10ºD
Data de edição: Março 2010

Quarta-feira, 5 de Agosto de 2009

Querido diário,

O dia de hoje foi extraordinário!

Estivemos em Roma e foi fantástico! É uma cidade lindíssima que há muito desejava visitar. É certo que apenas um dia não chega para ver quase nada mas, mesmo assim, fico contente por ter lá estado. Nunca vi cidade dotada de tanta história e cultura como esta. É de uma magnificência tão sublime que deixa qualquer visitante apaixonado pela sua beleza. Os locais que eu mais gostei de visitar foram, sem dúvida, o Vaticano e o Coliseu. Fiquei completamente deslumbrada. Tenho a certeza de voltar cá um dia, para poder melhor aproveitar este esplendor em toda a sua dimensão.



Vista de Roma da cidade do Vaticano

Texto 46: Uma História Sobre Internet Segura, Ana Cunha, nº 3, 11ºA
Data de edição: Março 2010

Após os temas abordados nas últimas aulas, a professora propôs a realização de um trabalho. Havia diversos temas à nossa escolha, e, depois da pesquisa que realizei no final das aulas, descobri um blogue fantástico com textos belíssimos sobre vários assuntos. Li e reli o texto que copiei desse mesmo blogue e adaptei-o ao tema que havia escolhido.

Chegada à aula e após a correcção, fui informada que os melhores trabalhos seriam expostos na escola e, depois dessa selecção, haveria ainda uma outra para concorrer a nível regional. Percebendo a gravidade da situação, achei melhor não participar, mas a professora achou o trabalho tão fabuloso que nem sequer pôs essa hipótese. Fiquei apavorada, (e se o verdadeiro autor/autora do texto o visse com a minha suposta autoria?) mas não pude reagir. Afinal, tinha sido uma opção minha e não podia contornar esse facto...O trabalho foi o vencedor a nível regional, mas o meu estado de felicidade não se revelou. A minha escola, a minha professora, os meus amigos, todos eles me felicitavam por esse feito, orgulhosos... Eu simplesmente estava desiludida, porque sabia que não tinha sido eu a verdadeira vencedora...

Nunca o tinha feito, foi o meu primeiro encontro com o chamado "plágio", tão presente no nosso quotidiano, horrível e inaceitável para uma sociedade desenvolvida e capaz de pensar, reflectir e actuar por si própria. O acesso à Internet é útil, mas nem para todas as

ocasiões nem para todas as pessoas. A minha escolha foi decididamente indesculpável, mas (infelizmente), acontece todos os dias, em todas as escolas, no Mundo.

Texto 47: Uma História Sobre Internet Segura, Catarina Ferrão, nº 5, 9ºD
Data de edição: Março 2010

A grande notícia acabou de chegar ao meu correio electrónico. Fui eu o escolhido, entre um milhão de outros meninos, para ganhar a consola de jogos com que sempre sonhei! E é tão simples, basta clicar onde diz " Aceito o prémio".

- Vou clicar, tenho que aproveitar esta oportunidade e quero muito esta consola – afirmei eu. – Há muito tempo que ando a pedir a consola.

- Eu se fosse a ti não clicava – disse o João, meu amigo. Pode ser um vírus.

Depois de o João ter ido embora, fiquei a pensar no que ele esteve a dizer, mas como eu queria tanto aquela consola, decidi arriscar.

O meu computador desligou-se. Tentei reiniciar, mas quando ligou apareceu-me um boneco a rir-se. Comecei a pensar no que o João dissera.

Fui contar ao meu pai o que se tinha passado e ele ficou muito aborrecido, pois o computador era dele e era onde ele tinha os documentos do seu trabalho.

Isto tudo passou-se de manhã e, logo a seguir ao almoço, fui com o meu pai a uma loja de computadores. O senhor da loja disse-nos que o computador tinha um vírus, o meu pai perguntou logo se dava para recuperar os documentos que tinha no computador, o senhor disse que sim, mas para o ir buscar no dia seguinte.

No caminho para casa, o meu pai deu-me um valente sermão. A partir de agora só vou ler o que os meus amigos me mandarem e sempre que me mandarem um *email* que não conheça, vou eliminá-lo. Aprendi que a internet não é 100% segura.

Texto 48: Uma História Sobre Internet Segura, Catarina Guimarães, nº 6, 9ºB
Data de edição: Março 2010

Olá! O meu nome é Real Virtual. A minha família e os meus amigos conhecem-me por Real, já com a malta dos chats e dos jogos, na Internet, sou simplesmente o Virtual. Como Real, sou pequenino, moreno, tímido, mas como Virtual sou alto, loiro, de olhos azuis e faço parte do grupo de surf daqui da zona.

- REAL, ANDA JANTAAAAAAAAR! Já te estou a chamar à meia hora! Daqui a bocado vou aí e desligo-te essa porcaria – barafusta a minha mãe, mais uma vez...

Os pais não entendem... Acabou de entrar na secção a "Moreninha 46". Pelo que ela diz é linda, é perfeita. Já ando a falar com ela desde há uns dias e é impressionante como temos sempre assunto. Hoje avancei e pedi-lhe que me enviasse uma fotografia.

- Beeeeeem!!!! QUE LINDAAAAAAA!!! – pensei eu para mim próprio.

- Queres-te encontrar comigo? - perguntou ela.

- ANDA PARA A MESAAAAAAA!!! É a última vez que te chamo! – reclama mais uma vez a D. Maria, mais conhecida por minha mãe, que continua:

- Eu e o teu pai estaremos a pensar e chegamos à conclusão que seria melhor tirar-te o computador por uns tempos. Não estás connosco, nem com o resto da família! Só queres estar no computador. A tua directora de turma ligou-me e disse-me que estás a descer as notas e isso não pode ser. É para o teu bem.

E agora? Que será feito de mim? Como vou falar com a Joana? Pensei, pensei, pensei e lembrei-me da pergunta dela! É isso, vou-me encontrar com ela. Antes que a minha mãe tivesse a ideia de me tirar o computador, falei com ela e combinei um encontro. Chegou o dia, finalmente! Arranjei-me o melhor que podia. Vesti a minha melhor roupa e pus o perfume mais caro. Melhor não podia fazer. Cheguei lá e não a vi.

De repente, alguém colocou a mão no meu ombro:

- Real? – pergunta a Joana.

- Joana? És tu? Não tens nada a ver com a foto que me mandaste...

- Nem tu! Não és a mesma pessoa!

- Queres ir até onde? – fugi ao assunto. – Se ainda quiseres, podíamos ir passear.

Nesse dia, eu aprendi que, da mesma maneira que eu me finjo passar por uma pessoa que não sou, também há mais pessoas a fazê-lo; porém, não sabemos quem é a pessoa que está do outro lado e quais as suas verdadeiras intenções. A minha história acabou bem, pois a Joana não me queria fazer mal. E a tua? Como poderá acabar?

Texto 49: A Internet É Segura? Daniel Carvalho, nº 10, 11ºA
Data de edição: Março 2010

Sonho que sou grande e poderoso, jogo jogos de acção onde posso ser um soldado ou um espião. Desafio todos os meus amigos, uns que me conhecem como real e virtual e outros que só me conhecem como virtual. Fico sempre atento a novos lançamentos de jogos. Os grátis atraem-me mais, pois não sou de gastar dinheiro em jogos.

Costumo visitar e participar em fóruns de assuntos que me interessam para saber opiniões diferentes e poder dar as minhas opiniões, mas sempre com o meu eu virtual. Apenas nos conhecemos na internet, nada mais. Um dos assuntos que mais me chama a atenção é o que se relaciona com as chamadas "Teorias da conspiração". Tento entender o mundo, quer real quer virtualmente. Não entendo o mundo como o vejo e penso que há muita coisa escondida e não apercebida. Dou opinião sobre estes assuntos, livremente, com o meu eu virtual, na internet, mas com o meu eu real apenas a amigos mais chegados. Na internet tudo é diferente, sinto-me com poder de argumentação, lá não há fotografias, nomes verdadeiros, idade nem localização, lá não sou pequeno nem tímido.

Contudo, com tantas informações falsas na Net os perigos são maiores. Por exemplo, há os vírus que destroem computadores, *spywares* que servem para espiar os computadores das outras pessoas, furtos a contas bancárias. Pior ainda é o tráfico humano e a exploração infantil. Muitas "ofertas" na internet que não passam de meras ilusões, servem para roubar e explorar. Se não se tiver cuidado, o pior pode acontecer. O mar de ilusões que é a internet pode tornar-se um pesadelo real, já não virtual.

Texto 50: Uma História Sobre Internet Segura, Daniela Rosas, nº 11, 9ºA
Data de edição: Março 2010

O João recebeu de presente "aquele" telemóvel. Há muito que o desejava! Entusiasmado, lançou-se ao trabalho. Num instante, os números dos amigos "voaram" para dentro da memória. No dia seguinte, recebeu a mensagem "liga-me". Não conhecia o número, não ligou. A mensagem repetiu-se, e repetiu-se, e repetiu-se... Uns dias depois, o João decidiu responder ao número e perguntar quem era a pessoa que lhe mandava aquelas mensagens. A única resposta que recebeu foi: "Sou um amigo, preciso de falar contigo urgentemente."

João decidiu então marcar um encontro, perto da sua escola, para a semana seguinte, e assim foi. Quando João chegou ao local combinado não viu lá ninguém conhecido, nem com a sua idade. Foi então que viu uma mulher, na casa dos 30 anos, à sua espera.

- Chamo-me Marta. Deves ser o João certo? Lembras-te do Miguel com quem falaste no MSN? Sou eu. Sou da polícia e estou aqui para te avisar dos perigos da internet e do telemóvel.

- Não pode ser, o Miguel disse que tinha 14 anos, e tu não tens 14 anos, nem és rapaz.

Então João entendeu que Marta estava a dizer a verdade e ouviu-a com muita atenção.

- João, nunca deves dar os teus dados pessoais às pessoas com quem falas no MSN, nem a desconhecidos. Essas pessoas podem muito bem ser pedófilos, ou traficantes de crianças que só querem fazer-te mal. Nunca reveles onde moras, nem o teu número de telemóvel.

Desde esse dia, João nunca mais deu os seus dados pessoais a ninguém que conhecesse na internet, nem marcou encontros com pessoas que não conhecia e com quem falava por mensagens. Também se tornou um pouco desconfiado e mais inseguro em relação a desconhecidos e à internet.

Texto 51: Uma História Sobre Internet Segura, Jessé Tiago, nº 16, 9ºA
Data de edição: Março 2010

Olá! O meu nome é Real Virtual. A minha família e os meus amigos conhecem-me por Real, já para a malta do chats e dos jogos, na internet, sou simplesmente o Virtual. Como Real, sou pequeno, moreno, tímido, mas como Virtual faço de conta que sou um rapaz muito masculino, grande, louro e muito corajoso na brincadeira com os amigos.

Chego a casa e a primeira coisa que faço é ligar o meu computador, em busca de novos amigos, e amigos antigos online para inventar mais coisas sobre mim e, novamente, me sentir feliz. Quando jogo na internet, a maior parte das vezes jogo para que os meus companheiros do chat que estão no jogo pensem, "Este rapaz é bom em tudo". Só de pensar que podem estar a dizer isso de mim, já não me apetece ir para a cama a horas.

No final do ano lectivo, não passei. Os meus pais cancelaram o serviço de internet, o que me fez recordar como seria bom dar andar de bicicleta com os meus amigos. Mas os meus

pais puseram-me de castigo por ter reprovado, por isso não posso ir. Com o tempo volto ao que era antes, às boas notas, mas vou pedir ao pai que ponha o pai o computador na sala, para não voltar a estragar tudo.

Texto 52: Uma História Sobre Internet Segura, Joana Pinto, nº 12, 9ºD
Data de edição: Março 2010

Todos sabiam o que eu queria para o meu aniversário. Dinheiro para comprar uns jogos. Na Internet são mais baratos, por isso, fui ao site com o "melhor preço". Só tinha que dar os meus dados para fazer o registo.

Depois de o ter feito, consegui finalmente aceder à página para fazer a compra do jogo. Pediram novamente o meu nome, morada, número de telefone e telemóvel e outros dados. Pediam também o NIB, para se realizar a transferência bancária. Confesso que fiquei desconfiada e até pensei em desistir da compra on-line. A minha mãe já me tinha falado várias vezes sobre os riscos que corria ao dar dados pessoais na Internet, mas acabei por enviar o pedido de compra, pois aquele preço era realmente fantástico. Daí a duas semanas, já teria os jogos que tanto queria.

Mas as duas semanas passaram e os jogos não apareciam. Fui novamente ao site, mas estava restrito. Procurei então o contacto que tinha tirado do site ao fazer a inscrição. Liguei e disseram que aquele número já não existia. Comecei a ficar preocupada, e as histórias que já ouvira começaram a tomar conta dos meus pensamentos.

Falei com uma amiga e pedi-lhe conselhos. Disse-me que tinha de contar à minha mãe e ir rapidamente ao banco, ver os movimentos da conta.

Mas não foi necessário. Nessa mesma noite, a minha mãe chegou a casa com uma encomenda. Eram os jogos que tinha encomendado! Foi um alívio enorme quando os vi. Desta vez, tive sorte. A minha história acabou bem. Mas nem todas acabam assim...

Texto 53: Uma História Sobre Internet Segura, Lara Castro, nº 17, 9ºB
Data de edição: Março 2010

Todos sabiam o que eu queria para o meu aniversário. Dinheiro para comprar uns jogos. Na internet são mais baratos, por isso fui ao site com o "melhor preço". Só tinha que dar os meus dados para o registo. Escrevi nome, morada, data de nascimento, mail, número de telemóvel e lá fiquei registada.

No dia seguinte, fui logo outra vez ao site para poder comprar o primeiro jogo de muitos. Procurei, procurei, mas não encontrava o que pretendia, aquele jogo de futebol desejado por todos, que eu podia ser das primeiras pessoas a adquirir, por já estar registada no site. Ao fim de algum tempo, depois de andar de página em página, de cima para baixo, lá encontrei. Cliquei logo em "downloads". Aquilo demorou duas horas, nem queria acreditar, mas lá chegou ele ao meu computador e comecei logo a jogar.

Passados dias, o meu computador desligou-se. O meu pai, preocupado, perguntou:

- Como é que isso aconteceu?

- Não sei, pai – respondi. – Cliquei num site de jogos e o computador desligou-se.

O meu pai levou logo o computador a loja de informática, para ver o que se passava.

A minha mãe pediu-me para ir ao correio e estava lá uma carta para mim. Dizia que eu tinha burlado um indivíduo. Deduzi então que o problema do computador e a carta que recebera só podiam ser por causa daquele maldito site. O computador apanhara um daqueles vírus horríveis. Em relação à carta, fui à polícia e resolvi tudo. Aprendi a lição: temos de ter muito cuidado com a internet, pois nem sempre é o que estamos à espera.

Texto 54: Uma História Sobre Internet Segura, Mariana Santos, nº 19, 9ºD
Data de edição: Março 2010

Todos sabiam o que eu queria para o meu aniversário. Dinheiro para comprar uns jogos. Na Internet são mais baratos, por isso fui ao site com o melhor preço. Só tinha que dar os meus dados para fazer o registo. "Porque não?" pensei eu, "são só alguns jogos para a minha consola nova, não vai haver qualquer problema."

Os dados que tínhamos de preencher eram: o nome completo, a idade, local de residência, número de telemóvel, código postal e o nosso e-mail. Talvez pudesse só preencher o nome e o telefone. Mas não deu. Tinha de ter todos os dados preenchidos. Talvez

fosse melhor procurar outro site menos exigente ou talvez os meus amigos conheçam um. No dia seguinte, na escola, deram-me três ou quatro sites. Assim que cheguei a casa, fui ter com os meus pais e expliquei-lhes o que se passava.

-Nem penses em dar a nossa morada ou outro dado qualquer, disse a minha mãe.

-Mas o jogo é mais barato... -expliquei eu.

-O site é português?

-O jogo vem do estrangeiro, mas o site é português.

-Não. Não vais encomendar nesse site.

É o meu jogo preferido e eu tenho de o ter. Para além disso, não vai acontecer nada se eu der a minha morada. Depois de ter pensado alguns minutos, dei todos os dados que pediam no tal site. Demorei algum tempo a preencher e, logo depois, recebi um e-mail que dizia "Obrigado por ter escolhido o nosso serviço. Dentro de uma semana entregaremos o(s) seu(s) jogo(s)." Paguei 200 euros com o cartão de crédito do meu pai. Depois dou-lhe o dinheiro. Sabia que os meus pais se iriam aborrecer comigo, mas depois passaria.

Dois semanas e não tinham ido entregar nada. Comecei a ficar aflito. Foi então que um dia o meu pai disse que tinham roubado, da sua conta, 2000 euros. O culpado era eu, claro. Liguei o computador e apercebi-me que computador apanhara um vírus.

Contei a verdade aos meus pais. Eles puseram-me de castigo e durante muito tempo não vi televisão, nem tive telemóvel nem consola e nunca me chegaram a dar o computador novo.

Texto 55: Uma História Sobre Internet Segura, Patrícia Jesus, nº 20, 9ºD

Data de edição: Março 2010

Olá! O meu nome é Real Virtual. A minha família e os meus amigos conhecem-me por Real, já para a malta dos *chats* e dos jogos, na *Internet*, sou simplesmente a Virtual. Como Real, sou pequena, morena, tímida, mas como Virtual faço de conta que sou alta, loira, extrovertida, elegante e mais velha.

Acho que, como Virtual, me sinto a pessoa que sempre quis ser, sinto-me como uma pessoa bonita deveria ser. O que menos gosto em mim é o facto de usar óculos e aparelho, é horrível e sou constantemente alvo de troça. Quanto às fotografias que ponho nos *chats* e no *hi5* são todas editadas no *Photoshop*, passo horas a pôr-me perfeita, uma autêntica modelo. Tenho imensos "amigos" adicionados na Internet e todos eles me elogiam e me querem conhecer, mas, como é óbvio, não posso conhecê-los, eles não me podem ver como Real, para eles serei sempre a Virtual.

Agora que penso melhor, agora que me olho ao espelho e que vejo as pessoas lá fora, agora que vejo (e não apenas olho) para o interior, para o que realmente importa... vejo que a grande beleza das pessoas está no interior, está cá dentro e não no exterior. Agora percebo que uma pessoa bonita é aquela que é humilde, simples, honesta, amiga, dedicada e não aquela que tenta passar pelo que não é. Agora vejo que a beleza é como uma castanha, o que está no interior é o que importa e o exterior é uma simples capa que esconde o bom, ou por vezes o mal, que há cá dentro. Às vezes há castanhas que vêm feias por fora e, no entanto, costumam ser as mais saborosas.

Concluí que as pessoas são bonitas pelo que são por dentro, por fora é aparência. Por isso, eliminei a minha conta em todos os *chats* e *orkuts* e passei a ser só a Real.

Texto 56: Uma História Sobre Internet Segura, Pedro Rodrigues, nº 19, 11ºA

Data de edição: Março 2010

Os meus pais sempre souberam o que faço com o computador, até sabem que eu sei fazer compras online em sites fidedignos, com o cartão de crédito.

Chegou o dia do meu aniversário e tinha "direito" a uma prenda. Como os jogos em Portugal são caros (65€!? Não ganho para comer!), o meu pai pediu-me para escolher o jogo no ebay. Assim o fiz, *Assasins Creed II* parecia-me uma boa escolha.

O router sem fios enviou os dados para a rede do cartão de crédito e endereços do meu pai. Após cinco dias, a encomenda chegara, em muito bom estado e a funcionar perfeitamente. Estava já eu viciado, quando entra o meu pai, furioso, em casa. Tinha saído do escritório e vindo directamente para casa. Pegara no portátil e qual não foi o seu espanto quando o portátil continuava sem vírus nem qualquer software malicioso, em pleno funcionamento, com toda a segurança activa. O meu pai tinha inimigos, é certo, mas amigos também. Após uma longa conversa comigo explicou que cerca de 500€ tinham sido desviados

para uma conta offshore no Brasil. Ninguém em casa tinha acesso ao banco, eu só queria era jogar o meu novo jogo. Estranhamente, a internet estava mais lenta ao ligar à PSN (*PlayStation Network*), mas não liguei muito.

Três dias passaram. À saída para a escola cruze-me com o carteiro que chega. Traz um envelope muito bem selado, de extrema privacidade. Era proveniente do tribunal, acusando o meu pai de actividades ilegais, as quais prejudicavam o estado português. Pobre do meu pai que ia caindo em desgraça, apesar de ser um homem forte e de carácter sólido. Muito depois, veio-se descobrir que vários piratas tinham usado a rede sem fios do computador do meu pai para atacarem sem serem culpados, e desaparecerem sem rasto.

Texto 57: Uma História Sobre Internet Segura, Tiago Barros, nº 26, 9ºB

Data de edição: Março 2010

O João recebeu de presente “aquele” telemóvel. Há muito que o desejava! Entusiasmado, lançou-se ao trabalho. Num instante, os números dos amigos “voaram” para dentro da memória. No dia seguinte, recebeu a mensagens “liga-me”. Não conhecia o número, não ligou. A mensagem repetiu-se, e repetiu-se, e repetiu-se. Já se tornava aborrecido, tantas mensagens com a mesma frase e sempre do mesmo número.

Num dia de escola, acabou por ter problemas na aula de Português, pois tinha o telemóvel ligado e recebeu outra vez a mensagem “liga-me”. Durante o intervalo, e por insistência dos amigos, o rapaz acabou por ligar. Do outro lado, ninguém respondeu, e até desligaram. Estava feita mais uma vítima, uma armadilha muito simples. Durante vários meses, todas as semanas, sem fazer muitos telefonemas e sem enviar muitas mensagens, o João perdia cerca de dois a três euros. Como estava sempre a ficar sem saldo, decidiu ligar para a operadora, que lhe disse ser um vírus que lhe retirava dinheiro dos carregamentos.

Após algum tempo e muita pesquisa sobre o que lhe tinha acontecido descobriu que se tratava mesmo de um vírus lançado para o telemóvel, no momento em que respondera à tal mensagem e ligara para esse número. Para resolver o problema, o João teve mesmo que trocar o seu número e deixou de poder utilizar o seu cartão antigo.

Moral da história, não se deve confiar nos telefonemas desconhecidos, porque, como se viu, um simples telefonema pode causar muitos problemas.

Texto 58: Uma História Sobre Internet Segura, Ana Ribeiro, nº 2, 9ºB

Data de edição: Março 2010

A grande notícia acabou de chegar ao meu correio electrónico. Fui eu o escolhido, entre um milhão de outros meninos, para ganhar a consola de jogos com que sempre sonhei! E foi tão simples: clicar onde dizia “Aceito o Prémio”. Bastou preencher os meus dados e carregar no “ok”. Nessa noite, contei aos meus pais que iria receber a consola que há tanto lhes pedia.

- Hoje recebi um e-mail onde confirmavam que tinha sido eu o premiado para ganhar aquela consola. Já preenchi os meus dados. Não é fantástico?

- Ninguém dá nada a ninguém - a mãe estava aborrecida. - Espero que não nos tenhas metido em confusões!

No dia seguinte, recebi um sms que dizia que teria de pagar a consola, mas mais tarde o dinheiro seria repostado. Depois das aulas, fui ao banco e pedi para levantar as minhas poupanças. Não contei nada aos meus pais, eles nem dariam pela falta do dinheiro.

Um dia, cheguei a casa e os meus pais estavam à minha espera. Soube instantaneamente que tinham descoberto o levantamento das poupanças.

- Porque é que levantaste as tuas poupanças?

- Para pagar a consola, mas não se preocupem, o dinheiro vai ser repostado.

Os meus pais obrigaram-me a dizer qual tinha sido o site em que me tinha candidatado ao prémio. Para minha surpresa, o site tinha sido desactivado. Fizemos queixa à polícia e descobrimos que outros já tinham apresentado queixa pelos mesmos motivos.

Passaram-se meses... Não só não tive a consola que tanto queria como ainda fiquei sem as minhas poupanças. Os meus pais ficaram aborrecidos por lhes ter mentido e puseram-me de castigo. Tiraram-me a Internet e só me deixaram utilizar o computador para fazer os trabalhos. Aprendi que a Internet tem perigos, que somos muito ingénuos para o mundo lá fora. Tive que mudar de e-mail e de número de telemóvel, pois não paravam de chegar mensagens de pessoas desconhecidas e campanhas promocionais. Nunca mais me voltei a meter numa confusão destas e agora aprecio muito mais a vida lá fora, em vez da virtual.

Texto 59: Uma História Sobre Internet Segura, Bruno Rodrigues, nº 3, 9ºD
Data de edição: Março 2010

Estava eu na Internet, a falar com os meus colegas, quando entrei num site e recebi um e-mail a dizer que tinha ganho a consola de jogos com que eu sempre sonhei, e foi fácil, bastou clicar onde dizia "aceito o prémio". Contei aos meus colegas e eles disseram para não clicar, pois era um vírus, mas eu achei que era inveja, decidi arriscar. Pediram os meus dados, o contacto dos pais. Escrevi tudo e recebi outro e-mail a dizer que recebia a consola passado um mês. Passados três meses eu comecei a ficar desconfiado. Além disso, tive de mandar o computador para arranjar, pois não o conseguia ligar.

Contei a situação aos meus amigos, eles disseram que eu não devia ter clicado, que era vírus. Mas eu queria mesmo aquela consola.

Passados quatro meses, a consola ainda não tinha chegado. Voltei ao site e apareceu o mesmo e-mail, e ainda mais desconfiado fiquei. Decidi clicar e repetir, coloquei novamente os meus dados e recebi o mesmo e-mail a dizer que recebia a consola passado um mês. Depois disso tudo, o meu computador foi abaixo, tentei ligá-lo, mas não deu. Então tive de contar a situação aos meus pais que me deram um sermão e disseram a mesma coisa que os meus colegas: para não confiar nesses sites, pois não são seguros.

Nunca mais voltei a repetir o que tinha feito. Aprendera a lição.

Texto 60: Uma História Sobre Internet Segura, Catarina Biscaia, nº 8, 9ºB
Data de edição: Março 2010

O João recebeu de presente "aquele" telemóvel. Há muito que o desejava! Entusiasmado, lançou-se ao trabalho. Num instante, os números dos amigos "voaram" para dentro da memória. No dia seguinte, recebeu a mensagem "liga-me". Não conhecia o número, não ligou. A mensagem repetiu-se e repetiu-se, até que João decidiu responder.

Passado um pouco, recebeu outra mensagem que dizia:

- Uma amiga, liga-me. Preciso que venhas ter comigo, preciso de ajuda. Tu conheces-me de infância, sou uma amiga de que provavelmente não te lembras, mas preciso de ajuda.

-Ok, mas então em que é que precisas de ajuda?

-É assim: os meus pais estão separados e eu e a minha mãe viemos viver para cá há pouco tempo, não conheço o sítio, nem ninguém. Por isso pensei que tu me poderias ajudar, mostrar-me as redondezas e conversarmos. Que dizes?

O João achou que não teria mal nenhum e respondeu:

- Está bem, diz-me só onde vives e eu vou ter contigo.

Ela respondeu que morava a poucos metros da casa dele e o João, no dia seguinte, foi ter com ela. Chegou ao local, mas não viu ninguém. Passado um pouco, sentiu uma pancada na nuca. Nunca mais ninguém viu o João. O seu telemóvel foi encontrado mais tarde, com todas as mensagens, mas era tarde demais.

Texto 61: Uma História Sobre Internet Segura, Cátia Saraiva, nº 9, 9ºB
Data de edição: Março 2010

Eu, Real, não sou nada assim, na escola sou só um rapaz tímido, mas como virtual sou muito popular e tenho muitos amigos, falo com toda a gente e todos falam comigo.

O meu pai odeia computadores, diz que são buracos negros que nos levam para muito longe da realidade e que nos separam das pessoas reais, mas só diz isso porque se separou da minha mãe, devido a esse problema que ela tinha em não viver sem o computador. Eu também não sei muito bem a história, nunca ninguém me explicou.

Um dia, acabei de jantar, fui a correr para o meu quarto e, como era habitual, fui para a Net falar com os meus amigos e com quem falasse comigo. Já estava ali há algum tempo, à espera do "Cama!" do meu pai. Comecei a despedir-me de todos até que uma tal de "Carla56" me manda uma mensagem: "Podes não acreditar, mas eu sei exactamente quem és e como és, já ando há muito tempo à tua procura, agora que te descobri..."

- Real, já passa da hora, vai para a cama! - disse o meu pai, a entrar no meu quarto. Fechei rapidamente o computador sem sequer querer ver o resto da mensagem. Fiquei muito nervoso, pois sabia que havia muitos raptos de crianças devido à internet.

Nessa noite nem dormi, a pensar naquela frase que todos os pais dizem aos seus filhos, o "bem te disse". Quando a ouvia não era bom sinal e sabia que a iria ouvir.

De manhã, quando acordei, ouvi uma voz feminina a vir da cozinha e fui ver quem era. A minha mãe, após tantos anos, estava à minha frente, não me lembrava já da cara dela, mas sabia-o. Era a minha mãe, as lágrimas caíram pelas nossas caras e abraçámo-nos desesperadamente. Ela explicou-me que me descobrira pela internet e que era a "carla56". Eu disse-lhe que ficara bastante assustado e com medo de quem seria.

- Não devias andar nos chats, é muito perigoso - disse a minha mãe.

Pela primeira vez na vida, gostei de levar dois sermões.

Texto 62: Uma História Sobre Internet Segura, Daniela Mota, nº 6, 9ºD

Data de edição: Março 2010

Todos sabiam o que eu queria para o meu aniversário. Dinheiro para comprar uns jogos. Na internet são mais baratos, por isso fui ao site com "o melhor preço". Só tinha de dar os meus dados para fazer o registo, até fiquei um bocadinho desconfiado porém...

No dia seguinte, fui para a escola todo contente, e disse ao meu amigo:

-Nem sonhas, vou ter aqueles jogos que eu queria por quase metade do preço!

-Como?! Os jogos são novos, ainda não entraram em desconto!!!

Foi aí que lhe contei a história da minha sorte. Ele ficou muito pensativo e disse:

-Ok, mas não te entusiasmes muito... eu, se fosse a ti, não me registava, isso cheira-me a esturro. Podes ficar sem os jogos e sem o dinheiro!

Eu nem lhe respondi, pois pensei que ele estava com inveja. Fui à internet e registei-me, mas tive que ir à carteira do meu pai ver o número do cartão de crédito. Passados uns dias, ainda não tinham chegado os jogos, o meu pai chegou a casa e disse:

-Ó mulher, hoje um amigo meu registou-se num daqueles sites de comprar jogos, e ficou sem o dinheiro e sem os jogos. Eu avisei-o mas ele não quis saber!

Foi nesse momento que percebi que o meu amigo tinha razão. No outro dia fui ao site e apareceu-me uma página Web a dizer que não era possível abrir aquela página. Que sorte, o site já estava fora de utilização.

A partir desse dia, prometi a mim mesmo começar a ouvir os outros.

Texto 63: Uma História Sobre Internet Segura, Eduardo Câmara, nº 12, 9ºB

Data de edição: Março 2010

Todos sabiam o que ele queria para o seu aniversário. Dinheiro para comprar uns jogos. Na internet são mais baratos, por isso foi ao site com o "Melhor preço". Só tinha que dar os seus dados para fazer o registo. Ele foi à internet, ao site "Melhor preço" e viu lá jogos de que gostou, a metade do preço das lojas. Havia apenas um problema, tinha que preencher um registo com os seus dados. Então decidiu chamar a mãe:

- Mãe, posso colocar os meus dados na internet, para comprar jogos mais baratos?

- Eu vou pensar em relação a esse assunto, porque, por vezes, pode ser perigoso.

Quando a mãe chegou a uma conclusão, não deixou que se registasse e disse-lhe:

- Filho, eu não te vou deixar registar, porque esses sites por vezes são perigosos.

Mas o jovem, aliciado pela oportunidade de poder comprar mais jogos com o mesmo dinheiro, desobedeceu à mãe e registou-se. No dia seguinte, tinham-lhe assaltado a casa.

A mãe, espantada e preocupada, perguntou ao filho:

- Tu registaste-te naquele site?

- Sim, mãe. Desculpa, eu estava tão entusiasmado que não te liguei nada.

- Pois é, filho. Que isto te sirva de lição, pois muitas coisas são perigosas.

Passados dias, a situação resolveu-se e o filho passou a ter mais cuidado com os sites.

Texto 64: Uma História Sobre Internet Segura, Fernando Câmara, nº 13, 9ºB

Data de edição: Março 2010

A grande notícia acabou de chegar no meu correio electrónico. Fui o escolhido, entre um milhão de outros meninos, para ganhar a consola de jogos com que sempre sonhei! E era tão simples, bastava clicar onde dizia «Aceito o prémio». Estava muito contente por ter conseguido aquilo que tanto queria e decidi tomar uma atitude: ir falar com os pais.

- Mãe, onde estás?

- Estou na sala. O que queres? – perguntou a minha mãe.

- Acabei de receber um e-mail espectacular – disse eu, muito contente. Recebo uma consola de jogos num sorteio, basta clicar «Aceito o prémio».

- Pensa bem, pode ser perigoso – avisou a mãe.

Comecei a pensar, cá com os meus botões, que talvez fosse um vírus mortal para o computador, ou seja, ficaria sem o meu computador favorito. Mas também poderia ser uma burla e, sem saber, estaria a pagar bastante se clicasse em «Aceito o prémio».

Por isso, achei melhor não clicar em nada. Algum tempo depois, a minha mãe ofereceu-me uma consola de jogos comprada numa loja.

Mais tarde, cheguei a saber que outros meninos tinham recebido exactamente a mesma mensagem. Alguns clicaram em «Aceito o prémio» e ficaram sem computador. Era um vírus muito potente que rapidamente estragava o computador. A notícia veio no jornal.

Texto 65: Uma História Sobre Internet Segura, João Carvalho, nº 15, 9ºB **Data de edição: Março 2010**

O João recebeu de presente “aquele” telemóvel. Há muito que o desejava!

Entusiasmado, lançou-se ao trabalho. Num instante, os números dos amigos “voaram” para dentro da memória. No dia seguinte, recebeu a mensagem “liga-me”. Não conhecia o número, não ligou. A mensagem repetiu-se, e repetiu-se, e repetiu-se...

Até que um dia, o João ligou. Simplesmente perguntaram-lhe se ele era o Manuel, ele disse que não e desligou. No início, não percebeu, mas passado um mês, um euro desapareceu do seu telemóvel. Desconfiou, mas pensou que tinha sido ele a gastá-lo. Porém, a história repetiu-se de mês a mês.

Um dia, o João foi à Vodafone para resolver o problema e, quando o funcionário o atendeu, o João explicou-lhe o que se andava a passar. O homem perguntou:

- Posso ver o número?

- Claro, é este – respondeu o João.

- Já sei qual é o problema, andou a receber mensagens deste número só com seis dígitos. Quando ligou, começaram a roubar-lhe dinheiro.

- Como é que eu resolvo o problema?

- É fácil! Tem de comprar um cartão novo. E, quando voltar receber mensagens destes números que não conhece, vem aqui que nós bloqueamos o contacto.

O João comprou o cartão novo e nunca mais teve problemas. Passado algum tempo, aconteceu o mesmo problema a um seu amigo...

Texto 66: Uma História Sobre Internet Segura, Mafalda Santos, nº 17, 9ºD **Data de edição: Março 2010**

Olá! O meu nome é Real Virtual. A minha família e os meus amigos conhecem-me por Real, já para a malta dos *chats* e dos jogos, na Internet, sou simplesmente o Virtual. Como Real, sou pequeno, moreno, tímido, mas como Virtual faço de conta que sou alto e loiro.

Um dia, no *chat*, conheci uma rapariga lindíssima (pela descrição que ela fez), não era uma rapariga como as outras, escrevia de uma maneira tão especial! Apaixonei-me logo por ela. Entusiasmado, decidi convidá-la para um encontro especial. Combinámos num café e que cada um levaria um chapéu vermelho. Chegou o dia de nos conhecermos e fiquei numa mesa, à espera da minha amada. Passadas três horas a rapariga ainda não tinha chegado. Acabei por ir embora, voltei para o *chat* e lá estava ela *online*. Perguntei:

- Olá, por que é que não foste ao nosso encontro?

- Eu fui, mas não encontrei o café. Perguntei e ninguém sabia onde ficava o tal café!

- Então temos de marcar um novo encontro e num sítio diferente.

- Amanhã à tarde está alguém em tua casa?

- Não, amanhã à tarde estou sozinho. Pode ser em minha casa.

Dei-lhe a minha morada. Depois do jantar, fui para o meu quarto deitar-me e estava ansioso para chegar o dia seguinte. Custou-me a adormecer.

Tinha chegado a hora de conhecer a rapariga misteriosa. Tocou a campainha e eu pensei que era a tal rapariga. Mal abri a porta apareceram dois indivíduos a apontarem-me uma arma. Entraram em minha casa e roubaram tudo o que era valioso.

Felizmente, não me fizeram nada de mal. Aprendi uma lição: que nunca devemos combinar encontros com desconhecidas e devemos ver quem é, antes de abrir a porta!

Texto 67: Uma História Sobre Internet Segura, Pedro Nascimento, nº 21, 11º A
Data de edição: Março 2010

A nossa professora marcou-nos um trabalho sobre um dos assuntos abordados nas últimas aulas. Pesquisei bastante e escolhi o meu tema. Descobri, na Internet, um texto fabuloso. Assim, não iria perder muito tempo com o trabalho; bastava-me copiar o texto, alterar um bocado a linguagem e já estava! Assim fiz.

Depressa o acabei. Dei uma vista de olhos, coloquei uma imagem alusiva ao tema e finalizei com a minha identificação. Estava perfeito! Decerto iria receber uma boa nota...

Era hora da diversão, pelo menos até a professora entregar os trabalhos. De facto, ela adorou o meu trabalho, tanto que quis que o apresentasse à turma, explicando as minhas ideias e opiniões. Foi neste momento que o meu prático e engenhoso plano se revelou completamente estúpido. Nem sequer estava dentro do tema. Como poderia explicar todo aquele trabalho perante os meus colegas? O nervosismo apoderou-se de mim. Não sabia o que fazer. Se o tentasse apresentar, decerto iria dar a perceber que não tinha sido feito por mim e ia ficar com uma má nota. Só me restava confessar, mas também, assim, o resultado não iria ser melhor. Ao menos, não ficava como mentiroso.

Resignei-me e resolvi contar. Como seria de esperar, a professora não ficou muito contente e eu também não, no fim do sermão que ela me deu. Ela explicou-me que o objectivo do trabalho era obrigar os alunos a estudar e a perceber. Ao copiar algo da Internet, tomando-o como meu, não só estava a acabar com o propósito da realização do trabalho, como estava a cometer uma ilegalidade: o plágio. Fui obrigado a fazer o trabalho de novo, no entanto aprendi com o meu erro e da próxima vez resistirei à tentação.

Texto 68: O DESEMPREGO, Daniela Rosas, nº 11, 9º A
Data de edição: Abril 2010

O desemprego é um problema que afecta a sociedade. Há cada vez mais pessoas a ficarem no desemprego e muitas já desempregadas. E isto vai-se tornando um ciclo vicioso. Mais pessoas desempregadas, menos compra e venda de produtos, o que fez diminuir o número de vendas em Portugal.

Muitas vezes, há pessoas que querem trabalhar e não arranjam emprego, enquanto outras, que preferem ficar em casa, têm trabalho. Para ajudar os cidadãos existe o rendimento de inserção social (RIS). Muitas pessoas utilizam o RIS para poder comer, ter onde dormir, ter roupa e uma vida mais estável do que teriam se não dependessem do RIS. Outras, por sua vez, utilizam este dinheiro para coisas fúteis e não essenciais.

O Estado, para tentar acabar com o desemprego, devia dar mais importância às pequenas e médias empresas e apostar na formação e na educação.

Texto 69: O DESEMPREGO, João Pimentel, nº 19, 9º A
Data de edição: Abril 2010

Existe cada vez mais desemprego, não só em Portugal como em todo o mundo, devido a uma grave crise económica.

Em Portugal, algumas pessoas preferem receber o rendimento mínimo a trabalhar. Também devido a uma medida do Estado, o subsídio dado por cada filho, alguns casais, em vez de trabalharem, preferem ter filhos, pois sabem que irão receber dinheiro sem pensarem que, depois, terão muitas mais despesas. Em Portugal, os profissionais que têm as melhores qualificações às vezes até são os mais rejeitados, pois as empresas não querem pessoas com tão boas habilitações, uma vez que sabem que irão ter de pagar mais do que por uma pessoa com menos habilitações. Existem também as pessoas que querem trabalhar e não conseguem emprego, e pessoas que acham que certos empregos não são dignos para elas.

Texto 70: O DESEMPREGO, José Pedro Branco, nº 21, 9º A
Data de edição: Abril 2010

O desemprego é um problema social que afecta milhões de pessoas em todo o mundo. As suas causas podem ser diversas, uma vez que o desemprego pode resultar de problemas sociais e económicos. De facto, não é raro ouvir dizer que determinada pessoa precisa de alguém para ajudar na cozinha ou numa obra de construção civil, sem conseguir um

candidato para esse posto de trabalho. Contudo, a principal causa do desemprego é a crise económica que leva ao encerramento de muitas empresas e fábricas, e a que outras tenham de despedir funcionários, por falta de trabalho.

O desemprego, por sua vez, gera situações dramáticas, pois as famílias, sem fonte de rendimento, endividam-se e o desemprego pode conduzir a situações extremas, como o suicídio, a criminalidade e a mendicidade.

Assim, é urgente combater este problema social e, para isso, é necessário criar investimentos e apoios governamentais. O estado devia criar incentivos às empresas, nomeadamente através de incentivos fiscais, de modo a combater o desemprego.

Texto 71: MUDANÇA DE VIDA, Diana Makushkina, nº 11, 7ºE

Data de edição: Abril 2010

A questão da imigração é muito actual, sobretudo se olharmos para as comunidades formadas em Portugal provenientes de países de Leste, entre outros. Na verdade, são bem diversas as causas que levam uma pessoa a trocar o seu país por outro, como, por exemplo, as dificuldades económicas, a crise familiar, a falta de emprego, a depressão, só para falar de algumas. No meu caso, os motivos que me trouxeram para este país foram, principalmente, económicos e familiares.

Quando eu e a minha mãe viemos para Portugal, estivemos a viver na casa da minha avó, porque não tínhamos onde ficar. Em casa dela éramos muito felizes, pois era muito confortável e havia muito carinho e amor. Na altura em que vim para Portugal, passado algum tempo fui para a escola que ficava perto do local onde eu vivia. Nesse tempo, tive aulas de Português com uma professora só para mim. No princípio, tinha muitas dificuldades, mas com tempo fui aprendendo a falar esta língua. Havia também outros alunos estrangeiros que frequentavam essas aulas, o que era muito bom, pois não me sentia isolada.

Actualmente, vivo com a minha mãe e o meu padrasto, que é um cidadão russo e damo-nos muito bem. Frequento a Escola Secundária do Padrão da Légua, da qual gosto imenso, porque tem um bom ambiente de professores e alunos. Faço parte do 7ºE e as minhas disciplinas preferidas são Língua Portuguesa, Matemática, Espanhol e Educação Física. Os colegas que eu mais gosto são a Bárbara, o João Macedo e a Carolina. Quanto aos professores, os meus preferidos são a Dra. Mónica Neves, a Dra. Dulce Soares, a Dra. Andreia Moreira e o Dr. Júlio Válega.

Finalmente, termino dizendo que sou muito feliz em Portugal e que quero continuar a viver neste belo país que acolhe tão bem os imigrantes.

Texto 72: DAVID E O BELO MUNDO, Ricardo Rocha, nº 18, 7ºE

Data de edição: Abril 2010

Há muitos anos, viveu um esbelto, forte e corajoso herói de guerra chamado *David*, filho de Miguel Ângelo, um destemido italiano, Senhor da Guerra que, devido aos ferimentos causados em batalha, na Grécia, acabou por morrer. Antes da passagem para o outro mundo, o subconsciente do nosso herói tenta decidir onde ficar para o resto dos seus dias.

Aparece-lhe então um mensageiro que explica a situação em que ele se encontra. Conforme lhe foi dito pelo mensageiro, David irá fazer a sua jornada na *Mesa Vermelha*, um local invulgar, denso e escuro, com um monte inultrapassável, no qual existe um vulcão adormecido que conduz ao *Belo Mundo*. Este é o espaço desejado por todos, pois nele reinam a perfeição e a harmonia. No entanto, esconde um segredo: só os dignos e puros chegam lá, utilizando a bondade, a fé e a coragem. Para além disso, a *Mesa Vermelha* também está coberta de armadilhas criadas pelo *Inferno*. Este era uma criatura manhosa e horripilante, tinha três caras e pretendia travar David.

Estava o nosso herói já a meio do caminho, muito ocupado a livrar-se das armadilhas, quando reparou que o tempo estava esquisito, pois era um artilhado preparado pela *Paisagem*, não datada, um mundo paralelo, estável e quente. Nesse local estava a maior criação d' *O Inferno*, em que ele se disfarça de mulher e tenta seduzir David, para o matar com o seu Beijo. Ele tentou de todas as maneiras, mas o inteligente David apercebeu-se e enfiou-lhe a espada, escapando, assim, vitorioso desse mundo paralelo.

O nosso invencível herói continuou a viagem e, por fim, chegou ao *Belo Mundo* que ficava no topo do vulcão, onde viveu feliz por toda a eternidade.

Texto 73: SOMOS ASSIM AOS...Helena Mota, nº 11, 10º F
Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos dezasseis, inocentes, inexperientes e a esconder quão assustados estamos com o mundo a que um dia vamos pertencer. Espalhamos sorrisos por tudo o que nos fascina e um olhar baixo quando nos encontramos sozinhos, pois estamos ainda confusos com que a nós está destinado.

Somos uma história por escrever, uma pista por resolver, somos, às vezes, aquilo que querem que sejamos. Agarramo-nos a sonhos por acontecer e, aos poucos, vamos tomando consciência que no palco da vida apenas desempenhamos meros papéis. Aprendemos a ser derrotados com classe e a vencer com ousadia.

Sente-se tudo do inverso, oposto, reverso, mas aprendemos ainda que o caminho que levámos para resolver o contrário é ainda melhor que a própria chegada.

Aos dezasseis tudo se mexe, tudo acontece, por vezes contamos os dias, outras nem sabemos que dia é.

Às vezes sorrimos quando não devemos, até choramos de contentes, noutras o sorriso escurece, noutras nem amanhece.

Somos assim aos dezasseis, um projecto do futuro, um carrossel descontrolado, um olhar que transborda felicidade.

Texto 74: SOMOS ASSIM AOS...Sara Magno, nº 24, 10º F
Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos dezasseis. Deixamo-nos levar por tudo e por todos, caímos em todas as tentações e a resposta é sempre "foi só uma vez, foi só para experimentar! "

Dizem que somos irresponsáveis, que vamos à escola só para "passar o esqueleto", que a culpa ora é da internet, ora é do computador, ora é das amizades, mas a verdade é que, ao contrário dos adultos que vivem de problemas, nós acordamos todos os dias na ansiedade de viver esse dia como se fosse o último.

Segundo eles, a vida é injusta, triste e problemática, mas para nós é fazer amigos, ter namorados, jogar computador, ir às compras com as amigas, e claro, sempre com o telemóvel atrás e os *phones* nos ouvidos.

Mas será justo para nós, aos dezasseis anos, que nos apaixonamos pelas pequenas coisas da vida, que os mais velhos apenas nos questionem pela escola? Pelas notas? De facto, é o nosso trabalho, mas a nossa verdadeira paixão aos dezasseis anos é viver, amar e aproveitar enquanto a verdadeira responsabilidade não chega.

Texto 75: SOMOS ASSIM AOS...João Dias, nº 17, 10º F
Data de edição: Abril 2010

Há uns anos não seria capaz de pensar da mesma forma, nem sequer sabia o que era pensar de verdade. Aos dezassete anos somos iguais, mas diferentes por dentro, somos estranhos mas ao mesmo tempo banais, comuns mas fora do normal.

Somos a caixa de surpresas mais previsível, a estrada com vários caminhos que não levam a lado nenhum, fantasmas.

Aos 17 anos, é incompreensível, apenas com um degrau para descer, a relutância é mais forte e consome a alma. Procuramos o túnel sabendo que não existe luz nem forma de escapar ao íman que puxa a alma para o abismo. E eis que a infância, juventude, inocência, não passam de memórias que o tempo guardou num frasco.

Aos 17 anos já sei andar, claro que sempre soube, mas aprendi a andar sem cair.

Texto 76: SOMOS ASSIM AOS...Ana Catarina Oliveira, nº 2, 10º F
Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos dezasseis: jovens com vontade de viver uma vida sem preocupações. Aos dezasseis a vida é simples. As preocupações ainda passam pela escolha da roupa até ao que vamos fazer no dia seguinte. Mesmo assim ainda existem preocupações. Entre estudar, estar com os amigos, preparar resumos, passear, realizar diversos trabalhos, descansar, fazer os trabalhos de casa, as coisas complicam-se e o tempo passa num abrir e fechar de olhos. Gerir esse tempo não é o mais fácil, pois a necessidade de diversão é muitas vezes superior à

responsabilidade. Mas é nestas pequenas coisas que ganhamos ou perdemos a confiança das pessoas ao nosso redor.

Nesta idade a vida ainda é uma mistura de sensações nem sempre fáceis de controlar. O futuro ainda é uma incerteza. O que hoje para nós é uma certeza amanhã poderá ser apenas uma ilusão. Mas não cruzamos os braços visto que o importante é nunca desistir dos nossos objectivos.

Somos assim aos dezasseis: jovens em busca de um mundo perfeito.

Texto 77: SOMOS ASSIM AOS...Sara Miranda, nº 22, 10ºD

Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos quinze anos, ingénuos. Os poucos anos ainda não conseguiram revelar o verdadeiro valor da vida e, por enquanto, permanecemos impacientes e insignificantes.

Aos quinze anos a vida é encarada como um processo contínuo e arriscado, ao qual é impossível escapar. Este processo terá obstáculos e barreiras para ultrapassar e irá certamente decidir quem somos e o que fazemos neste mundo. Aos quinze anos também acreditamos que tudo tem solução e que, por mais difícil que pareça, devemos lutar até ao último minuto. No entanto, as mudanças de humor são constantes e temos a capacidade de exagerar as situações, chegando mesmo ao ponto de pensar que o mundo desabou mesmo em frente dos nossos olhos.

Nesta idade experimentamos todos os sentimentos e emoções possíveis. Conhecemos pessoas e fazemos amizades, porém maior parte dessas pessoas tornam-se apenas memórias e muito poucas continuam ao nosso lado à medida que os anos passam. É também aos quinze anos que a família possui um papel fundamental, é o nosso suporte e sem ela não seríamos nada. Posso então concluir que aos quinze anos a vida ainda é curta, mas repleta de alegrias e tristezas que nos vão acompanhar até ao fim dos nossos dias.

Texto 78: SOMOS ASSIM AOS...Helena Sofia Dias, nº 7, 10ºD

Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos quinze anos, brincalhões, divertidos, curiosos sobre a vida e com vontade de a viver. Somos espontâneos, perspicazes, com vontade de saber tudo e nunca mais esquecer. Somos impacientes e resmungões, com um orgulho muito grande para se ferir, mas também sabemos dar o braço a torcer quando não há outra volta a dar.

Temos grandes ambições e sonhos para o futuro e pensamos numa forma de fazer com que tudo se possa tornar realidade. Queremos descobrir novos caminhos, novos rumos. Achamos que já somos maduros o suficiente para fazer um pouco de tudo, mas nem sempre é assim, ainda somos mais inocentes do que pensamos.

Vivemos no nosso próprio mundo com as nossas próprias regras e restrições. Somos únicos e admiramos quem nos admira, somos amigos dos nossos amigos, fiéis com quem nos é fiel e apoiamos quem nos apoia. Às vezes sentimo-nos sós, como se ninguém nos compreendesse, como se compreendêssemos toda a gente. Somos assim aos quinze anos.

Texto 79: SOMOS ASSIM AOS...Susana Sousa, nº 25, 10ºC

Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos dezasseis, uma instabilidade sempre presente, uma revolta iminente, um tumulto de alma. Somos assim incertos como o tempo. Num dia chegamos ao céu noutro rastejamos por terra. Julgamos saber tudo, pensamos correcto agimos errado ou por vezes nem pensamos. Despejamos palavras ao vento, vivemos amedrontados, presos por orgulho e lembranças do passado.

Roubamos corações e escondemos emoções. Vivemos despreocupados, nadando num mar de sonhos, de vez em quando afogados por desilusões, julgando-nos morrer por dentro. De súbito, tudo é esquecido e mais sonhos são semeados onde a ausência de felicidade mais se faz notar. Preenchemos assim o nosso vazio com ilusões que vivemos todos os dias sempre com um sorriso na cara. Somos assim aos dezasseis, bravos lutadores, perdidos de amores, vagueando solitários por labirintos vastos, ruas estreitas, por vezes de rastros. Somos assim pintores da vida, criadores de vários mundos. Numa tela vazia colocamos tintas, experimentamos cores, desenhamos flores.

Somos assim aos dezasseis, colecionadores de momentos que guardamos para nós, para mais tarde, daqui a alguns anos, partilharmos com o mundo, quando formos avós.

Texto 80: SOMOS ASSIM AOS...Miguel Rodrigues, nº 14, 10°C

Data de edição: Abril 2010

Aos 15 sonhamos, cremos. Falam de apostar em nós como se de mero jogo se tratasse. Falam-nos do mundo, da sua crueldade, da falta de misericórdia, como se fôssemos indiferentes a tudo isso.

Aos 15 vivemos, ensombrados, cegos para o perigo e insensíveis ao belo. Seguimos lesto pela vida fora, ignorando tanto e vendo tão pouco.

A consciência da morte invade-nos, por fim, tateante e fria. Sinto o tempo a fluir, o peso das acções e suas consequências. Sinto o fardo das escolhas e acima de todas as visões e emoções conjugadas sinto-me vivo e aprecio-o, enfim.

Texto 81: SOMOS ASSIM AOS...João Tomé, nº 11, 10°C

Data de edição: Abril 2010

Aos 16 sou assim, tudo busco nada encontro, desejo o indesejável, sonho com o impensável. Turbilhão de sentimentos, convicções e sentimentos que definem o que sou.

Tudo busco nada encontro, a verdade está onde menos a espero, brinco com as palavras, tento definir o indefinível.

Dou comigo à procura do pedacinho que falta, nada encontro. Procuo em ti o que falta, nada encontro. Aos 16 eu sou assim, aos 16 eu sou...

Texto 82: SOMOS ASSIM AOS...Nuno Martins, nº 15, 10°C

Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos 15 anos...

Nasce um novo dia pelas frinchas da persiana. Ouço os pardais a chilrear a melodia da vida, quando tomo noção que a vida já nos passou à frente. Novo dia, nova mentalidade, novas ideias, novas atitudes, porém, tudo não passa da mesma rotina.

Olho para o futuro, esqueço o passado e assumo o presente como uma nova oportunidade, quando me apercebo que a vida é curta e a morte é longa.

Vem-me um momento de nostalgia enquanto ando, assobiando o refrão da música da minha vida...

Texto 83: SOMOS ASSIM AOS...Sofia Batista, nº 25, 10° D

Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos dezasseis... Não temos a noção da dureza da realidade, uma vez que observamos o mundo que nos rodeia com o olhar positivo da juventude que, por vezes, não nos deixa ver para além do que é bom.

Com tão tenra idade, a ingenuidade apodera-se do nosso ser. Somos facilmente influenciados, pois as nossas convicções não estão totalmente definidas. Sendo assim, tudo o que é novo nos parece irrefutavelmente aliciante.

As emoções vivem-se à flor da pele. As alterações que sofremos, tanto físicas como mentais, modificam a nossa maneira de ser, sendo as mudanças de humor uma constante. Num instante tudo nos parece maravilhoso, já noutra, parece que todos estão contra nós, instalando-se assim um sentimento de revolta.

Julgamo-nos imortais e intocáveis, não podendo nada de mal acontecer-nos. Daqui surge uma atitude de egoísmo, dado que adoptamos determinados comportamentos, sem pensarmos nas suas consequências. Às vezes sentimo-nos incompreendidos, pois parece que ninguém percebe as razões pelas quais somos como somos, esquecendo-nos de que a maioria das pessoas com quem convivemos já passou por esta fase.

O facto é que aos dezasseis se vive a vida intensamente, sendo por isso um dos mais belos períodos da "construção" de um ser humano.

Texto 84: SOMOS ASSIM AOS...Tiago Nogueira, nº 26, 10° F

Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos dezasseis... jovens numa luta constante pela independência, sedentos de liberdade, irreverentes, personalizados. Aos dezasseis tudo começa a ganhar forma, o que somos e o que iremos ser, o que defendemos e o que criticamos. As ideias ganham vida, a opinião aparece.

Aos dezasseis vivemos num conflito emocional, hormonal e racional. Desmistificam-se ideias pré-concebidas e tomamos partidos. Tornamo-nos selectivos, não só no que defendemos e acreditamos, mas em tudo com que nos deparamos no quotidiano: o que vestimos, o que comemos, com quem convivemos.

Deparamo-nos também com a responsabilidade, com o querer e o dever, com o nosso subconsciente, o que está certo e errado e com o que devemos fazer.

Aos dezasseis, deixamos o passado e apostamos no futuro, vivendo, no entanto, o presente ao máximo. Experimentamos um turbilhão de sensações naquilo que é uma espécie de teste para a vida adulta.

Somos assim aos dezasseis... um "eu" em construção.

Texto 85: SOMOS ASSIM AOS...Marco Rodrigues, nº 16, 10º D

Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos quinze anos. Descobridores do descoberto, exploradores da vida. Tudo é novo, diferente, estranho. Passeamos o campo minado que é a vida, erramos e aprendemos. Aprendemos a viver, aprendemos a ser. Sonhamos e desejamos o possível e sobretudo o impossível. Desenhamos a nossa vida, o nosso caminho, o presente e o futuro. A tudo amamos, em tudo cremos.

Experimentamos sensações, sentimos novos sentimentos. Poderemos recordar esta idade com muito carinho. Aliás, a vida não é outra senão a que fazemos. Decisões actuais, resultados futuros. O reflexo de tudo o que fazemos mostrará a nossa pessoa, a nossa maturidade. Todo este processo é a angustiante, mas ao mesmo tempo é a apaixonante descoberta da vida, a vida de adolescente. A passagem da fantasia para a vida real, de criança para adulto.

O poder de tornar verdade qualquer sonho alcançável e real depende de nós, hoje. Um esforço incrível poderá impulsionar a nossa vida para muitas experiências, conhecimento e sabedoria. Sonhar, descobrir, viver. Assim somos nós aos quinze anos.

Texto 86: SOMOS ASSIM AOS...Eduardo Santos, nº 4, 10º D

Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos 15 anos. Nesta idade sofremos bastantes mudanças na maneira como agimos e no nosso modo de ser.

A adolescência é, por excelência, uma fase de novidades e alterações que, por vezes, são radicais. É importante que as pessoas se interessem por nós. Agir de forma "diferente" é uma das formas de o conseguir. A sensação de pisar o risco, de arriscar e de desobedecer faz parte no nosso processo de crescimento e desenvolvimento. Contudo, a "diferença" não se limita a esse aspecto. Trata-se do momento em que relembramos a fase dos "porquês" que ficou perdida na infância, e em que se contraria e questiona, em que se põe tudo em causa, algo que nos leva a pensar e, por vezes, a ser mais irreverentes, pois, independentemente da nossa opinião - normalmente invulgar, para sermos diferentes -, não admitimos que estamos errados.

Trata-se de um momento muito difícil da vida, no qual se muda constantemente o modo de ver as coisas e são frequentes os conflitos a resolver.

Somos divertidos e gostamos bastante de passear ou falar com os nossos amigos e, muitas vezes, isso ajuda-nos a partilhar problemas e a aprender a superá-los, já que todos nós já passámos por situações semelhantes.

Texto 87: SOMOS ASSIM AOS... Joana Mendes, nº9, 10ºD

Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos quinze anos. Ainda não sabemos realmente o sentido da vida. Julgamos ter connosco uma enorme bagagem de conhecimento e memórias, quando na verdade, esta ainda se encontra por preencher.

Cobertos de incertezas e indecisões, é assim que somos.

Amamos o desconhecido, amamos o que é fácil e tudo que nos é dado.

Sonhadores, criamos demasiadas expectativas, idealizamos todos os nossos objectivos, mas nem sempre damos um passo de cada vez.

Com quinze anos, queremos liberdade, queremos roupas caras, sair à noite e experimentar o primeiro cigarro. É uma idade de descobertas, maravilharmo-nos com tudo o que nos rodeia, estamos constantemente a aprender e é quando nos apercebemos que até os erros nos podem ensinar.

Estamos a crescer, a moldar-nos, a ingressar no futuro com que todos sonhamos.

Com quinze anos, já não somos crianças, mas também não somos adultos, só queremos ser levados a sério, estamos a aprender a viver fora de um colo materno.

Texto 88: SOMOS ASSIM AOS... Mário Cerqueira, nº17, 10ºD

Data de edição: Abril 2010

Somos assim aos quinze anos. Despreocupados e descontraídos, bem com a vida e com o mundo em redor. Nada nos assusta, somos destemidos e também desorganizados, pois falta-nos experiência de vida suficiente que nos guie. Por vezes somos teimosos, não gostamos de "dar o braço a torcer" nem de dar razão aos outros, talvez porque ouvimos dizer que se avizinha um futuro incerto para a nossa geração o que nos leva a sermos demasiados competitivos e críticos com tudo e todos.

Somos ainda fechados, gostamos de ter o nosso espaço, o nosso canto, onde reflectimos sobre a vida e sobre tudo o que nos rodeia. Não nos apercebemos de que a vida é ruim, pensamos que tudo é fácil, e que nada nos pode deitar abaixo. Amamos tudo e todos, talvez por sermos ingénuos e, por vezes, sermos protegidos por quem nos ama.

Texto 89: SOMOS ASSIM AOS... Daniel Fernandes, nº2, 10ºD

Data de edição: Abril 2010

Aos dezasseis sou assim...

Aos dezasseis anos ainda não tenho muita noção de como é a vida "lá fora". Continuo a viver muito protegido e suportado pela família.

Nesta fase da minha vida os meus objectivos principais são a escola (notas) e a minha vida social. Por vida social entenda-se as saídas com os amigos, as idas à praia, as idas ao cinema... Como adolescente tenho especial atenção à minha aparência, procurando vestir-me segundo as tendências. Tenho consciência de que com a idade chega a responsabilidade e, por isso, procuro aproveitar ao máximo este período da minha vida. Esta idade ainda permite desculpar alguns erros cometidos: prioridades mal definidas, caminhos mal percorridos, impulsividades mal dirigidas... Assumo que cometo alguns erros mas, se não os cometer agora, quando os cometerei?

Aos dezasseis sou assim mesmo: um adolescente a caminho da idade adulta. Apesar dos percalços, das pedras do caminho e dos obstáculos que vou encontrando, espero que esta jornada pela adolescência me leve a uma idade adulta consciente e responsável.

Texto 90: SOMOS ASSIM AOS... Joana Sousa, nº10, 10ºD

Data de edição: Maio 2010

Somos assim aos dezasseis anos, aparentemente despreocupados do mundo que nos rodeia, mas sobrecarregados com as preocupações que nos são impostas.

Dizem sermos inocentes, mas discordo dessa "tese". Na minha opinião, o adolescente do século XXI com direito a toda a informação e possibilidade de chegar a ela através de um clique, pode ter duas alternativas: ou não aproveita essa possibilidade e envereda por caminhos duvidosos ou acaba por ter as motivações, preocupações ou desesperos de alguém de trinta anos, o que é inerente à depressão que se faz sentir na sociedade actual. Mas também somos assim aos dezasseis anos: aprendizes - tudo na nossa existência é efémero, mas ajuda-nos a definir como pessoas nesta caminhada até ao topo. Intensos - na idade em que cada paixão é a primeira e a última e é vivida como tal. Em que nos entregamos de corpo e alma a alguém como se fosse a última pessoa a quem vamos dizer "ADORO-TE".

Mas, sobretudo, somos assim aos dezasseis anos: preocupados, pensadores, lutadores, espontâneos, sonhadores e SERES HUMANOS, com tudo o que isso implica defeitos ou virtudes, obstáculos ou auxílios, vitórias ou derrotas.

Texto 91: UMA HISTÓRIA, Rodolfo Costa, nº 21, 8ºC
Data de edição: Maio 2010

Era um jovem rapaz que vivia com a sua mãe, pois o seu pai já tinha falecido. Viviam com dificuldades económicas e, certo dia, tiraram-lhes a casa e passaram a viver na rua.

Certo Inverno, a mãe do jovem, que estava muito doente, acabou por morrer e o rapaz ficou órfão. O rapaz sobrevivia pedindo esmola, pelas ruas. Naquele dia de Inverno, o menino estava a mendigar, como sempre, quando um senhor reparou nele. Ele teve pena do menino e levou-o para sua casa para dar-lhe de comer.

Quando a mulher do senhor chegou a casa, perguntou quem era o rapaz. Ele explicou tudo e ela compreendeu a situação. Então, o casal, que há muito tempo queria um filho, decidiu perguntar ao rapaz se queria ser adoptado. Este não hesitou e respondeu que sim, com um enorme sorriso na cara. Ele começou a imaginar como seria ter uma vida normal, como ir à escola, ter amigos, ter refeições a horas...

A partir daí a vida sorriu-lhes tanto para o menino como para o casal, e viveram felizes para sempre.

Texto 92: ESTOU TRISTE, Raquel Brandão, nº 16, 1ºA
Data de edição: Abril 2010

Estou triste, magoada, acabada, a minha vida neste momento resume-se a um buraco fundo e escuro em que só existo eu, por entre aquelas paredes negras e molhadas ouvindo o eco da minha respiração. Já não sei o que sinto, já não sei o que quero, estou sem forças, talvez sem vontade para continuar aqui. É duro vermo-nos a cair e não sermos capazes de lutar para sobreviver. Já não acredito naquilo de que sou capaz, já não acredito no meu coração, ele está magoado comigo, ele diz-me para amar e eu não amo, ele diz-me para acreditar e eu não acredito, ele diz-me para não desistir e eu o que faço? Desisto sem pensar. Estou a deixar para trás as pessoas que amo, estou a obrigá-las a assistir à minha queda.

Estas nostalgias que me invadem a alma sem pedir licença estão a dar cabo da minha auto-estima! Estou aqui, deitada na cama a ouvir aquelas músicas que me fazem lembrar aqueles momentos, e as lágrimas escorrem-me pelo rosto sem parar, tenho frio, tenho fome, tenho sede, mas não vou procurar nada para satisfazer estes desejos, vou deixar esta dor imensa apoderar-se de mim até que o meu corpo e a minha alma se destruam e apenas os meus acessórios ficarão lá no fundo deste buraco negro e mortal.

Quando alguém decidir encontrar-me irão descer até à minha vida (buraco negro) e irão encontrar as minhas pulseiras, os meus brincos, a minha roupa, e eu? Onde estou? Estou desaparecida, escondida, enterrada, estou morta e aí vocês lembrar-se-ão de mim, da minha personalidade, do meu cheiro, do meu sorriso, do brilho dos meus olhos, da minha voz, mas depois vão lembrar-se que já não estou cá e a saudade vai crescer, as lágrimas vão escorrer e a respiração vai faltar. Desculpem ter desaparecido, mas o sofrimento era tanto que já nada me prendia aqui neste mundo falso e cruel onde um sorriso não vale nada e uma lágrima é solta por razão nenhuma.

Prefiro estar aqui no mundo real, onde tudo é verdadeiro, embora sozinha e morta. Agora estou feliz, não sofro, não choro, não grito, não vejo, não falo, estou apenas aqui a olhar e a ver uns a sofrerem como eu e outros a serem felizes como eu já fui!

Texto 93: TOBIAS, Pedro Vilela, nº 18, 8ºC
Data de edição: Abril 2010

Era uma vez um rapaz chamado Tobias. Tobias era uma criança muito, muito pobre. Vivia numa estação do metro do Estádio do Dragão. Era ali que ele passava todos os seus dias. Dormia no chão: punha restos de jornal no chão e cobria-se com uma manta já toda rota que tinha encontrado no lixo. Ele tinha uma roupa toda suja e rota e um cabelo todo despenteado e todo sujo.

Tobias pedia esmola sempre junto da estação a pessoas numa certa forma pobre que até lhe davam uns trocos, outras ricas que por muito que tivessem nem um cêntimo lhe

davam. Juntava moedinha a moedinha para comprar um pão e beber alguma coisa. Era também uma pessoa muito conhecido naquela zona pela forma como o miúdo gostava de jogar a bola. Além de ser muito pobre tinha sempre tempo para fazer aquilo que gostava.

Até que certo dia algo aconteceu!

Foi numa noite magnífica em que jogava o Porto contra o Benfica. Tobias sabia que algo se passava de diferente: o ambiente, as pessoas, a falarem do jogo...Até que ele decidiu ir para a porta do Estádio do Dragão com a sua bola debaixo do braço ver o que se passava. Perguntou a um senhor com um cachecol do Porto, ao que este lhe respondeu que era um derby entre Porto e Benfica. Ele ficou entusiasmado ao saber que o seu clube, o Porto, ia jogar com o Benfica, mas não percebeu muito bem aquilo do *derby*. E então, enquanto não vinha ninguém, pôs-se a dar uns toques e a fazer umas habilidades que ele sabia. Quando já se estava a preparar para ir embora, foi interrogado por um senhor chamado Pedro Emanuel, Treinador das escolas do Porto. Tobias não se apercebeu muito bem do que o homem lhe estava a perguntar, só percebeu "Porto".

Pedro Emanuel disse-lhe que gostava de o ver jogar nas escolas do Porto. Tobias ficou espantado e feliz. Só que havia um problema: ele disse ao senhor que ele não tinha família, que vivia na rua. Mas Pedro Emanuel disse-lhe que esse problema já estava resolvido, e que Tobias ia viver com ele, como se fosse um filho. O miúdo não estava a contar com estas duas surpresas. Ele nem acreditava na sua sorte!

Passaram-se 7 anos, ele tinha agora 17anos e jogava Futebol ao mais alto nível, jogava agora no Real Madrid. Era o miúdo maravilha do Real Madrid. Era quase um ídolo dos adeptos, não só em Espanha mas internacionalmente.

Vivia bem com o seu "Pai", tinha tudo de bom e do melhor. Parecia que tudo tinha mudado. Antes pobre, ninguém o conhecia e até o desprezavam. Agora rico, e famoso, já toda a gente o conhecia. Tobias foi um miúdo com sorte, conseguiu agarrar uma oportunidade irrecusável. Mais tarde, Tobias abriu um "Centro de Ajuda aos Sem-abrigo". Foi um acto de amor para recompensar um pouco os pequenos que não tinham tido a sua sorte!

Texto 94: A ÚLTIMA DE MUITAS ÁRVORES, Alexandra Pereira, nº1, 8ºC

Data de edição: Abril 2010

A nossa história passa-se num futuro distante, numa cidade desse futuro. A cidade era bastante evoluída, estava muito diferente das nossas cidades. As pessoas dependiam da tecnologia, sem ela já não sabiam viver. Nessa cidade, não havia espaços verdes. Os humanos tinham destruído as árvores todas, ficando apenas uma.

Certo dia, António, um homem de 40 anos, alto, moreno e de olhos castanhos, chamou o seu filho. O seu filho chamava-se Marco, era um menino de treze anos, baixo, moreno e de olhos castanhos. Ao ouvir o seu pai, Marco percebeu que ia sair de casa, pois faziam isso todos os Domingos. Ele chegou ao pé do pai e este disse-lhe:

- Hoje, vais conhecer a última árvore da cidade.

-A última árvore? – pergunta o filho entusiasmado.

O pai não respondeu, simplesmente saiu de casa com o filho. Quando chegaram perto da árvore, o filho pareceu desiludido. Ao ver a sua expressão, o pai perguntou:

-Não gostaste?

-Sim, adorei, mas, esta árvore é linda! Esta cidade ficava espectacular com muitas mais. Porque é que só existe esta árvore, pai? – pergunta o filho.

-Porque, para tu te divertires com a tecnologia, cortaram as árvores, para criarem centros comerciais, lojas, tudo o que te diverte! - respondeu o pai. Antes era lindo, eu e o teu avô, vínhamos para aqui, havia muitas árvores, ouvia-se os passarinhos, havia flores lindas e raras, frutos, não havia poluição, era tudo lindo!

Mas agora, é tudo o oposto, há cada vez mais lixo no chão! – disse o pai.

Estiveram ambos a olhar para a árvore e a pensar no que poderiam fazer.

Passado tempo, respondeu o filho:

- Vamos mudar, vamos plantar árvores, vamos pedir ajuda!

- É difícil filho, nem todas as pessoas querem espaços verdes! – disse o pai.

- Isso é porque não sabem como é tudo lindo e divertido, como faz bem à saúde! -

Então, tu queres chegar ao coração das pessoas para gostarem da Natureza através de histórias passadas?! – pergunta o pai, admirado com a ideia do filho.

- Sim e vamos conseguir! - disse o filho.

E assim foi, a Natureza aumentou na cidade do futuro. As pessoas aprenderam que a Natureza e tecnologia, podem ficar bem juntas.

Texto 95: AS VIAGENS DA ANDORINHA LÍDIA, Raul Silva, nº 20, 8º C
Data de edição: Abril 2010

Num dia de Primavera a dona Alcina, uma senhora já de alguma idade, estava no seu jardim a regar as suas belas plantas, quando uma andorinha pousou na sua cabeça. A dona Alcina, assustada, afugentou-a. A andorinha pousou então suavemente na relva, e a senhora deu um passo para trás e pisou-a. A andorinha caiu sobre a relva e a velhinha com remorsos de ter magoado a pobre criatura, levou-a para dentro de sua casa. Depois de olhar para ela viu que tinha uma asa partida. Pegou nela novamente, e a andorinha assustada tentava fugir, mas a senhora agarrava-a com alguma força, para a tentar curar. Passado alguns minutos, a andorinha acalmou-se e a dona Alcina pôs-lhe ligadura à volta da asa e deitou-a no sofá.

No dia seguinte a senhora foi para o jardim acabar o seu trabalho. Quando estava quase a terminar, a andorinha apareceu no jardim e perguntou à senhora:

- Como se chama?

A dona Alcina olhou para trás espantada e disse:

- Alcina, e tu?

- Eu chamo-me Lídia – disse a andorinha.

- Peço imensa desculpa por te ter calcado – disse tristemente a senhora.

- Não faz mal, às vezes acontece.

- Eu acabei de chegar de África, e queria descansar um bocadinho – disse Lídia.

- Que fazias tu em África?!

- Eu sou uma exploradora e já explorei todos os continentes, excluindo o Asiático.

- Quais foram os países ou cidades que gostaste mais dos continentes?

- No continente Americano adorei Miami, pois é muito quente e a praia é um espectáculo. No continente Africano gostei muito de Marrocos, tem muitos monumentos e, foi lá a primeira vez que vi um camelo. Na Oceânia adorei a Austrália, tem toda a variedade de animais, e lá é muito quente. Por fim, no Continente Europeu, o país que gostei mais foi Portugal, tem uma grande costa, com muitas praias. É muito bonito.

A conversa prolongou-se. No dia seguinte a asa da andorinha já estava bem e a andorinha continuou a sua exploração, e prometeu, um dia, voltar a visitar a dona Alcina.

Texto 96: A CRIANÇA POBRE, Nuno Guimarães, nº 17, 8º C
Data de edição: Abril 2010

Numa gelada noite de Inverno, um jovem rapaz chamado Manuel estava sentado no passeio de uma rua a pedir esmola. Quase ninguém olhava sequer para ele, e quem olhava fazia-o com desdém.

O pobre rapaz já não comia há dias, mas o que mais o entristecia era o facto de saber que o Natal estava a chegar e que ele não tinha ninguém com quem celebrar essa data, porque os seus pais tinham falecido há pouco menos de um ano e ele estaria sozinho.

Nessa noite, enquanto o menino estava a pedir esmola para poder comer alguma coisa, uma jovem senhora viu-o e aproximou-se dele e perguntou-lhe se ele tinha alguém com quem passar o Natal. O pobre rapaz, muito triste, respondeu-lhe que não. Ela disse-lhe para ele ir com ela para um lar de acolhimento, nesse lar ele ia poder conviver com outros jovens que tinham passado pelo mesmo que ele e que assim nunca mais teria que pedir esmola e nunca mais iria estar sozinho. Mas o mais importante de tudo é que iria ter alguém com quem passar o Natal. O rapaz ficou um bocado receoso antes de responder, pois achava estranho que, depois de tanta gente ter passado por ele e o olhar com desdém, haver uma pessoa, que ele não conhecia, que lhe oferecia ajuda. Mas o rapaz acabou por aceitar a ajuda da estranha.

Ele chegou ao lar nessa mesma noite, mais ou menos à hora de jantar, e assim que entrou lá dentro ficou espantado ao ver tantos jovens como ele todos juntos numa comprida mesa a jantar. O rapaz, que já não comia há muitos dias, sentou-se logo à mesa com os outros jovens e comeu com eles. Quando chegou a hora de dormir viu que todos os rapazes dormiam em beliches e quando entrou no quarto ficou muito triste porque viu todos os beliches ocupados. Até que ouviu uma voz vinda do fundo do quarto a chamá-lo, ele foi ter com essa voz e viu um rapaz na cama de cima de um beliche a dizer-lhe que ele podia dormir na parte de baixo. Manuel ficou muito feliz ao ver a simpatia daquele rapaz.

Nos dias seguintes, o rapaz continuou a fazer amigos no lar e com o Natal à porta, ele sentia-se muito feliz, por saber que não iria estar sozinho.

Textos 97: O AMOR e O QUE ESCREVER, Joana Lobão, nº 18, 8ªA
Data de edição: Abril 2010

O amor não se escolhe para sentir, nem a pessoa de que se vai gostar. É instintivo e não tem hora para se começar a amar! Desculpa se me apaixonei por ti em má altura, mas foi a altura em que eu realmente me apercebi o quanto eu te amava. Eu quero-te, mas acho difícil tu teres os mesmos sentimentos por mim, mas se tiveres, tanto melhor!

Escrever pode servir para exprimir sentimentos, fazer comentários, para responder a questões e testes, para fazer apontamentos...Eu adoro escrever espontaneamente, simplesmente... Naqueles momentos em que me sinto inspirada, pego numa caneta e começo logo a escrever! Escrever ajuda-me a acalmar.

Texto 98: O QUE É ESCREVER? Hugo Cerdeira, nº 15, 8ªA
Data de edição: Fevereiro 2010

Escrever é uma forma de nos libertarmos, fugir de quatro paredes e viver tudo o que alguma vez imaginámos. Escrever é libertar a alma que escorrega entre os dedos.

Tenho muitas dificuldades na escrita, principalmente na ortografia. Podia melhorar se lesse mais livros do que os que leio, e também estar com mais atenção.

Texto 99: COSTA RICA, Marcela Rodriguez Brenes, nº 16, 11º A (PLNM)
Data de edição: Abril 2010

Hoje vou falar do meu país. A Costa Rica é um país da América Central, limitado a norte pela Nicarágua, a leste pelo mar das Caraíbas e pelo Panamá e a sul e oeste pelo oceano Pacífico. O meu país é composto por sete províncias: San José, Alajuela, Heredia, Cartago, Guanacaste, Puntarenas e Limón e tem uma população à volta de 4 milhões.

A montanha com maior altitude é o Cerro Chirripó, com 3810m e é o ponto mais alto em toda a América Central. Há, aproximadamente, 300 vulcões, dos quais alguns estão activos. O maior vulcão é o Irazú e o lago mais comprido é o Arenal. O rio Savegre, localizado em San Isidro do General, é o rio mais limpo do continente.

A Costa Rica tem cinco por cento da biodiversidade do mundo inteiro, o que é bastante significativo, tendo em conta o tamanho do país. Cerca de trinta e oito por cento da superfície total do país encontra-se coberta por bosques e selvas. Algumas das praias mais famosas são: Manuel António, Jacó e Hermosa, no sul de Guanacaste. O clima é tropical e subtropical, com uma estação seca de Novembro a Abril e uma estação chuvosa entre Maio e Outubro.

Este país caracteriza-se por ser uma das nações latino-americanas com melhor qualidade de vida, sendo a sexta nação com o melhor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e a terceira no que diz respeito ao melhor sistema de saúde. É o primeiro em expectativa de vida, ultrapassando, inclusive, os Estados Unidos e o Canadá. A economia da Costa Rica depende do turismo, agricultura e exportações de produtos electrónicos.

Texto 100: O RACISMO, Marcela Rodriguez Brenes, nº 16, 11º A (PLNM)
Data de edição: Abril 2010

Através dos séculos, a nossa sociedade tem vindo a demonstrar alguns dos sintomas de "uma doença que dorme no coração do homem"- o racismo.

O racismo é uma doença que desperta alguns sentimentos nas pessoas, como, por exemplo, a rejeição, sentimento de superioridade e a violência. Esta "doença" é subjectiva, pois cada pessoa tem o seu motivo e a forma de a expressar. Alguns motivos podem ser a religião, a cultura, a raça. "A sociedade é um dos factores iniciais desta doença...", já que transmite imagens que ficam gravadas nas mentes das pessoas e estas, sem se darem conta, são controladas pelas mensagens camufladas que a sociedade e os meios de comunicação lhes transmitem diariamente.

Apesar das diferenças que existem, de pessoa para pessoa, todos somos iguais e não temos o direito de rejeitar os outros, seja por que motivo for.

Texto 101: CHILE, Samantha Padilla, nº 25, 11º A (PLNM)
Data de edição: Abril 2010

Estou em Portugal, mas vim do Chile, embora tenha nascido no Peru.

A República do Chile é um país da América do Sul que ocupa uma longa e estreita faixa costeira encravada entre a cordilheira dos Andes na fronteira oriental e o Oceano Pacífico, fronteira ocidental. Faz fronteira ao norte com o Peru, a nordeste com a Bolívia, a leste a Argentina e a Passagem de Drake, a ponta mais meridional do país. O Oceano Pacífico forma toda a fronteira oeste do país. O território chileno estende-se até ao Oceano Pacífico, incluindo os territórios ultramarinos do Arquipélago Juan Fernández, Ilhas de Sala e Gómez, Santo Ambrósio, São Félix e a Ilha de Páscoa, localizada na Polinésia.

O clima do Chile compreende uma grande variedade, o que torna difícil a sua generalização. Contudo, segundo o sistema Koppen, o Chile tem, pelo menos, sete subtipos climáticos: o deserto no norte e a tundra alpina e a neve no leste; no sudeste o subtropical húmido (na Ilha de Páscoa), o oceânico no sul e o mediterrânico no centro. Há quatro estações na maior parte do país: o Verão (de Dezembro a Fevereiro), o Outono (de Março a Maio), o Inverno (de Junho a Agosto) e a Primavera (de Setembro a Novembro).

O Chile é uma República democrática cuja Constituição foi aprovada por plebiscito em 1980. O Presidente é eleito por um período de quatro anos ou mais. O "Palácio de la Moneda" é a sede do governo. A economia é considerada a mais próspera da América latina, havendo, nos últimos anos, uma maior diversificação económica; diminuiu a importância da extracção mineira (principalmente o cobre) no PIB, aumentando a participação dos serviços.

No que diz respeito à educação, o ensino primário e secundário são obrigatórios e o Estado atribui "vouchers" de educação a cerca de noventa por cento dos estudantes.

Erro! A referência da hiperligação não é válida.

Texto 102: A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, Ana Rita Pires, nº 1, 8º E
Data de edição: Abril 2010

A violência doméstica é um grave problema que deve ser resolvido! Existem muitas pessoas que são vítimas de agressões por parte de outras que lhes são próximas e que acabam por sofrer muito sem terem cometido nada de grave.

São as mulheres que sofrem mais agressões verbais e físicas e, por vezes, depois de acontecerem, são obrigadas ou influenciadas, muito provavelmente por medo, a esconderem o que se passou e não fazerem queixa.

Talvez pudessem existir, menos casos destes, se não fosse esse o sentimento das pessoas. Se fizessem queixa, os agressores seriam punidos sendo menor o número de mulheres agredidas.

Na minha opinião, é urgente resolver este problema e é importante que as pessoas não tenham receio de dizer o que sentem e os problemas que têm!

Texto 103: COMENTÁRIO, Crime No Expresso Do Oriente, Rita Lopes, nº 21, 8º E
Data de edição: Abril 2010

Este livro conta a história de um famoso detective chamado Hercule Poirot que, tendo resolvido um importante mistério, decide fazer uma viagem de comboio, durante a qual um dos passageiros é assassinado. Poirot conduz a investigação do caso, reparando nos pormenores e examinando minuciosamente a personalidade de cada um dos suspeitos, chegando a uma simples mas genial conclusão: o crime foi cometido não por uma, mas por quase todas as pessoas que se encontravam a bordo do "Expresso do Oriente". Poirot, descobrindo que o morto tinha assassinado uma criança, vários anos antes da viagem, levando à destruição da família desta, decide ocultar o caso da polícia, vendo que todos os assassinos tinham estado de alguma forma ligados a essa família e tinham também sido afectados pelo crime. Creio que esta obra é de muito interesse e fácil leitura. A autora conta a história de uma forma brilhante, deixando o leitor intrigado do início ao fim da obra. A maneira subtil como introduz as provas relevantes para a resolução do caso, torna a história ainda mais empolgante e divertida. Boa leitura!

Texto 104: PARAÍSO, Catarina Cardoso, nº 5, 8º E
Data de edição: Abril 2010

O meu paraíso, um lugar muito distante de Portugal, é uma magnífica ilha nas Caraíbas, Saint Barthélemy. Fica a oito mil quilómetros de Portugal. Logo, para lá chegar, temos de ter paciência, pois demora oito horas de avião. Mas vale a pena esse pequeno sacrifício. Nessa ilha não existe a palavra frio, apenas o calor é predominante. As praias, de areia esbranquiçada e água azul a vinte e nove graus, são lindas! As casas são enormes e, uma noite num simples hotel, pode ficar mesmo muito cara. A principal cidade da ilha é Gustavia, onde há bares abertos à noite e muitos iates. O preço dos produtos de higiene e de alimentação é bastante caro, em comparação a Portugal, mas lá os ordenados também são superiores aos de cá. Estive nessa ilha apenas duas semanas, mas foram as melhores férias da minha vida e espero um dia voltar.

Texto 105: A VIDA, Patrícia Miranda, nº 15, 2º A
Data de edição: Abril 2010

Aprendi que se aprende errando, que crescer não significa fazer anos. Que o silêncio, por vezes, é a melhor resposta, que os amigos conquistam-se, mostrando o que somos. Que a maldade se esconde atrás de uma bela face, que os verdadeiros amigos ficam connosco até ao fim e que não se espera a felicidade chegar, mas procura-se por ela. Aprendi que quando penso que aprendi tudo ainda não aprendi nada, que amar significa dar-se por inteiro, que um dia pode ser mais importante que muitos anos e que uns dias perdemos, outros ganhamos. Aprendi que o nosso maior sonho é ser livre e que o julgamento alheio não é importante.

Eu já lutei, esperei e desesperei. Já chorei ao ver amigos partir, mas depois descobri que logo chegam outros e que a vida é um vaivém sem razão. Eu já prometi e não cumpri e já ri para não chorar. Eu já brinquei de ser feliz e tentei ser o que não sou...Eu já achei que tudo era para sempre, mas descobri que o "para sempre"...sempre acaba!

Texto 106: MULHERES, Rui Jorge Resende, nº18, 2º B
Data de edição: Abril 2010

Já alguma vez pensou nessa grande invenção de Deus? Esse magnífico ser da Natureza...esse perfeito ser... que é o homem? Pois é, é com muita pena minha que não vou falar do homem, mas sim da mulher, em geral.

É neste preciso momento que vocês perguntam: "Ó Rui, não tens nada mais interessante para falar, tipo o golo do Falcão contra o Atlético Madrid? Podia sim, até porque foi um golo que me fez vir as lágrimas aos olhos e, não, não sou adepto do Atlético. Mas agora falando de coisas tristes, o que é a mulher? É uma pergunta pertinente, à qual eu não sei responder e, julgo que o leitor já se apercebeu disso no momento em que fiz a pergunta. Mas vamos ver as coisas como elas são.

Deus criou o homem: ágil, forte, corajoso, sempre pronto para a guerra e para as festas, pouco higiénico e com muitos ataques de flatulência (ou essa é das mulheres? Nem sei...), perverso...Deus não deve ter ficado satisfeito, visto que, assim, o homem iria passar os todos os dias feliz e bem-disposto e, claro, como nada é perfeito, lá o Salvador, ou o Senhor, decidiu criar a mulher. Eu sei que dá vontade, mas controlem a vossa raiva...

Já viram as características que Deus atribuiu às mulheres? Sensível, "picuinhas", adora flores, cor-de-rosa...Se alguma vez uma mulher vos questionar, seja a vossa ou não (apenas espero que não seja a minha), se notam algo de diferente nela e, nem que ela tenha perdido 10kg ou tirado o buço, não insistam, homens, digam que é o cabelo!

Mas há que respeitar as mulheres, pois estas possuem uma capacidade única. Sim, a de chorar ao ver novelas e a estupenda capacidade de decorar datas. A minha namorada, ao fim de três dias de namoro, já sabia a minha data de nascimento. Eu, ainda hoje, não tenho a certeza se ela faz anos em Junho ou em Julho. Pois é, mas os homens também possuem uma capacidade. Amigos e amigas, alguma vez já viram uma mulher a beber litro e meio de penalti? Eu já, mas tinha bigode. É que é necessário ter uma goela e um esófago extremamente bem preparados, o que implica anos de treino e dedicação a esta arte.

As mulheres fazem "peelings", tiram sobrancelhas, pêlo a pêlo, e não as vejo a queixarem-se. Arrancam os pêlos das pernas (as que arrancam) com cera quente, têm filhos e fazem abortos, inserem sacos de silicone nos peitos, retiram gordura com agulhas sem anestesia geral, injectam "botox" nos lábios e, à noite, na cama com o marido, na sua mais relaxada calma, respondem, como se nada fosse: "Hoje não, amor, dói-me a cabeça!"

Texto 107: ADEUS, CINDERELA! Amanda Silva, nº 1 e Sofia Reis, nº 18, 2º A
Data de edição: Maio 2010

Eu não tenho paciência para...contos de fadas! Eles são os responsáveis pela nossa crença, mesmo que secreta, em príncipes encantados, pela obsessão com os cabelos loiros e lisos e, pela célebre frase “e viveram felizes para sempre...”. No entanto, nascemos com o cabelo encaracolado, baixinhas, encontramos um homem comum, que nem sabe andar a cavalo, mimado pela mãe...e, logo pensamos que não somos felizes!

Vamos começar pela famosa *Cinderela*. Ela dedica-se a fazer as tarefas de casa (é quase uma doméstica), auto-convida-se para ir a uma festa, utiliza um vestido feito por ratos e ainda vai de abóbora para o baile. Depois de muito esforço, dança com o príncipe, que é muito pretendido, e, à meia-noite, quando ela tem que sair a correr para não ser vista vestida de trapos, o príncipe DEIXA A CINDERELA IR EMBORA! Ele, com certeza corre mais do que ela. Por que é que não foi atrás dela e lhe pediu para ficar?

Vamos à princesa que não apanhava sol - a *Branca de Neve*. Apesar de conseguir a dádiva de ser uma princesa morena, de cabelo curto, ela sofre com a inveja mortal da rainha, só por ser bonita. Ela foge para uma floresta perigosa, escapa à morte, vai para casa de um grupo de anões estranhos, onde lava, passa e cozinha, come uma maçã envenenada e o príncipe só aparece no final. Onde estava ele antes? Dá-lhe um beijo e fica tudo bem?

E, por fim, a mais famosa, aquela que é o tema de muitas festas infantis e que se encontra em muitas lancheiras escolares: a *Bela Adormecida*. Ela teve a sorte de nascer linda, loira e também com uma voz maravilhosa e, por causa de uma maldição, dorme durante séculos! Já reparou que tem sempre uma maldição para atrapalhar as mulheres das histórias infantis? E, só quem pode salvá-las é o príncipe? Ou seja, a felicidade das mulheres está sempre nas mãos dos homens!

O que acontece depois do “e viveram felizes para sempre...”? Será que o príncipe ajuda em casa? Aceita que ela ganhe mais do que ele? Ou os quilos a mais e o envelhecimento das princesas? Talvez sejamos felizes, apenas por um tempo. Sugiro que tiremos o “sempre”. É ele que nos faz pensar que fracassamos no nosso conto de fadas.

Texto 108: A PENSAR MORREU UM BURRO, Maria João Borges, nº 21, 10º E
(Filosofia)

Data de edição: Maio 2010

Por vezes, ouvimos alguns pais a virarem-se para os filhos, afirmando radicalmente: “A pensar morreu um burro!”. No outro dia, estava no restaurante e de repente, esta expressão, que realmente merece atenção, foi dita por uma senhora ao seu filho.

Mas, será que alguém conhece realmente o verdadeiro significado desta tão famosa expressão? De todas as pessoas que a conhecem, nem metade sabe o seu significado, o que é triste, visto que todo o Homem tem possibilidades de pensar e de ter uma opinião formada, apesar de esta frase pôr em causa isso mesmo. A maior parte das pessoas pensam que não tem nexos de facto de procurar o significado de uma expressão à partida vulgar. Ora se todos a utilizam é porque faz sentido. E é esse sentido que nos interessa desvendar...

Assim, e após uma tentativa falhada de descobrir se a senhora sabia ou não a verdadeira razão daquela afirmação, resolvi investigar na Internet. Inútil, pelo menos inicialmente. Como é possível que esta busca se tenha reduzido, quase na totalidade, a sites onde directa ou indirectamente as pessoas se atingem umas às outras? Este meio de comunicação que tem mudado totalmente os nossos dias e a nossa vida, também se tem tornado um lugar onde “Tudo pode ser dito e visto, ...”. Mas voltando à memorável expressão que me fez escrever esta reflexão, finalmente encontrei vários porquês da mesma.

Numa primeira pesquisa, um senhor chamado Pedro Carneiro afirmou no seu blogue que um burro que caminhava pelo deserto estava cheio de sede e fome, visto que já não se alimentava há alguns dias. Deparou-se então com dois baldes, um com aveia e outro com água. Como o burro não sabia por onde começar, se pela aveia, se pela água, quando começou a pensar qual das opções devia escolher, ficou indeciso e acabou por morrer.

Numa segunda pesquisa, descobri que afinal esta expressão foi citada pela primeira vez por um filósofo do século XIX, Jean Buridan. Também me foi possível constatar que esta afirmação tem o significado: “Quem pensa demais, deixa de agir.” Esta segunda busca foi facilitada pelo facto de a origem desta frase ser a mesma que Pedro Carneiro explica no seu

blogue, apenas mudando o facto de na primeira o burro se deparar com baldes e na segunda encontrar tigelas, diferenças estas que não são relevantes para uma conclusão crítica.

Apesar do significado que esta frase tem popularmente, o contexto em que actualmente é utilizada, não é o melhor. Nos nossos dias, quando uma pessoa se tenta explicar acerca de algo que fez de errado e começa a sua frase com: "Eu pensei que...", o seu interlocutor, intervém logo, deixando o outro sem palavras, dizendo "A pensar morreu um burro!".

Quando voltei à minha pesquisa para tentar entender o verdadeiro porquê do uso desta expressão, visto que já tinha encontrado a sua origem, pensei que todo o Homem tem direito de pensar, e por isso mesmo, o uso que dão a esta expressão não está de acordo com a Filosofia, mas sim com o senso comum. Esta afirmação, no contexto em que, frequentemente, é utilizada põe em causa o pensamento do Homem. O pensar prepara todo o ser para a liberdade e autonomia, fazendo-o reconhecer as responsabilidades que cabem a todos nas situações do dia-a-dia. Então, visto que todas as pessoas podem pensar e desenvolver essa capacidade, porquê "colarem-se" ao senso comum, se podem ter uma opinião própria, crítica e com argumentos lógicos? Para quê continuar a usar uma expressão que, explicitamente, mostra que o Homem não deve pensar? Por vezes, pode parecer arriscado não ser ou dizer o mesmo que os outros, mas cada um deve ter a sua própria opinião, fundamentando-a. E a filosofia evidencia essa mesma liberdade de pensamento.

Esta expressão, que faz parte do senso comum, realmente dá muito que falar. Até podia ficar horas a escrever, mas não sei se iria adiantar a quem a utiliza frequentemente sem saber o seu verdadeiro significado. E agora, para terminar, uma questão poderia ficar em aberto: Se a senhora que disse: "A pensar morreu um burro!", soubesse verdadeiramente qual o sentido da expressão, será que diria isso outra vez ao seu filho? Por muitas voltas que dêmos à cabeça, de certeza que chegaremos à mesma conclusão: não o voltava a fazer nos próximos tempos, a não ser que não gostasse realmente do seu filho, mas isso agora já merecia um outro longo texto de opinião...



Ler é sonhar pela mão de outrem.
Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*

2. FÓRUM DE LEITURA

O **Fórum de Leitura** constitui um espaço aberto à edição de experiências de leitura de alunos, funcionários, professores e encarregados de educação.

A divulgação da descrição e crítica de obras de autores nacionais e estrangeiros, lidas em contexto escolar ou familiar, é o objectivo de uma secção que tem nas actividades «O Livro dos Livros», «A Companhia dos Livros» e «Viajar com Livros» os expoentes de um esforço colectivo de motivação à leitura individual e sobretudo à aquisição de hábitos de leitura, dentro e fora da sala de aula.

A publicação de **impressões de leitura** de uma obra, de um conto, de um artigo... poderá funcionar como momento de reflexão de um primeiro leitor e momento de motivação de muitos segundos leitores. Afinal, o escritor só existe em simbiose com o leitor, numa relação mútua de enriquecimento pessoal e cultural. Mesmo que o escritor se distancie no horizonte intransponível do fingimento da palavra, para sempre gravada no tempo. Retomando o poeta,

cabe ao leitor todo um sentir múltiplo, eu-ele, pois «Sentir? Sinta quem lê» (Fernando Pessoa, *Autopsicografia*).

LIVRO 1: AS DEZ FIGURAS NEGRAS de Agatha Christie, Ana Cláudia Nunes, nº1, 11º D

Data de edição: Janeiro 2010

A autora

Agatha May Clarissa Miller nasceu em Torquay, na Grã-Bretanha, em 1890, adoptando posteriormente o nome de Agatha Christie para os seus policiais. Prestou serviço voluntário num hospital, quer como enfermeira, quer como responsável pela farmácia e pelo dispensário, durante a I Guerra Mundial, o que lhe permitiu um vasto conhecimento sobre venenos, que mais tarde usaria para criar o enredo dos seus livros. Graças ao seu segundo marido, que era um famoso arqueólogo, pôde viajar por todo o mundo, sem nunca abandonar a escrita. O seu talento foi reconhecido em 1956, quando foi distinguida com o título de Commander of the British Empire, após cerca de 300 obras publicadas (entre romances de mistério, poesia, peças de rádio e teatro, documentários, uma autobiografia e seis romances publicados com o pseudónimo de Mary Westmacott). Em 1971, a rainha Isabel II consagrou-a com o título de Dame of the British Empire. Faleceu a 12 de Janeiro de 1976.



Em 2000, foi galardoada com dois prémios: o de Melhor Autora de Livros Policiais do Século XX e os livros protagonizados por Hercule Poirot, uma das suas personagens mais estimadas, foram considerados a Melhor Sériol Policial do mesmo século.

Resumo

Esta obra inicia-se de um modo bastante invulgar. Ao contrário dos comuns romances, em que as personagens são apresentadas à medida que a história se adensa, em *As Dez Figuras Negras*, os protagonistas são-nos apresentados num breve capítulo.

Cada um deles fora convidado para a Ilha do Negro, uma ilha muito famosa, após a sua compra ter sido notícia nos jornais. A verdade é que, por muito que se especule sobre quem fizera tão espectacular negócio, a identidade do dono da ilha é desconhecida. As pessoas foram convidadas por carta, e nenhuma delas sabe quem foi o autor do convite.

O juiz Wargrave pensa que o seu convite lhe fora endereçado por uma velha amiga, desaparecida há anos na Europa; Vera Claythorne, uma preceptora inglesa, julga que será contratada para uma vaga de secretária, Philip Lombard, um soldado em licença, pensa ter sido desafiado por um judeu a fazer a viagem, Emily Brent, uma beata reformada, imagina ter sido convidada para umas belas férias, o General Macarthur foi impelido por um suposto amigo dos seus amigos, o Dr. Armstrong parte também para uns dias de repouso, Tony Marston, um jovem impetuoso, fora convidado para uma semana exuberante de festas e por último, Mr. Blore, um detective privado, convidado para investigar a ilha.

Na verdade, todas estas pessoas foram convidadas com um único motivo, uma macabra justiça. Ao grupo, juntam-se Mr. e Mrs. Rogers, o mordomo e a criada, os únicos habitantes da ilha. No primeiro jantar, descobre-se que os anfitriões, Mr e Mrs Owens não estarão presentes, mais tarde, sabe-se que eles não existem.

Na sala, estão expostas dez figurinhas negras, alusivas a uma canção infantil:

*"Dez meninos negros foram jantar;
Um engasgou-se e sobraram nove.
Nove meninos negros deitaram-se muito tarde;
Um dormiu de mais e sobraram oito. (...)*

*Um menino negro ficou completamente só;
Foi e enforcou-se e não sobrou nenhum.”*

De repente, ouve-se uma gravação num gramofone, acusando cada um dos presentes de um crime hediondo cometido no seu passado. Todos se escusam, mas a verdade é que cada um deles foi responsável pela morte de alguém.

Tony Marston atropelara mortalmente John e Lucy Combes. Pouco tempo depois de estar na ilha, engasgou-se com a bebida e morreu envenenado. Após a sua morte, uma das dez figuras negras desapareceu. Mrs. Rogers, responsável juntamente com o marido pela morte de Jennifer Brady, sentiu-se mal e foi deitar-se. De manhã, estava morta. Morrera durante o sono. E ficaram oito figuras negras. O General Macarthur, que mandara o amante da mulher deliberadamente ao encontro da morte numa patrulha pela selva, foi assassinado com um golpe na cabeça. Ficaram apenas sete figuras negras sobre a mesa. Mr. Rogers foi encontrado morto com o escalpe aberto depois de uma machadada. Sobre a mesa, estavam seis figuras negras. Emily Brent, acusada da morte de Beatrice Taylor, foi assassinada com uma seringa hipodérmica no pescoço. Restavam cinco figuras negras. O Juiz Wargrave foi encontrado sentado, com uma toga escarlata e uma peruca, com um ferimento de bala na cabeça, depois de ter sido acusado de considerar Edward Seton injustamente culpado. E ficaram quatro figuras negras.

Após tantas mortes, os quatro restantes só podiam desconfiar uns dos outros, já que não se encontrava mais ninguém na ilha. Um deles seria o assassino. Mas quem? Os laços do início da viagem foram quebrados, a desconfiança instalara-se.

O Dr. Armstrong, responsável pela morte de Louisa Mary Clees, desapareceu subitamente, aparecendo algum tempo depois afogado. Restavam três figuras negras. Mr. Blore, acusado do homicídio de James Stephen Landor, foi morto com um relógio em forma de urso que lhe esmagou o crânio. E sobraram dois. Philip e Vera, que na estadia haviam estabelecido laços, enfrentaram-se. Ambos pensavam que o outro era o culpado. Então, Vera, que deixara um dos seus alunos afogar-se intencionalmente, com o revólver do soldado, que abandonara o seu pelotão à morte, assassinou-o. Depois, subiu ao seu quarto e enforcou-se.

Mas na verdade, nenhum deles era o assassino. Realmente, um dos dez mortos, não estava assim tão morto. O juiz Wargrave, o único que era inocente nas acusações da gravação, estava por detrás de toda aquela trama. Sentia necessidade de matar desde jovem, mas recusava-se a possuir sangue inocente nas suas mãos. Então, decidiu fazer justiça pelas próprias mãos. Procurou dez assassinos que tinham escapado impunes e reuniu-os na ilha, que ele havia comprado. E matou-os um a um. Para agir mais à vontade e afastar as suspeitas de si, encenou a sua morte, com a ajuda de Armstrong.

Mais tarde, após o suicídio de Vera, escreveu uma carta, a sua confissão, cheio de orgulho pelo que fizera. Com um engenhoso plano, matou-se, conseguindo no entanto que parecesse um homicídio. Assim, quando a polícia viesse, encontraria dez cadáveres na ilha e nenhum suspeito. Um crime perfeito, e nove criminosos castigados.

Comentário

A parte sobre Philip e Vera, na minha opinião, transmite o jeito notável da autora que nos envolve e prende no enredo. As situações são quase palpáveis.

Philip e Vera tornaram-se próximos desde o início. Mas o instinto animalesco da sobrevivência que o Homem possui torna-se impossível de silenciar, e tudo o resto é sonogado. O soldado que nunca perdera uma batalha, morre aos pés de uma mulher que julgara inocente, mas que no fundo é mais forte que ele. Vera, que via na figura do soldado o homem forte que a protegeria, é forçada a matá-lo por julgar que apenas um deles sobreviverá. Este momento, quando eles se fitam, é o prenúncio da morte de ambos.

Texto de reflexão

Esta obra, tal como todas desta autora tão notável, reflecte sobre a mente humana, sobre o que nos leva a agir deste ou daquele modo. É uma leitura leve, apenas à primeira vista. Porque, à medida que o enredo se adensa, podemos nos aperceber do tom mordaz, quase satírico com que a autora nos transmite a sua opinião sobre a sociedade, muitas vezes na forma de pensamento das suas personagens.

Este livro em particular, revela-nos o lado mais “darwiniano” do Homem. Fala-nos de uma experiência macabra, num local sem escapatória, onde a lei primitiva do mais forte se impõe. Embora tenha sido escrito no século passado, este modelo de sociedade permanece intemporal. A autora consegue, embora num estilo de escrita que já não é muito actual,

realçar-nos as semelhanças entre as suas obras de ficção e a realidade mundana em que vivemos. Em relação às personagens, estas poderiam ser qualquer um dos transeuntes que caminham nas ruas, porque nos é revelada a sua faceta exterior, mas também a mais íntima. Aliás, que motivação mais forte do que a morte traria ao de cima o pior de nós, o nosso lado mais egoísta e desumano?

Não é o primeiro livro que leio desta colecção e não será certamente o último, pois mais do que um conto, é um puzzle que nos obriga a raciocinar, já que, no fim, todos os pormenores se conjugam brilhantemente, desvendando um resultado que não era de todo o inicialmente pensado. *As Dez Figuras Negras* mostra-nos um enredo policial habilmente conjugado com psicologia, tanto das vítimas como do próprio assassino. E esse é um detalhe que me agradou particularmente, uma vez que a autora não só conseguiu retratar os medos e as ansiedades dos nove réus, como os motivos do seu inteligentíssimo juiz e executor. Quase conseguimos ouvi-lo a justificar-se, saltando das páginas do livro.

Aconselho a leitura desta obra, porque é um retrato da nossa sociedade, escrito um século antes, em que quase todos estes assuntos eram tabu. E, Além disso, uma viagem pelo subconsciente humano é algo que todos nós deveríamos experienciar. Talvez assim, se compreendesse melhor os motivos, os desejos e as aspirações de cada um, para que o objectivo de todos fosse concretizado

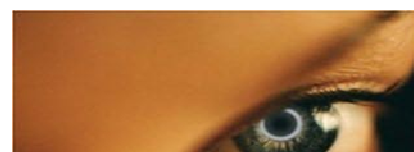
LIVRO 2: ECLIPSE de Stephenie Meyer, Hugo Parente, nº13, 11º A Data de edição: Janeiro 2010

A autora

Stephenie Meyer nasceu em Hartford, Connecticut, em 1973. Cresceu em Phoenix, Arizon, com 5 irmãos: Seth, Emily, Jacob, Paul e Heidi; os quais, posteriormente, dariam nome a algumas das suas personagens. É lá que ainda vive, com o seu marido Christian e os seus filhos. Licenciou-se em literatura inglesa na Brigham Young University. Tornou-se uma autora famosa, após a publicação do seu primeiro romance *Twilight*, traduzido, até agora, em 20 línguas e arrecadando distinções. Os livros da saga *Luz e Escuridão* já venderam mais de 25 milhões de cópias, em todo o mundo. Actualmente, as séries são muito populares com a adaptação cinematográfica dos livros. O filme para o terceiro livro (*Eclipse*) está a ser realizado.

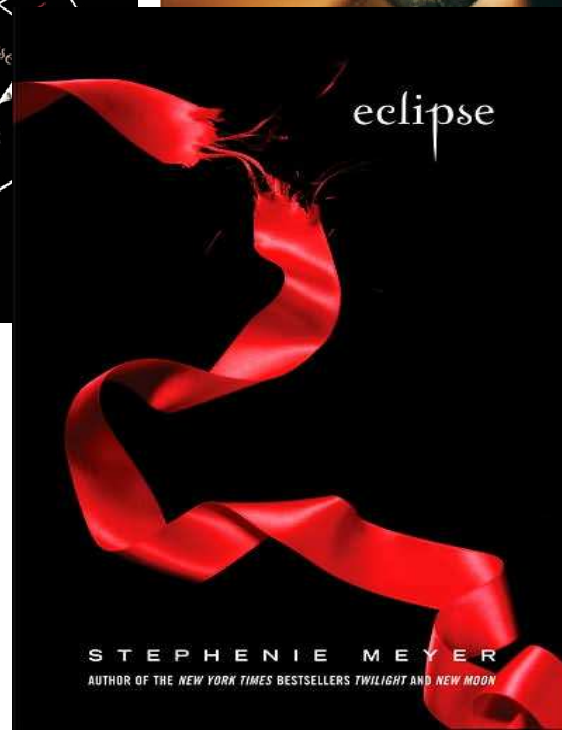
- ☞ *Twilight (Crepúsculo)*
- ☞ *New Moon (Lua Nova)*
- ☞ *Eclipse*
- ☞ *Breaking Dawn (Amanhecer)*
- ☞ *Midnight Sun (Sol da Meia-Noite)*
- ☞ *The Host (A Hospedeira)*

Saga Luz e
Escuridão



A capa e o título

A capa do livro apresenta uma fita vermelha sobre fundo preto. O contraste de cores simboliza o conjunto de sentimentos e emoções diversas (desde ódio e desprezo até



ao amor incondicional), vividos pelas personagens da história e que, de fantasia a realidade, são transportados para o mundo do leitor. A fita representa escolha, que, no enredo, se afigura na decisão de Bella entre o amor inigualável e imortal pelo vampiro Edward Cullen ou a amizade/amor pelo lobisomem Jacob Black. Além disso, a imagem quase destruída da fita, mas não na sua totalidade, personifica a ideia de Bella ser incapaz de esquecer e abandonar, completamente, a sua vida humana. O título - *Eclipse* - expressa a relação entre Bella e os inimigos eternos, lobisomens e vampiros, especificamente Jacob e Edward. Na obra, Bella refere-se a Jacob como um sol que espantava as nuvens da sua vida, mas que não tinha qualquer poder sobre um eclipse (Edward). Assim, é demonstrada a supremacia do amor que une Bella e Edward.

Síntese do livro

Bella vivia numa agitação tumultuosa. O tudo batalhava com o nada, na morosidade astuta do tempo. A luta histórica e eterna entre vampiros e lobisomens estava mais acesa que nunca. O seu pai, Charlie, continuava importunado com Bella, pelo seu comportamento irresponsável e desesperado, durante a ausência arrebatadora de Edward. Contudo, o nada também impunha a sua posição na monotonia dos dias passados entre as quatro paredes enfadonhas da sua casa. Além disso, a sua relação com Jacob, o seu ex-melhor amigo, continuava infundavelmente estagnada. Permaneciam afastados devido à hostilidade intemporal entre vampiros e lobisomens, que, segundo Jacob, não permitia a Bella ter, simultaneamente, Edward como seu amor e ele próprio como seu melhor amigo. Apenas e incrivelmente suficiente, a afeição amorosa a Edward dava cor ao cinzento pálido da sua vida. A certa altura, Charlie propõe-lhe algo como uma "liberdade condicional", devido à sua conduta, agora, consciente. O único parâmetro estabelecido era levar uma vida harmoniosa e equilibrada, conjugando os estudos com Edward, e não esquecendo os amigos. Assim, a sua vivência, até aqui melancólica, ganhou mais entusiasmo à medida que a sua liberdade atingia uma maior amplitude.

Certo dia, e devido à insistência de Edward em aproveitar a viagem oferecida a Bella por Carlisle e Esme, no seu aniversário, ambos visitaram Renée, mãe de Bella, na Florida. Regressados a Forks, e em pleno dia escolar, Edward Cullen e Jacob Black confrontam-se verbalmente. Nesse momento, Bella depara-se com a verdadeira razão da persistência de Edward levar esta a visitar a sua mãe: Alice, irmã de Edward, através dos seus poderes de antever o futuro, tinha-se apercebido que Victoria, vampira sedenta do sangue de Bella que jurara a sua morte, iria tentar a sua vingança durante aquele fim-de-semana. Por isso, Edward se tornou tão perseverante ao ponto de fazer aquela viagem acontecer. Para a proteger. Na noite do ataque, muita da realidade estabelecida mudou. Victoria quase que era capturada, quer por lobisomens quer pelos Cullen, até ao instante em que estes se debatem uns contra os outros, aquando da passagem da fronteira que separa os territórios, por parte de um dos vampiros. A partir desta altura, Jacob muda a sua atitude para com Bella. Repentinamente, declara-lhe o seu amor e afirma poder ter estado errado, talvez ainda possam ser amigos. Por fim, a relutância de Jacob acabara. Por fim, poderia haver consenso entre as pessoas que mais amava. Por fim, poderia sentir a felicidade da amizade e do amor numa unanimidade aprazível.

No entanto, agora era Edward que se apresentava resistente à ideia de deixar Bella sozinha com criaturas tão perigosas como os lobisomens. A passo e passo, Bella foi conseguindo arranjar lacunas na protecção de Edward e preenché-las com visitas a Jacob.

Entretanto, Seattle era avassalada por ataques iminentes de vampiros recém-nascidos que, sedentos e descontrolados, destruíam tudo em seu redor. Tudo parecia estar destinado a travar o amor que unia Bella a Edward.

O ano lectivo acaba, e Edward e Bella terminam o secundário, projectando a futura entrada na universidade, no Alaska. Isto, porém, apenas acontecerá após ser concedida a Bella a imortalidade, por parte de Edward que, para isso, impõe o casamento.

Mais tarde, e através de uma visão de Alice, todos ficam a conhecer a estratégia de Victoria, que, tendo, previamente, roubado peças de roupa do quarto de Bella, para dar a conhecer o seu odor aos vampiros recém-nascidos, pretende, com o seu exército, aniquilar todos os que se oponham e, sobretudo, matar Bella. Os lobisomens unem-se, então, aos Cullen, na batalha mortífera, não sem antes estudarem todos as estratégias possíveis, avançadas por Jasper, ficando Bella com Edward e Seth (lobisomem), e Charlie com Billy Black, totalmente protegidos por alguns dos lobisomens. Na noite antes do ataque, Jacob ficou a saber do casamento de Bella e Edward e, emocionalmente lacerado, propôs-se a

tomar uma atitude nobre e morrer em combate. Nesse instante, Bella percebeu que também o amava, não o suficiente, mas amava-o. Afinal, na ausência de Edward, foi Jacob que lhe proporcionou os momentos mais afortunados, no seio da tristeza profunda.

Durante a hostil batalha, os vampiros recém-nascidos foram exterminados pela sabedoria e experiência dos seus inimigos, gerando-se, contudo, uma situação problemática: Jacob, numa acção de protecção dos seus amigos, foi gravemente ferido. Paralelamente, no local onde Bella se encontrava, Victoria aparece com um dos seus discípulos e Edward e Seth são obrigados a debater-se, em equipa, acabando por eliminar os seus oponentes, numa luta de movimentos rápidos e subtis. Por fim, e inesperadamente, aparecem alguns membros dos Volturi, com o intuito de controlar os incontroláveis vampiros. Estes (recém-nascidos), conquanto, já estavam mortos e os Volturi acabaram por confiar, novamente, em Carlisle, que lhes assegurou que iria transformar Bella. Devido às suas características de auto-restabelecimento, Jacob recupera, rapidamente, estando, no entanto, num sofrimento interior mais atroz.

Bella, numa postura digna e adulta, resolve partilhar os momentos mais felizes da sua vida enquanto humana, com todos aqueles que lhe são próximos, preparando um casamento clássico e satisfazendo as necessidades da alma virtuosa de Edward. O amor incondicional e perfeito que ambos nutrem um pelo outro ultrapassara inimagináveis atrocidades... Conseguirá esse amor vencer tudo e todos?

O início da história

Como forma de introduzir a obra, Stephenie Meyer utilizou um poema de Robert Frost (poeta americano), denominado *Fogo e Gelo*.

O sujeito poético apresenta, inicialmente, duas opções para o fim do mundo: uma pelo

*F*ogo e Gelo

Há quem diga que o mundo vai acabar com fogo,

Há quem diga que é com gelo.

O que o meu desejo proclama

É que acabe com uma chama.

Mas se tivesse que acabar duas vezes,

Acho que sei o suficiente sobre o ódio

Para pedir que acabasse com frio.

É igualmente grandioso

E também seria satisfatório.

Robert Frost

fogo e outra pelo gelo, com a intenção de fazer o leitor aperceber-se e contemplar o grandioso poder destrutivo de ambos. Contudo, nos versos seguintes, Robert Frost obriga o receptor a olhar para trás e considerar novos significados: fogo para a emoção humana do desejo e gelo para o ódio; impondo-se, agora, o dano causado pelo desejo ou ódio que, facilmente, pode conduzir ao fim de uma relação (aqui simbolizada por "mundo").

Todos os simbolismos apresentados, desde paixão e consumo até destruição, ajudam a unir o poema numa simetria brilhante e num brincar exaustivo de conotações sentimentais.

Com este poema, Meyer introduz, claramente, o antagonismo histórico entre lobisomens e vampiros e os perigos de cada um deles para a humanidade.

Recomendação

Recomendaria esta obra sobretudo aos discípulos apaixonados dos livros e das respectivas adaptações cinematográficas, e àquelas pessoas que gostam de obras fantásticas e procuram divagar num mundo, repleto de mistério e adrenalina, atrelados a uma história de sentimentos impetuosos. O conhecimento profundo das personagens, que este livro transmite, associado ao enredo arrebatador, faz explodir sensações no leitor. Stephenie Meyer reproduz um universo imortal de paixões mortais, numa escrita suave e deliciosa. Sumptuosa e emotiva, esta obra expõe o amor incondicional numa batalha de ódios e sofrimentos sobrenatural.

LIVRO 3: ORGULHO E PRECONCEITO de Jane Austen, Sílvia Oliveira, nº16, 11º D Data de edição: Janeiro 2010

A autora

Jane Austen nasceu em Inglaterra a 16 de Dezembro de 1775 e faleceu a 18 de Julho de 1817. Jane foi uma escritora inglesa proeminente, considerada por alguns como a segunda

figura mais importante da literatura inglesa. Nasceu na casa da paróquia de Steventon, Hampshire, Inglaterra, tendo o pai sido sacerdote e vivido a maior parte de sua vida nesta área. Jane teve seis irmãos e uma irmã mais velha, Cassandra, da qual era muito íntima. O único retrato conhecido de Jane Austen é um esboço colorido que se encontra na National Gallery em Londres, Inglaterra. Tendo-se estabelecido como romancista, continuou a viver em relativo isolamento, mas a doença, afectou-a. Viajou até Winchester para procurar uma cura, mas faleceu ali, sendo sepultada na catedral.

Resumo da obra

A família principal, os Bennet, é uma típica família desse tempo, e em torno dela e dos seus membros, vai girar a acção principal do livro. É constituída pelo casal, o Sr. e a Sra. Bennet e pelas suas cinco filhas, Elizabeth, Jane, Kitty, Lydia e Mary. A principal preocupação destas jovens raparigas, e sobretudo da mãe, é encontrar um partido à altura das jovens.

É uma enorme alegria para a senhora Bennet quando chega à cidade o senhor Bingley, com os seus amigos, jovens cavalheiros com boas posses. A existência destas personagens baseia-se sobretudo nos convívios sociais e nos inúmeros bailes que frequentam. Num desses bailes, o Sr. Bingley e a primogénita dos Bennet, Jane, enamoram-se. Ao mesmo tempo, a sua irmã Elizabeth e o Sr. Darcy, amigo do Sr. Bingley desenvolvem uma antipatia mútua desde o primeiro encontro. Este par torna-se o foco central do romance, com as suas discussões socialmente correctas e hostilidade recíproca. Entretanto, parece tudo bem encaminhado entre Bingley e Jane, e todos esperam o anúncio do noivado que fará as delícias da senhora Bennet. No entanto, sem aviso prévio e sem qualquer explicação, Bingley e a sua comitiva partem, deixando os Bennet inconsoláveis.

O tempo passa e numa viagem que Elizabeth faz a Londres, descobre que a separação da irmã Jane do Sr. Bingley se deveu à interferência do Senhor Darcy, que discordava desse envolvimento, uma vez que Jane era de uma classe social inferior à de Bingley. Então a aversão de Elizabeth pelo Sr. Darcy aumenta, passando a raiva.

Nessa mesma viagem, Elizabeth volta a encontrá-lo, continuando a achá-lo arrogante. No entanto, o encontro entre ambos é surpreendente pois, sem nada que o fizesse prever, Darcy pede Elizabeth em casamento, o que a deixa estupefacta, pelo que, mais ofendida que satisfeita o rejeita, apresentando as razões que a levam a repudiar essa união. Darcy não se manifesta no momento, mas no dia seguinte entrega-lhe uma carta. Nessa carta são explicados os motivos que levam Darcy a ter determinadas atitudes arrogantes. Elizabeth apercebe-se então de vários mal entendidos que houvera entre ambos e, a partir desta altura, a sua opinião sobre o Sr. Darcy muda completamente.

O tempo passa. Após várias peripécias e desencontros, Jane e Bingley acertam-se, esclarecendo tudo o que se passou e jurando amor eterno. Elizabeth por esta altura já está ciente de tudo o que Darcy fez para juntar os dois, redimindo-se dos erros do passado. Lentamente, Elizabeth vai mudando a sua ideia acerca de Darcy, apercebendo-se de que ele é de facto um cavalheiro. Assim, vai-se apaixonando por aquele homem fascinante, sofrendo por pensar que ele já a esqueceu. Apesar disso, com a aproximação entre Bingley e Jane, Elizabeth volta a conviver com Darcy. Num passeio romântico, ele volta a confirmar o seu amor e pede-a novamente em casamento, o que desta vez, Elizabeth aceita, feliz.

O final da obra é feliz para quase todas as personagens, podendo dizer-se com toda a propriedade que "foram felizes para sempre".

Opinião sobre a obra

Esta fascinante e inesquecível obra baseia-se nas relações interpessoais entre família, amigos e amantes da sociedade vitoriana do século XVIII. Tem como pano de fundo uma aldeia no interior da Inglaterra e descreve as mentalidades daquela época que, por incrível que pareça, são ainda bastante actuais, visto que hoje ainda existe muito preconceito, quer a nível das diferenças de estatuto social quer em relação aos papéis desempenhados pelo homem e pela mulher. Embora a mulher já exerça profissões que eram consideradas de homem e ocupe cargos de chefia, o seu número ainda é bastante inferior ao dos homens.

Eu gostei muito de ler esta obra de Jane Austen, porque Jane mostrou como o amor entre os protagonistas era capaz de superar barreiras de orgulho e preconceito, de superar também a diferença social entre eles e ultrapassar o escasso poder de decisão concedido à mulher na sociedade da época. Recomendo a leitura desta obra, principalmente ao público feminino, pois é uma história bastante interessante e romântica.

LIVRO 4: A HISTÓRIA DO SENHOR SOMMER de P. Suskind, Camila Uribe, nº9, 11º A

Data de edição: Janeiro 2010

O autor

Patrick Suskind nasceu a 26 de Março de 1949, perto de Munique na Alemanha. Estudou História Moderna e Medieval na Universidade de Munique. Actualmente, reside na Alemanha. É discreto, não dá entrevistas nem aparece em público. Algumas obras publicadas: 1981 – *O Contra-baixo, teatro*; 1981 – *Um Combate e Outras Histórias*; 1985 – *O Perfume – História de um assassino, romance*; 1987 – *A Pomba, novela*; 1991 – *A História do Senhor Sommer*; 2006 – *Sobre o Amor e a Morte*.

Síntese da obra

Esta criativa e singular obra fala-nos da história do senhor Sommer, como o próprio título nos indica, vista através dos olhos de uma inocente criança que se cruza, algumas vezes, com uma personagem sinistra, o Senhor Sommer.

Numa região, dividida entre duas aldeias próximas, "Lugar de Cima" e "Lugar de Baixo", vivia o senhor Sommer, sobre quem pouco se sabia. Era um homem solitário, alto, extremamente magro, que andava sempre com um cajado ondulado e uma mochila semi-vazia. Apenas vivia com a sua mulher, não tinha filhos nem parentes nem recebia visitas. Contudo, este homem era muito conhecido, pois andava permanentemente de um lado para o outro. A finalidade das marchas intermináveis e apressadas eram um mistério que intrigava toda a população que o observava diariamente. Perguntar-lhe para onde ia era inútil, pois algumas pessoas já o tinham feito, tendo sido sempre ignoradas.

Um dia, porém, o jovem narrador ia no carro com o seu pai, quando foram surpreendidos pelo maior temporal de sempre, obrigando-os a encostar na berma da estrada, à espera que o tempo melhorasse. Quando isso aconteceu, avistaram, ao longe, o senhor Sommer completamente encharcado, deslocando-se como se nada se passasse. O jovem e o pai alcançaram-no depressa e disseram-lhe para entrar no carro. O homem ignorou-os primeiramente, mas, quando confrontado pela segunda vez, afirmou apenas: "De uma vez por todas, deixem-me em paz!". A criança nunca esqueceu este momento, pois foi a única vez que ouviu algumas palavras de Sommer. Pediu então explicações à mãe, para quem a claustrofobia era a explicação das atitudes do homem.

Os anos passaram. A senhora Sommer morreu, o rapaz cresceu e o mundo evoluindo. No entanto, o senhor Sommer mantinha-se inalterável. O rapaz continuava intrigado, pois nos pontos cruciais da sua vida esta estranha personagem estava presente, apesar de não estabelecerem contacto.

Finalmente, um dia, quando o jovem voltava para casa, parou para arranjar a sua bicicleta e deparou-se com algo estranho. O senhor Sommer encontrava-se parado, dentro do lago, completamente vestido. O jovem apercebeu-se de que o homem estava a caminhar lago adentro, desaparecendo gradualmente, sem hesitar. Estava a cometer suicídio. Apesar de estar a observar esta situação, o narrador não tentou sequer impedir o senhor Sommer, pois lembrara-se das palavras um dia por ele proferidas "De uma vez por todas deixem-me em paz!". O rapaz preferiu respeitar a decisão de Sommer.

Excerto favorito

"Não sei o que me manteve calado tão persistentemente e por tanto tempo..., mas creio que não foi nem medo, nem culpa, nem má consciência. Foi a recordação daquele queixume na floresta, daqueles lábios trémulos à chuva, daquela frase implorante: "De uma vez por todas, deixem-me em paz!". A mesma recordação que me manteve calado, quando vi o senhor Sommer afundar-se na água." Seleccionei este excerto pois explica a atitude inesperada e surpreendente do rapaz. Ao contrário da atitude que pensaríamos ser correcta, a de salvar o protagonista, o rapaz toma a decisão de não interferir. Isto deve-se ao facto do rapaz se lembrar das palavras do senhor Sommer, a pedir que o deixassem em paz.

Opinião

Escolhi este livro pois aprecio imenso a criatividade deste autor e o modo singular como ele narra. Para além disso, este livro foi-me recomendado por um amigo, que apesar de o ter lido há muitos anos, nunca se esqueceu do mesmo.

Considero esta obra interessante, pois o narrador relata as situações, personagens e todo o tipo de elementos ao mais ínfimo pormenor, levando-nos a "participar" na história e a sentirmos e vivermos cada momento. Esta interiorização dá-se também devido ao seu carácter emotivo, pois apela aos nossos sentimentos e emoções. Gostei particularmente que o narrador tenha focado a infância, pois é uma fase crucial e uma das etapas mais belas da nossa vida, pela inocência e alegria que a caracterizam. A narração revela criatividade e imprevisibilidade, o que torna a história aliciante.

LIVRO 5: CARTA A UMA JOVEM MATEMÁTICA de Ian Stewart, Filipa Correia, nº12, 9º A

Data de edição: Janeiro 2010

O autor

Ian Nicholas Stewart nasceu a 24 de Setembro de 1945, na Inglaterra. Sempre foi muito bom a Matemática, mas foi com a ajuda de um professor que conseguiu ser admitido em Cambridge com uma bolsa, onde obteve o bacharelato. Foi para a Universidade de Warwick para o doutoramento e, em 1969, foi-lhe oferecido um cargo académico. Stewart, em 1970, casou com Avril Stewart e teve dois filhos. É conhecido pelas suas populares exposições de Matemática e as contribuições para a teoria da catástrofe. Já ocupou posições académicas na Alemanha, na Nova Zelândia e nos Estados Unidos.

Em 1995, Stewart recebeu a Medalha de Michael Faraday e, em 2001, foi eleito como Fellow da Royal Society. Colaborou em três livros de ciência popular já publicou mais de 140 trabalhos científicos. Escreveu *Labirinto Mágico*, *Números da Natureza* e *Flatterland*.

Síntese da obra

Meg é uma estudante prudente. Para não correr o risco de fazer o maior erro da sua vida, recorreu a um velho amigo, Ian Stewart, para esclarecer as suas dúvidas e responder às suas questões. Então, começou a escrever cartas, endereçadas ao seu amigo. Stewart, professor de Matemática, que já tinha muita experiência no ofício, decidiu ajudá-la.

Meg tinha acabado de passar para a universidade e o seu sonho era seguir Matemática, mas estava duvidosa se isso seria a melhor opção para a sua carreira. Então, na sua primeira carta, pediu a Stewart que lhe dissesse se deveria fazer da Matemática o seu trabalho e se haveria mais alguém a fazê-lo também. Stewart respondeu-lhe que ficaria encantado se ela ingressasse pelo caminho da Matemática e que, infelizmente, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, muitos estudantes, hoje em dia, não consideram fazer Matemática um trabalho e, portanto, preferem seguir outros cursos.

Na segunda carta, Meg pergunta a Stewart porque é que escolheu Matemática para sua profissão. Stewart respondeu com facilidade, porque sempre gostou muito e sempre teve queda para a Matemática. Meg, convencida com os argumentos de Stewart, decidiu seguir Matemática, mas isso não a impediu de continuar a escrever as suas cartas.

Nas cartas, Meg fala das magníficas coisas que aprendeu sobre a Matemática e como ficou surpreendida quando as descobriu. Meg completou a Universidade e fez um doutoramento. Mesmo antes de o concluir, fez um projecto de investigação que lhe garantiu uma posição como professora, para quando acabasse o doutoramento. Stewart explicou-lhe as contrapartidas do trabalho, deu-lhe conselhos, e falou-lhe das suas obrigações, mas também lhe disse que era um excelente trabalho e que ela ia adorar.

Meg tornou-se matemática profissional, nunca perdendo contacto com Stewart.

A minha opinião de leitora

Ler este livro foi muito agradável e recompensador. Gostei imenso das curiosidades descritas e do humor do narrador. Fiz descobertas muito interessantes, que, penso, nunca teria descoberto se não tivesse lido o livro.

Fiquei a compreender que a Matemática não é só, no final de contas, somar, subtrair, dividir e multiplicar, mas contém muito mais. E que, em todas as disciplinas, existe um pouco de Matemática. Fiquei também a saber que nas Universidades a matéria é muito mais aprofundada e que o estudo tem de ser muito mais intenso. Gostei de descobrir que a Matemática tem muito mais a ver com a Natureza, do que eu pensava. Achei muito cómico

quando Stewart fala de como as coisas podem correr mal quando se vai dar uma aula ou discursar. E também achei muito divertido quando ele dá exemplos de situações pelas quais passou na vida real.

Eu recomendo o livro a todas as pessoas que gostam de Matemática e, mesmo as que não gostam, mas que gostam de ler, que o leiam, porque eu li e adorei.

LIVRO 6: O QUASE FIM DO MUNDO de Pepetela, Ana Cláudia Proença, nº2, 11º A **Data de edição: Abril 2010**

A quase história de um escritor - Pepetela

Nascido em Benguela em 29 de Outubro de 1941, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (que adoptou Pepetela como pseudónimo) frequentou nessa localidade, até 1956, o Ensino Primário e Secundário. Em 1958, partiu para Lisboa para ingressar no Instituto Superior Técnico, iniciando a sua actividade literária, associativa e política. Em 1962, partiu para França e daí para a Argélia, onde se licenciou em Sociologia. Foi co-fundador do Centro de Estudos Angolanos, pelo MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Em 1969, foi chamado para a Frente de Cabinda, onde exerceu actividade guerrilheira. Em 1973, foi nomeado Secretário Permanente do Departamento de Educação e Cultura. Em Novembro de 1974, fez parte da primeira delegação do MPLA, em Luanda. Depois da independência, foi nomeado vice-ministro da Educação, cargo que ocupou até Dezembro de 1982. Em 1985, tornou-se docente da Universidade de Angola e membro da Comissão Directiva da União de Escritores Angolanos. Em 1980 recebeu o Prémio Nacional de Literatura de Angola pelo livro *Mayombe*, obra que, juntamente com *Yaka*, *O Cão e os Caluandas*, *O Desejo de Kianda* (1995) e *Parábola do Cágado Velho* (1996), confirma Pepetela como um nome relevante da literatura portuguesa. Em 1997 recebeu o Prémio Camões.

A quase aparência de um livro

Capa – Sem cor nem alegria, a capa remete-nos para um sentimento de fim e tristeza, de abandono. Através de várias portas, observamos, ao longe, um homem que desaparece e uma cruz atrás. Esta imagem simboliza as diferentes acções do homem, o atravessar de várias portas, muitas vezes guiados pela fé, que trazem consequências consoante os seus valores humanitários, em contexto com a própria história, onde as pessoas desapareceram pelos actos de uma religião.



Tempo– Dias de hoje. Espaço–Os poucos sobreviventes encontram-se numa localidade africana compreendida na intersecção do triângulo traçado entre a nascente dos rios Nilo, Congo e Zambeze. A acção ocorre, maioritariamente, em Calpe.

Personagens - Simba Ukolo, principal narrador da história. Aquele que mais procura por sinais de vida, pois, antes do desaparecimento animal, era médico. Geny, religiosa fanática dos Paladinos da Coroa Sagrada, e como tal, antagonista de quase todos os sobreviventes, por acreditar ser a única guardiã de valores ético-morais, bastante subjectivos. Jude, adolescente de 16 anos, que se sente atraída por Simba por vê-lo como o seu herói. O pescador, com mente facilmente manipulável pela Dona Geny. Joseph Kiboro, ladrão honesto e pacífico que se encontrava na prisão durante o acontecimento. Nkunda, sobrinho de Simba Ukolo. Janet Kinsley, americana que andava a estudar gorilas em Kabororo. Posteriormente, tem uma relação amorosa com Julius e engravida. Jan Dippenaar, sul-africano, com ascendência holandesa, cuja natureza misteriosa esconde o seu passado de mercenário. Ísis, que nasceu e viveu na Somália até aos 10

anos, pois teve de fugir com o pai para não ser sujeita às tradições machistas e primitivas. É fascinada por História. Posteriormente, engravida de Riek, apesar de não manterem uma relação. Riek, feiticeiro etíope da fertilidade, que acredita ser o culpado de fazer desaparecer a vida animal. Julius Kwenda, proveniente do Kilimanjaro, com uma oficina de electricista-auto. Posteriormente, tem uma relação amorosa com Janet.

O quase fim do mundo

Simba Ukolo. Este era o seu nome. O nome de um dos poucos sobreviventes do fim do mundo, em África. É o principal narrador desta história da sobrevivência de um grupo completamente heterogéneo de pessoas, que tem em comum o facto de, por acto de um clarão, se encontrarem sozinhas, sem qualquer explicação. Todos os animais e pessoas pareciam ter desaparecido e os únicos indícios de que eles realmente tinham existido eram as roupas espalhadas por todo o lado e as memórias de quem ficou para trás.

O grupo começa com Simba e vai aumentando com a Dona Geny, uma fanática religiosa, Jude, um pescador anónimo, Kiboro, Nkunda, Janet, Jan, Ísis Riek e Julius.

O mundo estava, depois do acontecimento, completamente à mercê dos desejos dos sobreviventes. Electricidade, comida e tudo que alguma vez sonharam podiam ser deles com um simples estender de mão. O grupo tenta contornar os seus conflitos através de um processo de (re)aprendizagem que vai desde a preparação de alimentos a tarefas mais elaboradas, como pilotar pequenos aviões, o que lhes permite perceber que a vida está basicamente restrita a Calpe. Por isso, seduzidos pelo vazio de quem sobrepujou a morte, parte deles inicia uma viagem, movidos pela curiosidade de conhecer a verdade dos factos e, ao mesmo tempo, de visitar um mundo outrora interdito. Assim, a rota a ser percorrida assume um novo traçado, começando em África, até chegar a uma nova Europa, livre agora da Fortaleza de Schengen, isto é, do acordo político que restringia a entrada daqueles que não se conformavam aos padrões do mundo.

Em África descobrem uma estranha mensagem escrita nas colunas do Vaticano e na Torre Eiffel, que os guia até Berlim, onde encontram um manuscrito escrito por um dos responsáveis do desaparecimento da vida animal que confessa toda a verdade. Foram os crentes da religião dos Paladinos da Coroa Sagrada, a mesma de Geny, cujos ideais nazis os levaram à criação de armas "Feixe Gama Alfa" para eliminar todas as raças impuras do mundo, mesmo à custa do resto dos outros inocentes. Dez mil crentes esconder-se-iam numa gruta revestida de amianto, que acreditavam impedir as radiações, para repovoar um mundo melhor com a sua fé.

Contudo, apesar do escritor do manuscrito ter duvidado posteriormente das suas capacidades, não se exprimiu, por considerar essa dúvida quase herética. Assim, por menosprezarem algumas regiões em África, por carência de importância, toda a vida animal desapareceu, excepto naquele lugar desgraçado, da desgraçada África, Calpe.

A quase amostra de novo mundo

Este livro está repleto de expressões de grande sabedoria, muitas vezes motivadas pela situação em que os sobreviventes do fim do mundo se encontravam e pelas suas próprias crenças únicas. Uma das passagens que mais atraiu o meu gosto de leitora foi a seguinte:

"Ao fim de milhares ou centenas de milhares de anos, acabam por descobrir o que já se sabia há muito, a civilização volta a instalar-se, não igual à que fora antes, mas com alguns princípios básicos comuns. A teoria do eterno retorno? Pode ser. Uma civilização desenvolve-se até poder fabricar armas capazes de a destruir, tal é o seu destino.(...) E o destino do homem é destruir-se, para recomeçar tudo de novo?"

A interrogação retórica transmite uma sensação de impotência sobre o nosso destino. Depois de tantos casos na história da humanidade - os Incas, os Maias, entre outros - de povos que sofreram este trágico final, será que conseguiremos fugir-lhe? Será que estamos eternamente destinados a ganhar capacidades até quase chegarmos a deuses, para perder tudo a seguir por incapacidade nossa de albergar tanto conhecimento e poder? Será um castigo por ousarmos atravessar o infinito? Triste sina a nossa, se tal for verdade.

Cada civilização vive até criar as armas que a destroem

Esta frase foi escrita e dita por Pepetela, tanto no livro como numa entrevista transmitida pela SIC Notícias, que pode ser visionada no seguinte "site":

<http://videos.sapo.pt/hEahBN0RHrFaEMnTr8OH>

Nenhuma afirmação poderia ser mais verdadeira do que esta. A destruição de uma grande civilização significa que esta se encontrava corrompida por dentro. Nós criamos o

nosso próprio fim com a nossa ânsia de poder e o orgulho de nos considerarmos superiores ao mundo que nos permite sobreviver. Pior do que isso, possuímos o orgulho de nos considerarmos superiores a nós próprios. Esta é a base da discriminação e da guerra, da intolerância e da violência. São criados grupos, são criadas mentalidades que se destroem mutuamente. A xenofobia existe em todo o lado, tal como este livro o demonstra. Desde os grupos étnicos em Calpe, que no passado eram identificados pelas escarificações na cara, até aos religiosos Paladinos da Coroa Sagrada, que desempenharam o papel dos nazis do nosso tempo, e que, com o seu poder, quase destruíram o mundo.

Quando se formam grupos, formam-se diferenças. Quando se formam mentalidades, formam-se intolerâncias. Quando se instala a incompreensão, instala-se hostilidade. A necessidade de segurança e poder que provoca essa hostilidade transforma-se em ambição. Infelizmente, um homem ambicioso não tem limites e esta imprudência aproxima o seu fim. Por vezes, a ignorância é algo sábio e o contentamento, tão incomum na espécie humana, é o caminho para a paz e a felicidade.

A fé e o nazismo: a crença cega leva à destruição do mundo?

A filosofia sempre nos ensinou a duvidar. Contudo, grande parte das religiões e organizações extremistas consideram esse acto como algo herético, pois demonstram que o seguidor não confia na veracidade dos princípios que lhe são inculcados. Devemos seguir cegamente as palavras e as ideias de uma doutrina para não parecermos fracos? Infelizmente, a história da nossa humanidade responde a isso com o sangue de inocentes que sofreram devido à crueldade da intolerância e da injustiça. Todos somos iguais, mas existe quem necessite de dar valor a si próprio para se sentir superior. Culpam os outros pelos seus problemas e não procuram soluções sensatas e humanas. Esta discriminação leva à convicção de que a única maneira de resolver os problemas é destruindo o que consideram a causa.

Na história deste livro, os ideais nazis, evidenciados pelos Paladinos da Coroa Sagrada, causaram a perda de quase toda a vida animal na tentativa de limpar o mundo de raças impuras. Na falta de uma arma que determinasse previamente todas as raças que não fossem arianas, decidiram construir armas do "Feixe Gama Alfa" que volatilizariam todas as moléculas animais, menos a de dez mil pessoas que apoiavam esta religião. Estes se esconderiam numa gruta coberta de amianto, pois pensavam que impedia a passagem mortífera dos efeitos da "bomba". O destino foi justo e não confirmou as suas expectativas, provocando a morte dos responsáveis do holocausto dos nossos dias. O manuscrito deixado por um deles encontrava-se, por rara coincidência, perto do mesmo sítio onde Hitler e os últimos chefes nazis se tinham suicidado.

Como se costuma dizer: "O feitiço virou-se contra o feiticeiro".

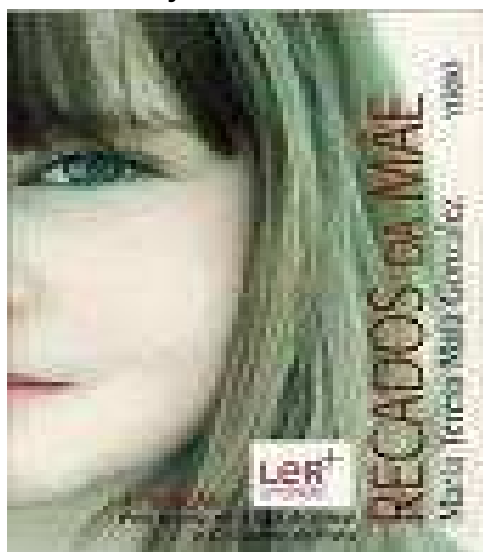
O quase pensamento de uma jovem leitora

Cada vez mais se ouve falar do fim do mundo. Quer por voz de ambientalistas fervorosos, quer por histéricas adolescentes que acabaram de perder o seu namorado, quer pelos antigos Maias que até tinham uma data em específico para esse acontecimento. Escritores e cineastas aproveitam esta aterrorizante ideia tanto para alertar mentes, como para entretê-las. O certo é que me habituei à perspectiva de um fim desastrosos e sonoro. Alterações climáticas provocadas pelo homem e desastres naturais que engolem os pequeninos homens como penitência pelos seus crimes à mãe Natureza, são consequências bastante previsíveis. Neste livro, encontrei uma probabilidade quase remota, completamente diferente. Mostrou-me um fim desastrosamente silencioso, pelas nossas próprias mãos. Algo irónico e cruel talvez, mas definitivamente justo para os responsáveis.

É um relato pausado dos pormenores dos sortudos sobreviventes, calmo e cadenciado por cada sentimento, cada instinto, cada acção tão simples. As relações de pessoas tão diferentes, obrigadas a juntarem-se por obra das circunstâncias, são o espelho da junção entre a necessidade e as próprias personalidades e opiniões.

A obra consegue ser bastante frustrante no início, pois não oferece respostas à grande dúvida das personagens e do leitor: o que realmente aconteceu? Por isso, o alívio e o choque foram grandes quando a verdade foi revelada, no final. Só conseguia pensar no irónico destino da arrogância e estupidez do homem, apesar da história ser fictícia. Assim, serve como metáfora para exprimir os grandes defeitos do homem. O homem, ser que se considera tão perfeito, devia parar e avaliar-se, não com um coração pesado, mas com um coração leve e livre, para conseguir ver para além de si, para o mundo e os seus irmãos.

LIVRO 7: RECADOS DA MÃE de Maria Gonzalez, Ana Isabel Almeida, nº 1, 9º A
Data de edição: Abril 2010



Biobibliografia

Maria Teresa Gonzalez nasceu em Coimbra em 1958. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entre 1982 e 1997 foi professora de Língua Portuguesa, no ensino particular e oficial. É autora da coleção "Profissão Adolescente" e co-autora, com Maria do Rosário Pedreira, da coleção "O Clube das Chaves". É autora de inúmeras obras e tem vários títulos premiados. "*A Lua de Joana*" foi o seu maior sucesso. É uma das mais vendidas e prestigiadas autoras portuguesas de livros dedicados a crianças e jovens adolescentes. Os livros de Maria Teresa Gonzalez têm a particularidade de poderem ser lidos tanto pelos jovens como pelos adultos. Esta autora é considerada de leitura indispensável para jovens, pais e educadores.

Síntese da obra

Este livro conta-nos a vida de duas irmãs, Clara e Leonor, filhas de pais separados, que perderam a mãe quando tinham respectivamente dez e seis anos de idade. Desde então, as suas vidas mudaram. Com autorização do pai foram viver com a avó Matilde na Quinta do Chorão em Coimbra. Esta ideia não agradou a Clara, pois em tempos tinha havido um desentendimento entre a mãe e a avó.

Os dias eram passados a brincar no jardim, mas à noite as saudades aumentavam e, para tentar diminuir a dor da irmã mais nova, Clara inventava sonhos e dizia que falava com a mãe. Trazia-lhe recados para que ela se sentisse feliz e próxima da mãe. A relação de Clara com a avó não era a melhor, o que levou a que, numa noite, elas fugissem da quinta, porém o plano corre mal e elas são obrigadas a voltar para casa. Os dias foram passando e o Verão chegou ao fim. Assim que as aulas começaram, Clara e Leonor foram para um colégio. Aí tudo era silencioso, o comportamento de Clara alterou-se. De aluna brilhante e comunicativa passou a ser apenas razoável e a comportar-se de forma discreta, mas sempre atenta à irmã e a tudo aquilo que a pudesse entristecer. Mais tarde, Clara descobriu que a sua vocação era ser freira, tendo partido em missão para África, o que deixou Leonor triste e desprotegida.

Os anos passaram e as duas irmãs só se encontraram no baptizado da filha de Leonor, onde Clara foi a madrinha e, mais tarde, no casamento da afilhada. Para este reencontro, Leonor pintou a casa da quinta de cor-de-rosa, pois era um sonho das duas em criança.

A minha opinião de leitora

Eu gostei muito deste livro porque nos relata a história de duas irmãs que, ainda muito novas, perderam a mãe. Clara e Leonor tinham 10 e 6 anos, respectivamente, quando esta "desgraça" surgiu nas suas vidas. Apesar de ser uma história, poderia acontecer a qualquer um de nós, mas nem todos teriam a mesma sorte que estas duas irmãs. Apesar da tristeza, elas conseguiram o apoio da avó, que tudo fez para que elas continuassem a estudar e a ter uma vida o melhor possível. E, mais importante ainda, elas mantiveram-se unidas, tentando sempre ultrapassar todos os obstáculos juntas. Isto faz-me lembrar um pouco a relação com a minha irmã gémea, discutimos muito uma com a outra, mas estamos unidas quando alguma coisa corre mal a uma de nós. Muitas crianças perdem a mãe e ficam sozinhas, perdidas, sem terem a ajuda de alguém e, pior ainda, ficam sem amor.

LIVRO 8: O RAPAZ DO PIJAMA ÀS RISCAS de Boyne, Alberto Ponces, nº 1, 11º A
Data de edição: Abril 2010

John Boyne, o autor

John Boyne nasceu no ano de 1971 em Dublin, na Irlanda e estudou, ainda jovem, Literatura Inglesa e Literatura Criativa na Universidade do Leste de Anglia. Publicou um total de seis romances, cerca de 70 contos, revisões de livros e artigos não ficcionais. A sua obra mais famosa, "O Rapaz do Pijama às Riscas" vendeu mais de 4 milhões de cópias em todo o mundo e passou 76 semanas como livro mais vendido na Irlanda.

Síntese

Bruno, de nove anos, nada sabe sobre a Solução Final e o Holocausto. Não tem consciência das terríveis crueldades que são infligidas pelo seu país a vários milhões de pessoas de outros países da Europa. Tudo o que ele sabe é que teve de se mudar de uma confortável mansão em Berlim para uma casa numa zona desértica, onde não há nada para fazer, nem ninguém com quem brincar. Simplesmente pelo facto do seu pai ser um oficial nazi de grande consideração que está a ser promovido e, por isso, toda a família terá de sair da bela casa que vivem em Berlim e morar num lugar afastado, no campo.

Atraído pela curiosidade que lhe desperta uma estranha quinta que vê da janela do seu quarto onde tantos os lavradores e os seus filhos parecem andar sempre de pijama, Bruno, ignorando a proibição dos pais, resolve explorar o jardim por detrás da casa e dirigir-se à estranha quinta, local onde acredita possível fazer novos amigos. É precisamente aí que Bruno conhece Shmuel, um rapazinho da sua idade que vive na "quinta" do outro lado da vedação de arame farpado, e que, tal como Bruno, não tem nada que fazer, nem ninguém com quem brincar.

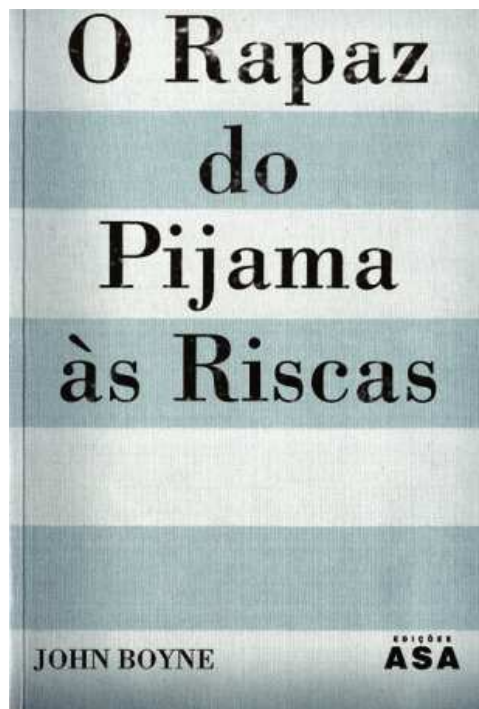
Assim, surge uma amizade intensa e secreta entre Bruno e este menino de pijama às riscas que lhe vai roubar todos os seus sonhos. As visitas de Bruno passam a ser diárias e a amizade entre os dois meninos começa a crescer, fazendo com que ele comece a questionar os pais e a irmã, o que leva ao aumento do desejo de saber mais sobre aquele lugar e quem são aquelas pessoas que passam todo o dia de pijama às riscas. As respostas são vazias e negativas e Bruno não acredita.

O pai de Bruno, preocupado com a curiosidade do rapaz e com o que esta poderia provocar, resolve contratar um tutor/professor para os filhos. Bruno e a sua irmã mais velha começam a aprender sobre História e a ameaça que os judeus representam para o mundo, na visão deste seu novo e particular professor.

Mais tarde, a mãe de Bruno, que nada sabia sobre a missão do marido, acaba por descobrir que a tal "quinta" é na verdade um campo de concentração e que o fumo preto e o forte odor que constantemente vêm de lá, são produzidos pelo extermínio dos judeus. Angustada com a situação, por ver a filha a abandonar as bonecas, a tomar uma postura totalmente diferente da que gostaria (postura essa adquirida com as aulas particulares com *Herr Liszt* e com o envolvimento com um soldado, Kotner) e ainda com o envolvimento do marido em algo de que não gosta, começa a ansiar por voltar para Berlim. Consegue fazer com que o marido aceite a ideia, porém nem o pai nem a mãe entendem quando Bruno diz que gosta de lá estar e quer ficar, pois este não quer abandonar o seu grande amigo.

Quando Bruno vai avisar o amigo da sua partida, fica a saber que o pai de Shmuel desapareceu. Pondo-se no lugar do companheiro, resolve ajudá-lo a encontrar o pai desaparecido, mas a única maneira de o fazer é passar para o outro lado da cerca. Para isso, Bruno terá de se parecer com um menino judeu. Então, ambos combinam encontrar-se na manhã seguinte, ficando Shmuel responsável por arranjar um pijama para Bruno.

No dia seguinte, antes de viajar, Bruno vai ao encontro do amigo e troca de roupa. Com a pá que levava, cava um buraco e consegue passar para o outro lado. Bruno e o amigo, ao procurarem pelo pai desaparecido, são levados de surpresa, no meio de um grupo de judeus que está a ser conduzido para uma câmara de gás. São obrigados a despir-se, mas acabam



por se acalmar, pois pensam que irão apenas tomar um banho. Entretanto, a família descobre a fuga do filho. Desesperados saem a correr, mas chegam tarde demais.

Aspecto Relevante e Recomendação

Existem imensos filmes e livros sobre o holocausto, pelo que o assunto desta obra não é nenhuma novidade. Mas o curioso neste livro é que vemos, pela primeira vez, através dos olhos de uma criança inocente, como a maldade é tão real. A desumanidade, até ser experienciada, nem passa sequer pela cabeça das pessoas comuns. Os sentimentos e valores presentes neste livro estão presentes em qualquer criança, talvez não no mundo de hoje, mas nas crianças de há de uns anos atrás, quando submetidas a experiências novas, a mudanças inesperadas e até mesmo a situações de perigo, na sua inocência.

Recomendo este livro a todas as pessoas com idade superior a 14 anos, pois antes desta idade julgo que não têm maturidade para perceberem a verdadeira mensagem desta obra. É um livro de fácil leitura e de escrita muito simples. A maneira como o autor escreve/o narrador narra a história é impressionante, pois adquire, juntamente com Bruno, uma postura de pureza e inocência ao descrever acções, locais da história e situações passadas, ajudando o leitor a perceber o modo de pensar da personagem principal, uma criança.

LIVRO 9: O AMOR NOS TEMPOS DE CÓLERA de Gabriel Garcia Márquez, Diana Nogueira, nº 11, 11º A
Data de edição: Abril 2010

O autor

Gabriel García Márquez é um escritor colombiano nascido a 6 de Março de 1928 em Aracataca. Desde pequeno foi deixado ao cuidado dos seus avós. O avô era um coronel na reserva, ex-combatente na guerra civil e apaixonado pelas tradições orais indígenas. Durante umas pequenas férias que fez com os pais, entre o liceu e a universidade, conheceu a sua futura mulher, que na altura tinha apenas 13 anos, vindo a casar em 1958. García estudou num colégio de jesuítas. Depois de terminar os estudos secundários, iniciou o curso de Direito na Universidade de Bogotá, mas não o chegou a concluir. Transferiu-se para a Universidade de Cartagena, para Jornalismo. O seu primeiro conto, *La Hojarasca*, foi publicado em 1947. Em 1954, foi para Roma, como correspondente do jornal *El Espectador*.

Em 1955 publicou o seu primeiro livro, uma colecção de contos. Numa fase financeira difícil da sua vida, pois juntamente com a mulher e dois filhos vivia de empréstimos e ajuda da comunidade, concluiu em 18 meses a obra *Cien Años de Soledad*, (*Cem Anos de Solidão*). Em 1967, a obra tornou Gabriel conhecido a nível mundial, aos 39 anos. Publica em 1977 *El Otoño Del Patriarca*, (*O Outono do Patriarca*); *Cronica De Una Muerte Anunciada*, (*Crónica de uma Morte Anunciada*) em 1981; *El Amor En Los Tiempos De Cólera*, (*Amor em Tempos de Cólera*) em 1985. Recebeu o Prémio Nobel de Literatura em 1982.

Síntese da Obra

Florentino Ariza era um jovem das Caraíbas, que trabalhava como aprendiz nos Correios Centrais. Conheceu Fermina Daza, numa tarde em que o mandaram levar um telegrama ao seu pai, Lorenzo Daza. Ao vê-la pela primeira vez, Florentino percebeu que uma maravilhosa paixão por Fermina Daza tinha surgido. Procurou penetrar no seu quotidiano, mas, devido aos preconceitos da época, finais do século XIX, não lhe era permitido falar-lhe. No entanto, não abdicando dos seus sentimentos, Florentino conseguiu mandar-lhe uma carta. Começaram a trocar correspondência e a amar-se à distância.



Porém, quando Lorenzo Daza descobriu esta paixão, opôs-se. Decidido a acabar com a relação dos dois jovens, levou Fermina numa viagem para que esquecesse aquele rapaz. Ao contrário do que Lorenzo pensava, a sua filha continuou a estabelecer correspondência com Florentino. Quando se cruzaram pela primeira vez, depois do regresso de Fermina, esta ao vê-lo pensou que talvez se tivesse enganado em relação ao que pensava sentir por ele. Pediu-lhe então que a esquecesse, mas nem isso foi suficiente para Florentino desistir. Este continuou e continuaria a amá-la e a esperar por ela durante longos anos. Pouco tempo depois, Fermina acabou por se casar com o Dr. Juvenal Urbino, um jovem médico revolucionário.

Durante os anos em que este casamento durou, Florentino tenta a ascensão social, só para merecer a amada. Ao fim de cinquenta e um anos de casamento com Fermina, Juvenal morre e Florentino vê este acontecimento como uma oportunidade para reconquistar a mulher que amava. Sem perder mais tempo, nesse mesmo dia, procura-a e jura-lhe novamente fidelidade eterna e o seu amor para sempre. No entanto, Fermina viu esta atitude como sendo demasiado despropositada, num momento de sofrimento, ficando assim, com um sentimento de ódio e desprezo por ele. Passaram-se algumas semanas e Fermina começou a receber cartas de Florentino. Eram reflexões sobre a vida, o amor, a velhice, a morte. Ideias que tinham passado muitas vezes pela cabeça de Fermina. Isto veio tranquilizá-la. A partir desse momento, começou a receber Florentino e uma cumplicidade surge entre ambos.

Mais tarde, convence-a a fazer uma viagem pelo rio até La Dorada. O que Fermina não sabia e só se deu conta no dia do embarque, foi que Florentino iria naquela viagem. No navio, Fermina começou a amar aquele homem que durante mais de cinquenta anos a amara incondicionalmente. O facto de estarem juntos bastou-lhes para estarem felizes.

Quando chegaram ao destino, Florentino propôs fazerem uma viagem de regresso sem passageiros nem carga. Tal não era permitido ao comandante, a não ser que houvesse peste a bordo. No entanto, a ideia agradava-lhe e, embora não houvesse peste alguma, mandou içar a bandeira amarela, símbolo da cólera. Iniciaram então a viagem de regresso. Os únicos passageiros eram o comandante e a sua companheira, Florentino e Fermina.

Quando chegaram à baía da cidade onde viviam, o comandante compreendeu que não sabia como sair do imbróglio em que se tinha metido, com a bandeira da cólera. Então Florentino sugeriu que seguissem em frente, sempre em frente, outra vez até La Dorada. O comandante olhou para Fermina que tinha nas suas pestanas os primeiros pingos de um orvalho de Inverno, depois voltou-se para Florentino que estava mais seguro do que nunca sobre a sua proposta. Percebendo naquele momento que era a vida, mais do que a morte, que não tinha limites, o comandante decidiu fazer uma última pergunta a Florentino. Perguntou-lhe até quando ele pensava que poderiam continuar naquele ir e vir. Este, que há já cinquenta e três anos, sete meses e onze dias tinha a resposta preparada, respondeu-lhe que aquele ir e vir seria para toda a vida.

Aspecto Relevante

"Não se lembrava desde quando começara também a ajuda-lo a vestir-se (...). Ela tinha descoberto, a pouco e pouco, a incerteza dos passos do marido, as suas mudanças de humor, os seus lapsos de memória, o hábito recente de soluçar a dormir, mas não os interpretou como sinais inequívocos da oxidação final, mas sim como um regresso feliz à infância. Por isso não o tratava como a um velho difícil mas como a um menino senil, e esse engano foi providencial para os dois, porque os salvou da compaixão." pág. 36. Neste excerto é narrada a forma como o casal Dr. Urbino e Fermina lidavam com a velhice de ambos. Essa ideia constitui um dos aspectos relevantes desta história. Ao longo da narração, é transmitido ao leitor o relato da velhice e dos seus efeitos, conjugando espantosamente a vida com o amor, uma solução para a solidão e um motivo de não entrega à morte, na última etapa da vida do ser humano.

A Minha Opinião

Na minha opinião, o livro *O Amor Nos Tempos de Cólera*, de Gabriel García Marquez, é um livro interessante e actual. Ao abordar os efeitos do amor na vida do ser humano consegue ser um tratado sobre os sentimentos do Homem e uma descrição maravilhosa sobre o que é envelhecer. E, também, o que é viver plenamente a vida. As personagens e as suas histórias podem facilmente saltar as barreiras da ficção e serem tomadas como exemplo para a vida do leitor, pois adequam-se à realidade, embora de uma outra época. A obra sublinha a importância de persistir para concretizar os sonhos. Para isso, há que tomar o exemplo da

personagem Florentino Ariza, que luta durante mais de cinquenta anos pelo seu objectivo, e, no final, vê o seu esforço recompensado. Gabriel Garcia Marques transmite ainda, a partir deste livro, os efeitos da velhice e da solidão.

Por estes motivos, aconselharia este livro como uma boa escolha de leitura. Porém, penso que a interpretação desta narrativa dependerá também da maturidade do leitor e da sua experiência de vida, não deixando contudo de ser um livro maravilhoso.

LIVRO 10: O CORPO E O SANGUE DO INQUISIDOR de Evangelisti, Ana Luísa Miranda, nº 4, 11º A
Data de edição: Abril 2010

O autor

Valerio Evangelisti é historiador activista, articulista político e um dos novos autores italianos mais populares e elogiados pela crítica europeia. Nascido em Bolonha, em 1952, Valerio Evangelisti formou-se em Ciências Políticas e História. Deu, então, início a uma vida académica como professor, e como funcionário no Ministério das Finanças. Em 1993, venceu o prémio Urania, da prestigiada revista italiana de mesmo nome, com a obra Eymerich, o Inquisidor. Nos anos seguintes, publica ainda sete sequelas sobre a vida e obra do Inquisidor. Em 1999, publica a trilogia Magus, em torno da figura de Michel Nostradamus, *O Presságio*, *O Engano* e *O Abismo*. A sua obra tem-se estendido por várias áreas, como a música *heavy metal*, cinema e literatura fantásticos, e História. Os seus escritos já foram traduzidos para inúmeras línguas, mais recentemente para português, e adaptadas a séries televisivas.

Elementos paratextuais

A capa do livro informa-nos acerca do título, *O Corpo e o Sangue do Inquisidor*, do nome do autor, Valerio Evangelisti; apresenta também a assinatura da editora, ASA. É caracterizada por uma imagem alusiva ao tema, um homem com uma capa característica das seitas a que obra faz referência, e em torno da qual uma das histórias está centrada. Revela-nos a obscuridade e o horror do tema associados aos autos-de-fé da época, através das chamas em todo o exterior do livro.

A lombada contém o nome de autor, obra e editora. Na contracapa, encontramos um pequeno comentário à personagem verídica da obra, Nicolas Eymerich, assim como uma breve descrição do mesmo. É-nos fornecida também uma pequena síntese de *O Corpo e o Sangue do Inquisidor*. Finalmente referenciada novamente a editora.

Síntese

Esta obra apresenta duas narrativas paralelas, ocorrendo em dois períodos históricos.

A primeira decorre durante o século XX. O protagonista é Lycurgus Pinks, membro do Ku Klux Klan da cidade de Montgomery. O seu principal objectivo é a exterminação da população negra, através do desencadeamento de uma doença para a qual esta está geneticamente predisposta, a anemia falciforme. Ao longo de décadas, este cientista associa-se a várias organizações, e planifica vários atentados. Apesar das tentativas, Pinks não vê os seus planos totalmente concretizados, pois a epidemia da Morte Vermelha passa a atingir também a raça branca. Pinks acaba por perecer, vítima do seu veneno.

Relativamente à segunda narrativa, Nicolas Eymerich encarna a personagem central. É um inquisidor do reino de Aragão do século XIV, com a função de combater a heresia em Castres, cidade no Sul de França.



No local, Eymerich, faz valer o seu poder, ao deparar-se com a indiferença dos locais perante os representantes da Igreja Católica, instaurando-se na cidade um clima hostil. Certo dia, o inquisidor, em conversa com outro dominicano, assiste ao suicídio de Raymond, um rapaz empregado na taberna da cidade.

Mais tarde, em casa do conde, Eymerich é surpreendido pelo aparecimento de uma rapariga acorrentada, Sophie, cuja aparência se assemelha à de um pequeno monstro. Sophie sofre de anemia falciforme e, semanalmente, bebe sangue humano trazido de terras vizinhas e entregue por Raymond. Temendo pela vida de Sophie, e tentando sensibilizar o inquisidor, Piquier, seu marido, confessa a Eymerich que Raymond era filho da jovem. Esta dera à luz, pela primeira vez, aos 12 anos, sendo filha do conde. Portanto, Sophie pertencia, por necessidade, aos *masc*, uma seita de corruptores de sangue. Acaba por beber o sangue do próprio pai e parte para Espanha com Piquier, sob ordens do inquisidor de nunca mais voltar.

Com um objectivo definido, Eymerich prepara a erradicação dos hereges em Castres, num auto-de-fé. Reúne então os habitantes da cidade no mosteiro e queima mais de duas mil pessoas, deixando Castres repleta de cinzas e purificada. O excerto que se segue ilustra os morticínios que Pinks planeou e levou a cabo, como demonstração da sua intolerância e racismo. Além disso, retrata-nos uma situação que nos relembra outros tempos da História Mundial, os campos de concentração nazis. "*O padre Corona lançou um grito de terror. O pátio transformou-se rapidamente num inferno, do qual duas mil pessoas procuravam uma saída, pisando corpos e correndo às cegas. Os gritos eram tão altos que formavam um único e assustador gemido colectivo que se sobrepunha a qualquer outro ruído. Bastante pálido, Eymerich fitava como que hipnotizado a fogueira colectiva que preparara com tanto cuidado. Chegavam-lhe imagens fragmentadas, terríveis.*"

Este excerto representa o alcançar do objectivo de Eymerich, a sua frieza e soberania. Simboliza também o fim de um capítulo da cidade de Castres e do poder da Igreja Transmite-nos a injustiça e a crueldade dos autos-de-fé, assim como o terror das vítimas.

Apreciação

O Corpo e o Sangue do Inquisidor é um soberbo exemplo de como a mescla de História, Policial e Horror permite revitalizar a literatura.

Baseado numa personagem real, à qual a formação em Ciências Histórico-Políticas de Evagelisti dá corpo e dimensão, Nicolas Eymerich assume-se como uma das mais icónicas personagens da literatura fantástica, aplicando um intelecto portentoso à defesa de uma fé iminentemente irracional. É aí, porém, que reside o grande mérito de Evangelisti, que evita uma abordagem simplista dos fenómenos do mal e da religião, tão intimamente ligados.

Apesar da sua complexidade, *considero O Corpo e o Sangue do Inquisidor* uma obra fascinante, pois é um exemplo de como, mais tarde ou mais cedo, "o feitiço se vira contra o feiticeiro", nomeadamente no caso de Lycurgus Pinks. Além disso, recomendo a leitura, pelo facto de denotar também uma componente didáctica, na medida em que retrata um período histórico pelo poder da Igreja Católica na repressão de manifestações de heresia.

LIVRO 11: VOA COMIGO de Maria Teresa M. Gonzalez, Inês Ferreira, nº14, 9ºA Data de edição: Abril 2010

Maria Teresa Mais Gonzalez nasceu em Coimbra, no ano de 1958. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Franceses e Ingleses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo sido professora de Língua Portuguesa. É escritora de livros infanto-juvenis. Esta autora conta já com inúmeros livros editados, sendo *Lua de Joana* o que mais se destacou. Foi publicado em 1994 e conta já com 17 edições e 250 000 exemplares vendidos. Foi também editado noutros países. É também a autora da Colecção *Profissão Adolescente* e co-autora da Colecção *O Clube das Chaves*. Os seus livros têm particularidade de reflectirem assuntos relacionados com a juventude e os seus problemas, revelando uma grande sensibilidade em relação aos mesmos.

Síntese da obra

Eduardo (Edu) tinha onze anos. Os pais estavam separados. O pai, Carlos, era piloto-aviador. A mãe, Catarina, sofria de esquizofrenia e estava internada numa clínica. Edu vivia com a avó paterna e visitava a mãe aos sábados.

Um dia, a avó Aninha anunciou que a sua madrinha viria visitá-los. Num jantar, Carlos comunicou que voltaria a casar. Edu ficou bastante revoltado. Quando a madrinha chegou, foi ter com ele. Perguntou-lhe pela estatueta do anjo que lhe tinha dado no dia do seu baptizado. Ele não sabia, mas prometeu procurar. Foi a uns caixotes, na garagem, e encontrou a tal estátua. Denominou-a de Ícaro. A certa altura, ouviu uma voz, e ficou assustado, porque era um dos seus maiores receios, devido à doença da mãe. Aos poucos, percebeu que era o anjo a falar. Ficou aliviado. O anjo lia-lhe os pensamentos e Edu percebeu que o anjo tinha estado sempre com ele. Ícaro prometeu que, quando Edu estivesse preparado, o ajudaria a voar.

Um dia, Carlos telefonou a dizer que Catarina tinha fugido da clínica e sido atropelada. Os dois foram para a sala de espera do hospital, pois Catarina continuava em coma. Edu afastou-se, tirou a estátua de Ícaro do bolso e disse que chegara o momento de voar. Repentinamente, Edu encontra-se no ar e entra no quarto de Catarina. Ninguém conseguia ver Edu, e ele encorajou a mãe em coma. No instante seguinte, estava de volta ao corredor, junto do pai. Uma enfermeira veio comunicar-lhe que Catarina já tinha acordado.

Não voltara ao cemitério, onde ia frequentemente antes de conhecer Ícaro. Foi ao casamento do pai e a sua amizade com Ícaro crescia, tornando-se inseparáveis.

Opinião de leitor

Gostei muito de ler o livro. Havia capítulos que queria passar à frente, mas não o fiz e ainda bem, porque se assim não fosse, não teria percebido.

A obra fala-nos de diversos sentimentos, como a confiança, a culpa, o amor, a incerteza. Achei interessante o facto de o rapaz, Edu, gostar de ir ao cemitério, passar lá horas e não perceber o facto de as pessoas evitarem o cemitério a todo o custo. Gostei das partes relacionadas com as conversas entre Edu e o anjo porque eram, de certa forma, cómicas, e ao mesmo tempo, lições de vida. O anjo diz, por exemplo, que, em todas as coisas que nos acontecem ao longo da vida, há sempre um lado positivo.

No livro, está sempre presente o amor incondicional de um rapaz pela mãe, que a põe acima de tudo na vida e tem algumas divergências com o pai, porque o culpa de ter abandonado a mãe, na pior fase da vida dela. É um bom livro para enriquecer a cultura geral. Fala da leucemia e da esquizofrenia e consequências das doenças, do anjo Gabriel, de Ícaro e explica o que estes simbolizam.



LIVRO 12: A VIAGEM DO ELEFANTE de J. Saramago, Bárbara Fafiães, nº6, 11º A Data de edição: Abril 2010

Introdução

Na contracapa está escrita a seguinte frase "Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam", uma frase intrigante. Sobre a epígrafe do livro, o prémio Nobel da Literatura português sustentou que esta "é muito clara quando diz que sempre acabamos por chegar aonde nos esperam. E o que é que nos espera? A morte, simplesmente. Poderia parecer gratuita, sem sentido, a descrição, que não é exactamente uma descrição, porque é a invenção de uma viagem, mas se a olharmos deste ponto de vista, como uma metáfora, da vida em geral mas em particular da vida humana, creio que o livro funciona".

O autor

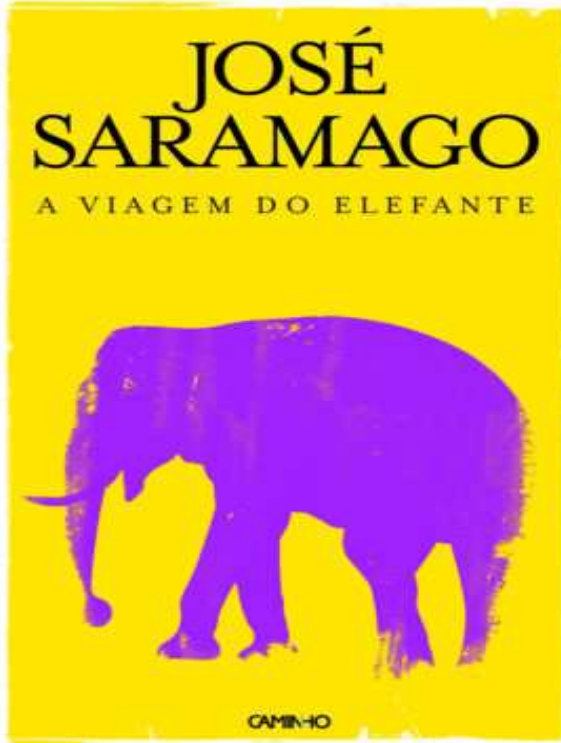
José Saramago nasceu na aldeia ribatejana de Azinhaga, concelho de Golegã, em 16 de Novembro de 1922. Os seus pais emigraram para Lisboa quando ele ainda não fizera três

anos. Fez estudos secundários que não continuou, por dificuldades económicas. O seu primeiro emprego foi serralheiro mecânico, tendo depois sido desenhador, tradutor e jornalista. Publicou o seu primeiro livro, "Terra do Pecado", em 1947, tendo estado depois sem publicar até 1966. Trabalhou durante doze anos numa editora, onde exerceu funções de direcção literária e de produção. Colaborou como crítico literário na Revista "Seara Nova". Entre 1972 e 1973 fez parte da redacção do Jornal "Diário de Lisboa" e pertenceu à primeira Direcção da Associação Portuguesa de Escritores. Em 1975 foi director-adjunto do "Diário de Notícias". Desde 1976 vive exclusivamente do seu trabalho literário.

O autor foi galardoado com o Nobel de Literatura, em 1998, e o Prémio Camões.

Síntese do Livro

O livro baseia-se na realidade: o Rei D. João III mandou um elefante, como presente de casamento, ao seu primo arquiduque Maximiliano da Áustria.



O livro começa com o Rei D. João III e a sua Rainha decidirem dar o seu elefante indiano, como prenda de casamento, ao seu primo arquiduque Maximiliano da Áustria. Assim sendo, o rei foi falar com o tratador (cornaca) do elefante. O cornaca, que se chamava Subhro, e o elefante, Salomão, foram ambos encontrados num estábulo, mal tratados, em oposição à gloriosa chegada a Lisboa, que foi referida no livro. Recebendo a notícia, Subhro ficou apreensivo por ele e pelo elefante, mas acatou a ordem visto ser vinda de um rei. No seguimento, o rei mandou o cornaca ser vestido decentemente, Salomão ser lavado e todos os arranjos serem feitos para a viagem.

A viagem começou e, após algumas peripécias no caminho de Lisboa a Castelo Rodrigo, o elefante e o seu cornaca foram entregues aos austríacos, na fronteira. Ao longo da jornada, Subro e Salomão foram criando laços de amizade com os companheiros de viagem, principalmente com o comandante, devido à convivência e a

conversas filosóficas.

Na altura de o elefante ser entregue, houve um pequeno conflito, devido ao orgulho, tendo o narrador comentado "Uma pena. Somos cada vez mais os defeitos que temos, não as qualidades." Também é de notar a maneira emotiva como o elefante reagiu à separação dos portugueses, parecendo que estava a despedir-se.

Subhro e Salomão foram então levados ao arquiduque. Foram recebidos por Maximiliano da Áustria e pela sua esposa, com entusiasmo. O arquiduque decidiu mudar o nome do Salomão para Solimão e o de Subhro para Fritz. Esta mudança nunca foi aceite nem compreendida pelo cornaca, que sentia que perderia a sua identidade só para ter um nome mais fácil de pronunciar. Porém, calou-se, pois tinha medo de perder o emprego e o seu amigo elefante. A caminhada continuou, sendo os trilhos cada vez mais difíceis, tendo a caravana de passar pelos gelados e ventosos Alpes até chegar à Áustria onde iriam ser recebidos. Durante o final da jornada é de relevância o episódio do falso milagre, onde um padre pede a Fritz para educar Solimão a ajoelhar-se perante a igreja de Santo António, de modo a simular um milagre. Assim sendo, o cornaca ensinou Solimão, que fez o "milagre". Este incidente deu alguns problemas a Fritz, mas a parte mais essencial é a crítica à perda de ética da igreja cristã, só para combater os luteranos.

Na chegada a Viena uma menina, entusiasmada com o elefante, aproximou-se demasiado e ficou em perigo, mas Solimão salvou-a. Depois disto, Maximiliano prometeu gratidão ao cornaca e ao elefante, mas quando Salomão morreu, passado um ano o seu corpo não ficou a salvo de ser utilizado para benefício do arquiduque. A Subhro foi dado dinheiro, que este utilizou para voltar a Portugal, mas nunca se soube se chegou.

Opinião e Recomendação do Livro

Para mim, os livros de José Saramago são interessantes, visto que contêm uma forte componente crítica, uma visão do mundo realista. A meu ver, só podemos melhorar a parte imperfeita da realidade se fizermos crítica construtiva. Claro que necessitamos de fantasia e arte para alimentar a nossa imaginação, mas não podemos esquecer a realidade. É preciso ver o mundo com "olhos de ver". Assim, temos de alimentar a nossa imaginação e a nossa capacidade de melhorarmos e a sociedade. Um bom modo de o fazer é lendo livros como este. Aconselho este livro a todas as pessoas que gostem de reflectir sobre o mundo em que vivemos. Recomendo ainda, durante a leitura do livro, o estudo sobre os temas que vão sendo introduzidos pelo narrador, visto que nas obras de Saramago há uma base cultural.

LIVRO 13: VARJAK PAW de SF Said, Paulo Gomes, nº21, 9º B
Data de edição: Abril 2010

Biobibliografia

SF Said nasceu em Beirute em 1967 e passou os seus primeiros anos de vida na Jordânia. Aos dois anos de idade, mudou-se para Inglaterra e cresceu na comunidade iraquiana em Londres. Depois de se graduar na Universidade de Cambridge, trabalhou como ajudante de imprensa e redactor de discursos para o príncipe herdeiro da Jordânia. Deixou a Academia de especialização em jornalismo para trabalhar no mundo do cinema, divulgando o cinema islâmico contemporâneo e escrita para crianças.

Entre os livros publicados conta *Varjak Paw* (2003) e *The Oulaw Varjak Paw* (2005). Recebeu prémios literários, como o *Nestle Smarties Book Prize*.

Resumo da obra

Era uma vez uma família de gatos que vivia numa casa velha, no alto da colina. A família era constituída pela mãe, pelo pai, pelos irmãos Varjak, Julius, Jay, Jethro e Jerome, pela prima Jasmine, pela tia Juni e pelo elemento mais velho do clã, o velho Paw. Este era o grande contador de histórias, contando como Jalal, o primeiro Azul Russo, viera da Mesopotâmia. Varjak era o único desprezado pela família, porque tinha olhos verdes. A família vivia com a condessa, que os alimentava.

Um certo dia, entra pela porta principal da casa um cavalheiro, acompanhado de dois gatos pretos. Nessa mesma noite, quando Varjak e o velho Paw estavam no jardim, apareceram os gatos pretos que acompanhavam o cavalheiro, e lançaram um ataque aos gatos. O velho Paw disse a Varjak que fugisse e procurasse um cão, pois era a única maneira de ele salvar a sua família. Então Varjak partiu à procura de um cão. Foi então que, no parque da cidade, Varjak encontrou uma gata chamada Holly. Era uma gata da rua destemida. A gata deixou Varjak ficar no seu esconderijo. Nessa mesma noite, Varjak sonhou que tinha regressado à Mesopotâmia. No sonho ele estava com Jalal, que lhe revelou um antigo segredo de família. Existiam sete aptidões para dominar: *Mente Aberta*; *Conhecimento*; *Caça*; *Câmara Lenta*; *Círculos em Movimento*; *Andar em Sombra* e por fim *conhecer-se a si próprio*.

No dia seguinte Varjak, acompanhado de Holly, encontra a gata Tam, amiga de Holly. Enquanto os três gatos vagueavam pela cidade, Holly contou a Varjak que existiam dois bandos de gatos na cidade, cada um deles controlava uma parte, e a zona centro era neutra. Dois dias depois após terem deixado Tam, Varjak e Holly decidiram procurar Tam e invadiram o território de Sally Bones, nessa busca. Eles depararam-se com Sally Bones, e o seu general, Razor. Sally Bones não estava nada satisfeita com a invasão do seu território e atacou Varjak, até que apareceu um cão ao fundo da rua e todos os gatos fugiram. Varjak estava à espera de um ataque do cão, mas o canino foi simpático, e lambeu-lhe as feridas. O cão apresentou-se e disse que o seu nome era Cludge, e que não tinha amigos. Então, Varjak, Cludge e Holly ficaram amigos e foram para casa da condessa salvar a família de Varjak. Quando chegaram, os três amigos tinham de entrar pelo jardim, pelo qual Varjak já tinha saído, mas Cludge não conseguiu passar, e, por isso, ficou cá fora e foram os dois gatos para dentro de casa.

Dentro de casa da condessa, Varjak disse a Holly para ir ver o primeiro andar, que ele veria o andar de baixo. Quando Varjak entra na sala de estar, a sua família estava toda reunida, notando que Julius tinha assumido o controlo e que agora era ele o chefe. Varjak contou à família as suas aventuras no mundo exterior. Sem pedir permissão, Julius interrompe Varjak e desafia-o para uma luta. Os dois irmãos lutam e Varjak leva a melhor.

De repente, entra Holly, na sala de estar, apavorada e avisa a família que existiam gatos presos no primeiro andar. Então Varjak encheu-se de coragem, foi ao primeiro andar, passou pelos gatos pretos que estavam a guardar as escadas, com a sexta aptidão, o Andar em Sombra, e entrou no quarto, libertando os gatos. Reparou então que um dos gatos que estava preso era Tam. Depois, Varjak saiu do quarto e deparou-se com os gatos pretos, que combateu. Quando conseguiu vencê-los, viu que não passavam de simples brinquedos. De repente, apareceu o cavaleiro no hall de entrada, agarrando o irmão de Varjak, Julius, pelo pescoço. Mas, de rompante, entra Cludge pela janela e assusta o cavaleiro para fora da casa. Todos os gatos festejaram a sua liberdade. Varjak, a partir desse dia, decidiu viver no mundo exterior, porque acreditava que era aí que pertencia.

Opinião de leitor

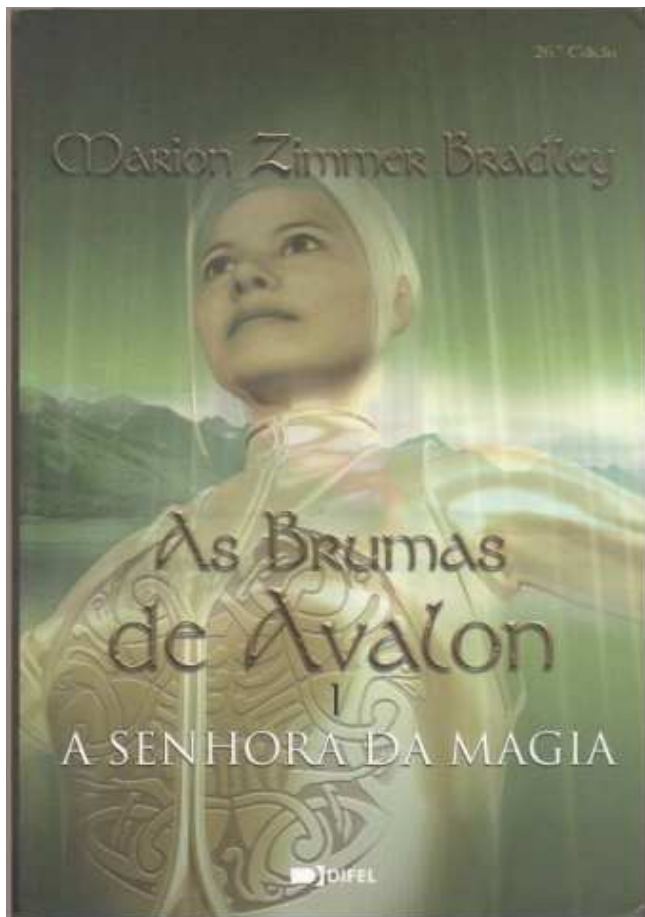
Gostei muito de ler "Varjak Paw". É um livro educativo: podemos retirar inúmeras lições de vida, ser transportados para um outro mundo, em que provavelmente nunca vivemos, e em que gostaríamos de participar. Há também, em "Varjak Paw", um mundo misterioso, em que o *suspense* está sempre à espreita, e nunca sabemos o que pode acontecer. Aprendemos também que, para sobreviver, temos de passar por um caminho difícil, mas que vale a pena o esforço. Recomendo este livro a qualquer pessoa, porque é um livro muito interessante.

LIVRO 14: AS BRUMAS DE AVALON de M. Bradley, Inês Salafranca, nº15, 9º A
Data de edição: Abril 2010

Biobibliografia

Marion Zimmer Bradley nasceu em Junho de 1930 em Albany, nos Estados Unidos da América e começou a trabalhar muito cedo. Aos dezasseis anos recebeu uma máquina de escrever da sua mãe e principiou a escrever histórias para sobreviver.

Na época dos anos cinquenta era o que se chamava "escritora de sucesso fácil", escrevia histórias de mistérios para revistas de grande tiragem, para poder sustentar os seus filhos e marido. As suas histórias de ficção científica *Darkover* (um planeta onde os seres humanos entram em contacto com os seres extraterrestres e adquirem poderes extra psíquicos) continuam a ter bastantes apreciadores. Prosseguiu com *A Casa Da Floresta* (1983) e *Presságio de Fogo* (1987). Com a saga *As Brumas de Avalon* e a permanência de três meses na lista de *bestsellers* do New York Times, tornou-se uma escritora importante.



Síntese

A Senhora da Magia é o primeiro de um conjunto de quatro livros que narram a lenda do Rei Arthur e dos Cavaleiros da Távola Redonda na Grã-Bretanha Celta, através do olhar das mulheres. As mulheres, estando na retaguarda, eram as verdadeiras detentoras do poder. A Ilha de Avalon é a guardiã dos grandes mistérios eternos e sagrados. Representa as antigas tradições, ligadas à natureza e às forças obscuras, e confronta-se com a nova fé cristã, que considerava a mulher a portadora do pecado original, enquanto a Deusa valorizava a mulher pelo seu poder de gerar a vida.

Neste livro, a personagem principal é Morgaine. Esta nasceu do primeiro casamento de Igraine com o duque Gorlois. Este morre e Igraine casa com o Rei Supremo, Uther Pedragon. Deste casamento nasce Arthur. Arthur tinha cinco anos de idade, quando ele e a sua irmã, Morgaine, são separados da mãe. Morgaine vai para Avalon com sua tia Viviane, a Senhora de Avalon, para se

tornar uma sacerdotisa. Arthur é levado por Merlim, para casa de um vassalo do Rei Supremo, no qual o Rei tinha muita confiança.

Os anos vão passando. Morgaine torna-se uma sacerdotisa da ilha de Avalon e Arthur um cavaleiro pronto para ser rei. Uther Pedragon morre e Arthur sucede-lhe. Este jura fidelidade a Avalon e lidera com justiça, tanto para com os Druidas como para os Cristãos, recebendo a espada Excalibur, em Avalon.

Arthur torna-se Rei da Grã-Bretanha. Morgaine, depois da coroação de Arthur, apercebe-se que tinha sido uma mera peça no tabuleiro de Viviane, e decide abandonar Avalon para ir viver com a sua tia, Morgaine, para o reino de Orkney.

A minha opinião de leitora

Estava indecisa entre dois livros, porém acabei por escolher este.

Quando comecei a ler, pensei que me iria arrepender. Não conhecia a autora. Podia não gostar do livro, e como é que eu ia apresentar aos meus colegas um livro de que eu não tinha gostado? Esta dúvida desapareceu depois de ler o primeiro capítulo, pois, se eu adorei ler o primeiro capítulo, era claro que iria gostar do livro todo.

Este livro revelou-se fantástico e emocionante, viciando-nos numa leitura interminável, na ânsia de conhecer o final. Transporta-nos a um mundo diferente, onde as profecias, lealdade, fidelidade, bravura, honra têm a supremacia sobre a realidade. Revela-nos o importante papel que as mulheres tiveram para Arthur se tornar rei, o que na minha opinião quer demonstrar que a mulher tem um papel muito importante na sociedade.

O livro mostra que o nosso destino é feito por escolhas e que não está predestinado. Que nós somos as nossas escolhas e depois de as fazermos não há como voltar atrás, por muito que o queiramos. Por isso, devemos ser conscientes e responsáveis, sempre que decidirmos qual o caminho a seguir, pois não há como voltar ao ponto de partida.

LIVRO 15: UM HOMEM NÃO CHORA de Sttau Monteiro, João Pimentel, nº19, 9º A Data de edição: Abril 2010

Luís Infante de Lacerda Sttau Monteiro nasceu no dia 03/04/1926 em Lisboa e faleceu no dia 23/07/1993 na mesma cidade. Aos treze anos foi viver para Londres, onde seu pai desempenhava funções de embaixador. Regressa a Portugal em 1943, no momento em que o pai é demitido do cargo por Salazar. De regresso a Portugal, licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa, tendo exercido advocacia.

Publicou o seu primeiro romance em 1960, *Um Homem Não Chora*. Em 1961, publicou *Angústia para o jantar*, e a peça de teatro *Felizmente Há Luar*, distinguida com o "Grande Prémio de Teatro", tendo a sua representação sido proibida pela censura. Escreveu em 1971 o romance *Agarra o Verão, Guida, Agarra o Verão*. Foi jornalista, trabalhou em publicidade e escreveu, também sobre gastronomia, com o pseudónimo de Manuel Pedrosa.

A obra dá-nos a conhecer a sociedade portuguesa, na década de cinquenta, através do relato da vida de algumas personagens. Assim, descobrimos que a nossa sociedade era de fachada, na medida em que as pessoas faziam de tudo para manter as aparências, mesmo quando as suas vidas estavam num caos. Uma das alturas em que verificamos isto é quando o narrador vai relatando a sua vida, mostrando uma profunda frustração. Esta é provocada pelo facto de se querer divorciar, mas



acaba por ser obrigada a estar casada e a manter as aparências de um casal feliz. Além disso, sente-se saturado da falsidade e da hipocrisia vividas em Portugal, a nível social e político.

Este livro sempre me despertou alguma curiosidade, devido ao seu título. Além disso, no desenrolar da minha leitura, apercebi-me que o livro nos descreve como era a vida em Portugal nos anos 50. Por exemplo, as pessoas nessa altura ligavam muito mais à aparência do que a sua própria felicidade, vivendo infelizes e frustradas.

Recomendo a leitura deste livro não só para a obtenção de mais cultura, mas também como uma forma de divertimento.

LIVRO 16: O SONHO DUM HOMEM RIDÍCULO de Fiódor Dostoiévski, Ana Biltes, nº1, 11º F

Data de edição: Abril 2010

O Autor

Fiódor Mikhálovitch Dostoiévski nasceu em Moscovo a 30 de Outubro de 1821 e morreu em São Petersburgo a 9 de Fevereiro de 1881.

Estudou num colégio militar de engenharia contra a sua vontade, o que fez com que se tornasse um solitário, encontrando na leitura um refúgio. Após o lançamento dos seus primeiros livros, foi acusado de estar envolvido na conspiração do revolucionário Mikhael Petrachévski, que pretendia assassinar Nicolau I. Assim, foi preso e condenado à morte. No último momento, a pena foi comutada por trabalhos forçados na Sibéria. Estas experiências foram relatadas nos seus livros. Depois de cumprir a pena, dedicou-se ao jornalismo, fundando com o irmão Mikail o periódico "O Tempo". Em 1862 fugiu para o exterior, levando uma jovem estudante que viria a ser uma personagem dos seus romances. Quando voltou à Rússia, já sem a amante, encontrou a mulher e o irmão em péssima situação financeira. Também marcado pela doença e pelos ataques de epilepsia, chegou a um estado de enorme angústia existencial. Atingiu o auge do amadurecimento literário com a obra *Crime e Castigo*, que é considerado o seu romance mais importante.

Em 1867, voltou a casar-se, desta vez com Ana Grigoriévna, uma estenógrafa de 21 anos. Foi novamente acusado de várias fraudes e fugiu novamente, agora para Genebra, partindo algum tempo depois, para Itália. Regressou à Rússia em 1871 e assumiu o cargo de redactor-chefe de "O Cidadão". Os últimos anos da sua vida foram tranquilos e felizes, sendo considerado o maior escritor russo do seu tempo.

Resumo da obra

Em *O sonho dum Homem Ridículo*, Dostoiévski é extremamente divertido e dramático.

Neste livro em especial, que critica a Humanidade, temos a história de um homem determinado a suicidar-se, e quer fazê-lo pois diz ser ridículo e não ter nenhum motivo para continuar a viver, pois a vida não lhe interessa e tudo e todos lhe são indiferentes. Todos os dias, chega a casa e senta-se na sua poltrona com o revólver à frente e ali passa noites inteiras, esperando sabe-se lá o quê, para pegar no revólver e dar um tiro em si.

Certa noite, quando anda ridiculamente na rua sem destino, uma menina, ainda pequena, vem implorar-lhe ajuda para a sua mãe. Ele nega-lha e segue o seu caminho, deixando uma pobre criança a chorar, numa situação aflitiva, pois por já ser muito tarde, provavelmente a menina não encontrará mais ninguém que o possa fazer. Pois é nessa mesma noite que, quando mais uma vez sentado na sua poltrona, acontece algo que já não acontecia há muito tempo: adormece. E nesse sono, tem um sonho que o deixa desprovido de emoções.

A acção do livro anda à volta desse sonho, em que existe outro mundo, onde todos são ainda puros e belos. E é esse sonho que dá um motivo àquele homem desesperado para viver, libertando-o do seu mundo de indiferença e levando-o para outra dimensão.

Mais uma vez, o autor adopta o tema da auto-destruição humana e da utopia.

Texto de Opinião

Este livro, devo admitir, foi uma excelente surpresa para mim. Quando nos aparece um livro de bolso com este título e por um preço tão simbólico é imperativo comprá-lo, além de que, não traz uma, mas duas novelas deste autor magnífico.

Adorei lê-lo. Estou completamente fascinada, porque adorei tudo neste livro: o facto de ele ser pequeno e transportável, a maneira como o autor escreve, a história do livro e a sua mensagem... Enfim, tudo.

Posso dizer que tenho uma passagem favorita, ou melhor, duas passagens favoritas. A primeira situa-se no início do sonho, quando o homem pensa que morreu: «*Eram filhos do Sol (...) Oh, ao primeiro olhar que pousei naqueles rostos, compreendi logo tudo, tudo! Aquela era a Terra, a Terra não manchada pelo pecado original, na qual viviam homens que não tinham pecado, e viviam num Paraíso idêntico àquele em que, segundo todas as tradições da Humanidade*» (p.34).

A segunda encontra-se no final do sonho, quando o protagonista faz uma retrospectiva daquilo que aconteceu: «*(...)Sim, sim; a conclusão foi eu ter estragado tudo. Como isso foi... é que eu não sei. Já não me lembro como é que sucedeu. O sonho durou milhares de anos e apenas me deixou uma impressão de conjunto... Só me lembro de que o culpado do pecado original fui eu. Como uma espantosa trinquina, qual pestífero bacilo que devasta a Terra, assim devastei eu toda aquela Terra inocente e feliz. Aqueles homens aprenderam a mentir, tomaram gosto à mentira e reconheceram como eram belos. Oh!, pode ser que, a princípio, o fizessem inocentemente, por puro jogo, por diversão, que apenas se tratasse de um bacilo; mas este átomo de mentira enraizou-se nos seus corações e foi do seu agrado. Não tardou que dele derivassem a voluptuosidade, e esta voluptuosidade engendrou a inveja, e esta, a crueldade. Oh!, não sei, não me lembro já como, mas não tardou que se vertesse a primeira gota de sangue*» (pp. 43-45).

Escolhi estas duas passagens, que embora sejam grandes, valem a pena, pois demonstram um pouco de tudo que o livro nos dá e são pontos fulcrais da história.

Em suma, adorei ler este livro e finalmente entendi que a grossura de um livro não é assim tão importante, porque se a mensagem for tão rica como a deste, todas as folhas escritas são suficientes.

LIVRO 17: SORRISOS DE BOMBAIM de Trepat, Joana Baptista, nº15, 11º F **Data de edição: Abril 2010**

Biobibliografia

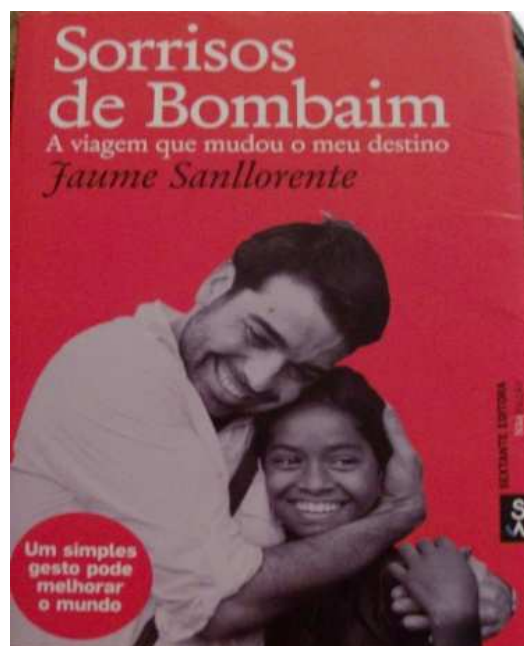
Jaume Sanllorente Trepat nasceu em Barcelona a 9 de Julho de 1976. Estudou jornalismo e mais tarde especializou-se na área de "jornalismo económico", tendo desempenhado durante vários anos o cargo de delegado da revista *Comercio Exterior*, na Catalunha. Desde 2004, Jaume Sanllorente dirige a ONG *Sorrisos de Bombaim* - que ele mesmo fundou - e que, neste momento, dá educação e futuro a mais de 2700 crianças das ruas de Bombaim. Vive actualmente na Índia. Tem um site - www.sonrisasdebombay.org - que apresenta todo o seu projecto.

Resumo da obra

Esta obra relata a vida de um jornalista, Jaume, que parte, sem destino, para a Índia. A história vai-se desenrolando quando este viaja, na Índia, de local para local, passando por Deli, Mandawa, Colaba, Bombaim e muitos outros sítios, onde se depara com situações de extrema pobreza, fome, más condições de vida, prostituição e doenças. Jaume, o jornalista, regressa após um mês a sua casa, em Barcelona, mas rapidamente decide que necessita de ajudar o povo da cidade que mais prendeu a sua atenção, através dos sorrisos das crianças. Cria uma espécie de internato onde as crianças vivem, estudam e aprendem em condições que lhes permitem serem crianças realmente felizes. Jaume vive actualmente na Índia, desenvolvendo o projecto "Sorrisos de Bombaim".

Momento significativo do livro

"O átrio era pequeno, mal lá caberia uma cama individual. (...) Quando olhei para baixo reparei num ser acocorado, pequeno, que me observava com os olhos abertos como duas laranjas. Aquele menino, que não teria mais de dois anos, olhava para mim, atónito, enquanto ia metendo qualquer coisa na boca. Estava pasmado, surpreendido mais pela minha



presença do que por aqueles gritos sonoros que provinham do cliente da que era certamente a sua mãe. Sorri-lhe e ele continuou imóvel. Só afastou um pouco a mão dos lábios para que, apesar do mau ângulo onde eu me encontrava e da luz escassa, eu pudesse ver que aquilo que tinha na boca era um preservativo usado.” (p. 66)

Texto de opinião

Esta é uma obra bastante interessante e chocante por ser verídica. Contudo, penso que este livro deve ser recomendado a todas as faixas etárias, pois dá-nos energia para acreditarmos que com força de vontade somos capazes de tudo, até do “impossível”, e mesmo sozinhos.

A linguagem utilizada é simples tendo por vezes frases originais com metáforas e comparações que podem tornar a leitura mais complexa. Mesmo assim, a compreensão integral da obra acaba por ser clara e por isso recomendada a todas as pessoas, especialmente às que apreciam histórias verídicas. Durante a leitura deste livro, todas as letras, palavras e frases criam um universo mágico, de tal modo que mesmo visando um acontecimento nada agradável, me faz querer estar na Índia – país que gostaria de visitar – e viver todos aqueles momentos, auxiliando aquela personagem. Sobre este país, uma parte que valorizei imenso no livro e que na minha opinião o enriquece, é a descrição detalhada da região e dos vários sentimentos que Jaume descobriu dentro de si mesmo.

A Índia é uma região antagónica: tem a linda parte cultural que atrai turistas de diversos locais, mas também a parte social, pobre e desprotegida, e que mesmo assim atraiu Jaume Sanlloriente, que deixou no livro as marcas da sua passagem por este país. Para finalizar, este livro revela uma constante luta pacífica contra a pobreza que deverá ser levada até ao fim e compensada com os sorrisos das crianças de Bombaim.

LIVRO 18: PARA A MINHA IRMÃ de Jodi Picoult, Ana Cláudia Nunes, nº1, 11º D Data de edição: Abril 2010

Bibliografia da autora

Jodi Picoult nasceu em Long Island, mais tarde mudando-se para New Hampshire, onde ainda vive, com o marido e os três filhos. Estudou Inglês e escrita criativa na Universidade de Princeton e publicou dois contos na famosa revista *Seventeen* enquanto ainda era aluna, o que mostra que o seu talento se manifestou desde jovem. No entanto, depois da licenciatura, face à necessidade de ganhar dinheiro para viver, adiou o seu sonho de escrever, trabalhando numa correctora, como copywriter numa agência de publicidade, trabalhou numa editora consagrada e, mais tarde, foi professora de Inglês. Mas os sonhos falam sempre mais alto, e agora, com 43 anos, é autora de dezasseis bestsellers, que estão traduzidos em 34 línguas. Em 2003, ganhou o prémio *New England Bookseller Award for Fiction*.

Resumo da Obra

Esta obra não tem a estrutura dum livro vulgar, com apenas um narrador, contanto a história na primeira ou na terceira pessoa. Também porque, embora a história gire em torno de uma família, o enredo estende-se para além dela. Por isso, talvez esteja assim justificado o facto de cada personagem ter um capítulo, contando o seu ponto de vista, e as suas experiências.

A trama gira em volta de uma família, os Fitzgerald, compostos por Sara, a mãe, Brian, o pai, Jesse, o irmão mais velho e a ovelha negra da família, dotado de um génio brilhante e Kate, a filha a quem foi diagnosticada leucemia, quando tinha apenas dois anos. A partir desse momento, tudo muda. A vida de Kate, ou melhor, a fragilidade da mesma, toma conta da vida de cada um. Após tratamentos que a esgotam e aos que a rodeiam, é dito aos pais que a única maneira de a salvar é encontrar um dador compatível.

E é assim que nasce Anna, um bebé fabricado para a irmã, geneticamente manipulada. Anna sabe que apenas existe porque a irmã está doente, e embora a ame, quer viver uma vida normal, sem ter a palavra cancro a abater-se sobre ela a cada passo do seu caminho. No fundo, também é o desejo de Kate, cansada após dezasseis anos de duras batalhas.

Tudo se precipita quando Anna, com apenas treze anos, contacta Campbell, um advogado, para que este a ajude a conseguir a emancipação médica. A mãe, que tinha sido advogada e abandonara a profissão em prol da família, enfrenta-a em tribunal... E em casa Sara não consegue perceber como é que Anna se pode recusar a ajudar a irmã, a sua irmã de sangue. E embora argumente que tenta proteger as duas filhas, a verdade é que Kate sempre

foi a sua principal preocupação. Jesse, relegado para segundo plano, opta pela vida de incendiário. O pai, que é bombeiro, não sabe que amaldiçoa o filho, todas as vezes que a sirene do quartel toca. Entretanto, Júlia, uma tutora nomeada pelo tribunal, conhece a pequena Anna, simpatiza com a sua história, e admira-a, uma vez que também tem uma irmã gémea e não sabe como reagiria se estivesse no lugar da jovem. Após alguns confrontos em tribunal, Anna acaba por vencer e obter a tão desejada emancipação, revelando que apenas seguiu com o processo porque Kate lho pediu.

Porém, quando Anna e Campbell se dirigiam para o hospital para visitarem a irmã, sofrem um terrível acidente, que resulta na morte da pequena e ironicamente, na salvação de Kate, pois o advogado, representante legal, autoriza que seja feito o transplante de rim que a irmã mais velha precisa para sobreviver. O último capítulo é-nos contado pela própria Kate, sendo a única vez que esta personagem fala em todo o livro, que afirma nunca conseguir esquecer a sua linda irmã, que acabou por lhe salvar a vida.

Comentário a um excerto:

" *A dor é uma coisa curiosa, quando acontece inesperadamente. (...) A minha mãe deixou-me ficar com aquela fotografia da Anna (...) Pode haver uma manhã em que eu acorde e o seu rosto não seja a primeira coisa que eu veja (...) Quando começo a sentir-me assim, vou à casa de banho, levanto a camisola e toco nas linhas brancas da minha cicatriz. Lembro-me de como, de início, achei que os pontos traçavam o seu nome. Penso no seu rim a trabalhar dentro de mim e no seu sangue a correr nas minhas veias. Levo-a comigo, para onde quer que vá.*" Não poderia deixar de escolher este excerto, porque, sendo a única vez que Kate tem voz ao longo do livro, reflecte o âmago dos seus pensamentos. Se ao longo do enredo vamos tomando inconscientemente o lado de Anna, neste excerto compreendemos que também Kate sofre pela irmã e lamenta profundamente a posição em que a colocou, ainda que a culpa não tenha sido sua. Este excerto reflecte ainda a imensidão da dor a que esta família está sujeita, uma vez que viveu toda uma vida receando perder a sua filha mais velha na luta contra o cancro e acabou por perder a mais nova, nascida para a salvar.

Texto de reflexão

Para a minha irmã foi dos melhores livros que alguma vez li, tanto pelo tema em si, como pela maneira como o drama se desenrola e até pela carga dramática que acarreta.

Esta história fala-nos das divisões que o Amor traz e que a dor consegue unir. Fala-nos do quanto um cancro consegue devastar uma família, mas também da ironia amarga da vida, transmitindo-nos uma valiosa lição: é preciso viver ao máximo e aproveitar cada segundo, porque nunca se sabe quando o que mais temos de precioso nos poderá ser roubado. Usando a leucemia como pano de fundo, a autora consegue brilhantemente dar vida ao pior pesadelo de uma mãe, ter de optar por uma das filhas, porque embora tenham nascido em circunstâncias diferentes, são ambas suas filhas.

É um livro que recomendo a qualquer pessoa, mas sobretudo a alguém que possua uma grande capacidade de discernimento e maturidade, porque apesar de ser escrito com um tom leve, é um livro pesado a nível do tema e do enredo.



LIVRO 19: AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE de Saramago, Raquel Patrício, nº22, 11º A

Data de edição: Abril 2010

Vida e Obra

José de Sousa Saramago nasceu em Azinhaga, a 16 de Novembro de 1922. É um escritor, jornalista, dramaturgo e poeta português, galardoado em 1998 com o Nobel da Literatura. Também ganhou o Prémio Camões, o mais importante prémio literário da língua portuguesa. Saramago, conhecido pelo seu ateísmo e iberismo, é membro do Partido Comunista Português e foi director do Diário de Notícias. Casado com a espanhola Pilar del Rí, vive actualmente em Lanzarote, nas Ilhas Canárias. Foi autor de quase todos os géneros literários desde romances a peças de teatro. Entre as suas obras, destacam-se *Memorial do Convento*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *As Intermitências da Morte*, *Ensaio Sobre a Cegueira*, *A Viagem do Elefante*, *Todos os Nomes* e *Caim*.

Síntese do Livro

A morte, cansada de ser odiada por todos e com o objectivo de mostrar a sua enorme importância na vida dos homens, decide fazer greve e parar de matar. Assim, no dia 1 de Janeiro de um país fictício, ninguém morre, todos terão a eternidade. "Ninguém morria nem de morte natural ou provocada, instalando-se assim o caos."

Além do sofrimento para as pessoas em estado terminal, esta situação gerou toda uma série de problemas afectando não só a economia e a demografia do país como também as relações deste com os países vizinhos. Nesta primeira parte da obra o autor partilha reacções das instituições políticas, sociais e religiosas do país. Alguns sectores profissionais começaram a tomar as suas precauções pois viram-se num estado preocupante. As primeiras reclamações vieram, naturalmente, das empresas funerárias que sem mortos para enterrar perderam a razão para existir. Também os hospitais e lares da terceira idade fizeram as suas reivindicações. Estes estavam a ficar "congestionados" já que, como ninguém morria, ficavam sem espaço para todos os pacientes. Outra indústria que se via numa situação preocupante era a das companhias seguradoras. Em poucos dias receberam milhares de cartas com ordens de cancelamento de seguros de vida. Para que serviam agora se a morte havia deixado de existir? Todos estes sectores industriais conseguiram, porém, arranjar soluções que os permitiram continuar em funcionamento.

A Igreja Católica também se depara com uma situação preocupante, pois sem a morte verá alguns dos fundamentos da sua existência serem postos em causa e o número de fiéis a diminuir (se não há morte também não há ressurreição nem vida eterna após a morte).

Com todo o sofrimento insuportável dos moribundos e com todos os problemas já referidos, as pessoas acharam uma forma de despistar a vida e encontrar a morte: atravessando as fronteiras do país pois "lá fora ainda se morria". O despejo dos mortos no território dos países vizinhos provocou uma onda de revolta nestes, ameaçando atacar este país onde não se morria caso esta situação continuasse a ocorrer. Assim, o governo proibiu esta forma de eutanásia, dando azo à criação da "máphia", instituição que se encarregou de continuar a transportar os moribundos ilegalmente para o exterior do país.

"No país onde ninguém morre e ninguém consegue viver", a morte era agora um problema religioso, existencial e também político. Durante algum tempo, a situação não se altera. No entanto, alguns meses mais tarde, a morte apercebe-se do erro e tenta corrigi-lo; esta anuncia através dum comunicado, que posteriormente será lido na televisão, que toda a gente que deveria ter morrido durante os setes meses de imortalidade irá falecer na meia-noite desse dia. Todavia esta instala uma novidade: agora todos os futuros falecidos receberiam uma carta violeta com uma semana de antecedência a notificá-los da sua futura morte. Desta forma ser-lhes-ia possível organizar a sua vida, escreverem os seus testamentos e despedirem-se dos entes queridos antes de morrerem. Nos capítulos seguintes, o autor irá mostrar algumas reacções das pessoas ao receberem esta carta, o modo com que após o renascer da morte volta também o retorno à vida normal.

Nesta altura da obra, encontramos também a morte numa sala fria, em parte incerta, a escrever e a enviar as ditas cartas violeta por correio. Contudo, quando este sistema de cartas começa a ser implantado, há uma que teima em não ser entregue e que é sempre devolvida. Intrigada, reenvia-a de novo mas sem sucesso. Tinha finalmente um problema que fugia à sua rotina: algo opunha-se à morte, o que lhe parecia impossível já que, segundo ela, não existe ninguém com tamanho poder. A morte decide investigar a vida do violoncelista que era suposto ter morrido há dois dias. Esta, na sua forma invisível, decide então ir à cidade

onde este vive para conhecer a sua rotina e, para seu espanto, comprovou que este homem de meia-idade não tinha qualquer poder sobrenatural que se pudesse opor à sua força.

Decidida a entregar-lhe a carta violeta pessoalmente, a morte adapta a forma de uma mulher que estranhamente se humaniza: passa a sentir amor, compaixão e empatia pelo músico, acabando mesmo por se envolver numa relação com este na última noite relatada na obra. A meio dessa noite, levanta-se da cama e faz arder o envelope que anunciava o fatal destino do violoncelista; volta para junto dele, abraça-o enquanto dorme e, pela primeira vez, a morte adormece: **“No dia seguinte ninguém morreu.”**

Recomendação

Recomendo esta obra a qualquer pessoa, pois é um livro que aborda temas extremamente interessantes. Um deles é o que fazer com os velhos e doentes quando estes só exigem cuidados e preocupações. José Saramago aborda o problema ético da eutanásia e chega mesmo a questionar se esta será alguma vez legítima. Relata, também, a destruição dos sonhos do comum mortal de querer ser eterno e realça a ideia que a imortalidade não retira a dor, nem a velhice, nem a solidão, apenas as condena a existirem para sempre.

Ao lermos este livro, reflectimos sobre a nossa existência, repensando os nossos princípios. A maneira como encaramos a morte é alterada e aprendemos a aceitá-la como um fim natural, essencial para a continuidade harmoniosa da nossa espécie. José Saramago, com a sua escrita fantástica, transporta-nos para um mundo surreal no qual a raça humana é confrontada com uma situação impossível, demonstrando os seus verdadeiros valores. Sente-se, em determinada altura do livro, a desilusão perante a condição humana, a ideia de como o homem se revela animal, perante circunstâncias adversas.

LIVRO 20: APARIÇÃO de Vergílio Ferreira, Ricardo Araújo, nº23, 11º A **Data de edição: Abril 2010**

O autor

Foi no dia 28 de Janeiro de 1916, em Melo, que nasceu Vergílio António Ferreira. Em 1920, os seus pais, António Augusto Ferreira e Josefa Ferreira emigraram para os Estados Unidos da América, ficando Vergílio Ferreira com as tias maternas. Aos 10 anos entrou no seminário do Fundão, e seis anos depois completou o curso no Liceu da Guarda. De seguida, ingressou na Faculdade de Letras em Coimbra, licenciando-se em Filologia Clássica em 1940. Destacou-se como professor e escritor. Escreveu *O caminho fica longe* (1943), *Aparição* (1959), *Até ao fim* (1987). Foi galardoado, em 1992, com o prémio Camões. Faleceu no dia 1 de Março de 1996, em Lisboa. Tem um prémio com o seu nome, Vergílio Ferreira.

Resumo da obra

Este romance pode dividir-se em três momentos: prólogo, memórias e epílogo.

No prólogo, Alberto, narrador e protagonista, inicia a reflexão da sua vida: *“Sento-me aqui nesta sala vazia e relembro”*, descrevendo as memórias da sua vida, a história em si.

Alberto começa por contar a sua mudança para Évora, devido a motivos profissionais, já que fora admitido para leccionar numa escola nessa cidade. Nos primeiros dias da sua estadia, Alberto contactou Moura, amigo do seu falecido pai. Foi através de Moura que ele conheceu aqueles com quem iria falar sobre as suas ideias e teses, especialmente acerca do existencialismo, sobre o qual reflecte bastante. Moura apresentou-lhe a sua mulher e as suas três filhas, Ana, Sofia e Cristina. Ana gostava bastante da presença de Alberto apesar de estar constantemente contra as suas opiniões acerca da vida e do seu sentido. Também o marido de Ana, Alfredo, tinha uma personalidade bastante diferente de Alberto, já que era grosseiro e não gostava de falar sobre esses assuntos. Já Sofia era uma mulher muito dominadora, tendo atraído Alberto e Cristina era uma rapariga nova que o encantava sempre que tocava piano.

Todas as conversas e acções que Alberto descreve nas suas memórias tinham apenas um fim: a procura do seu verdadeiro eu. No liceu, Alberto chegou a falar algumas vezes com um aluno seu, Carolino, que à semelhança de Alberto, também se rendeu aos encantos de Sofia. Carolino tornou-se obcecado, interiorizando que aquele que pode matar é tão poderoso quanto quem pode criar, tendo inclusive tentado assassinar Alberto num momento de raiva.

À medida que Alberto descreve as suas memórias, dá relevo à morte, como meio de entender o que é a vida. Descreve pormenores acerca da morte do seu pai, da morte trágica do seu cão, da morte da mãe por velhice, da morte de Cristina num acidente durante o Carnaval e do assassinio de Sofia, cometido por Carolino.

No epílogo, Alberto regressa ao presente, rendendo-se à condição humana. Todo o livro se baseia na vida de alguém em busca do sentido da vida, ou seja, do que somos antes de nascer e após a morte e ainda em busca do poder subjacente à nossa alma.

Opinião e recomendação

Considero este livro especial, já que nos faz pensar em diversas questões intrigantes e que não têm resposta. Eu gostei bastante de o ler, pois costumo dedicar algum tempo a pensar em possíveis respostas para estes assuntos. Recomendo a obra essencialmente a quem gosta do género e a quem gosta de reflectir sobre a fragilidade da vida e a inevitabilidade da morte. Para quem não gosta do género e/ou assuntos que ele aborda, não deve lê-lo, pois não vai apreciar a sua essência e pode até não conseguir acabar de o ler ou não perceber os pontos fulcrais. Recomendo a obra, então, a quem quer reflectir sobre o seu verdadeiro "eu", o poder subjacente à sua alma e o mistério da vida e da morte.



3. TEMPO DE POESIA

O projecto **Ler Mais e Escrever Melhor** inicia nova secção, tempo de poesia. Porque a poesia é a árvore da vida, feita de palavras e de versos, de nuvens e de sonhos, de interrogação e de desespero, cristalizadas em sílabas que interrogam, revelam, permanecem. Os nossos jovens poetas cristalizam, no ritmo cadenciado das suas palavras, a vida e o amor, em vislumbre da vida que se contempla do alto da frescura da juventude, feita porquê e angústias, mas também calma contemplação e serena alegria...

Texto 1: CRIATIVIDADE NA VIDA DO HOMEM, Sandra Freitas, nº 15, 12º B **Data de edição: Janeiro 2010**

Um mundo branco
Ganha vida,
Com as cócegas de um pincel,
Que, com a ponta colorida,
Desenha um sol cor de mel.
Logo, o azul irrequieto,
Farto de esperar,
Pede um céu, pede água,
Pede as ondas do mar.
O verde, de mansinho,
Começa a chamar.
"O que é o céu sem a Natureza,
Sem as florestas para desvendar?"
"Nada disso! Eu quero é vida!"
Lá está o vermelho a protestar.
"Eu quero dor! Quero paixão!
Quero o fogo a governar!"
"Deixe-se disso, senhor vermelho.
Para a dor estou cá eu.

Sou o dono da escuridão.
Até a noite já se rendeu!"
Num ápice, vem com pressa,
Na paleta, o branco, a deslizar.
"Chega de conversa!
Se a tela não fosse branca, quem a vinha
pintar?"
Cores para um lado, Cores para outro,
E, se em vez de um quadro houver papel?
Porque não dar lugar ao lápis
E pôr de parte o pincel?
Trocar a tinta pelas letras.
Usar a borracha, para os borrões.
Encher as linhas com caligrafia.
Transformar palavras em emoções.
Letras...
Letras são mais do que letras.
São palavras. Até são canções.
São notícia, são poemas,

São capas, são guiões.
As letras estão em tudo.
São para dar informações.
Para escrever,
Para ler,
Para guardar recordações.
Mais do que um código,
São um caminho.
Um puzzle sem instruções.
Escritas ou pronunciadas
Variam com as nações.
Queres ser poeta?

Tornar-te Poesia?
Não é preciso saber rimar.
Basta escolher as letras certas
E tudo se vai transformar.
Aliás, todos somos artistas,
Onde a vida é uma obra de verdade.
Nasce de quem lhe dá a partida,
Do autor que o traz à realidade.
Depois, cresce e transforma-se,
Até a tela ou o papel se esgotar,
Para quando a alma for embora,
A podermos sempre recordar.

Texto 2: UM DESABAFO, UMA DEFINIÇÃO, Daniela Oliveira, nº 7, 1ª
Data de edição: Janeiro 2010

Teu ser abandonou-me,
Vagabundo de amor.
Partiste o meu coração,
Tatuaste minha dor.
Fera mansa de devaneios,
Anjo perdido sem amor.
Perdeste o mais belo da vida.
Nunca saberás o que é amor.
Margem de amar não constante.
Feriste a minha sabedoria de amar.
És um pobre sonhador
Que inculto não saberá jamais
O que é um grande amor.
Ouve-me pela última vez!

Aprende a definição bélica de amor.
Amar é afeição, paixão pelo meu
ser,
É desejares-me em segredo.
Não faças meus olhos chorar,
Não me desprezes,
Não me rejeites,
Não negues o que sinto por ti!
Aprendeste alguma coisa?
Então pára!
Olha em meus olhos,
Toca em meu corpo.
Não digas nada mais,
Não percas mais tempo,
Beija-me arduamente!
Amo-te, Vagabundo.

Textos 3: ESCREVER... e 2 POEMAS, Flávia Cruz, nº 10, 1ª
Data de edição: Fevereiro 2010

Escrever é quando a imaginação é transportada para um papel. Escrever é as ideias da nossa cabeça representadas em palavras. Escrever é fácil, mas ao mesmo tempo difícil. Fácil para quem quer despachar, difícil para quem quer surpreender. Por isso, uma das minhas dificuldades de escrita é mesmo escrever. Escrever de modo a que não precise de borracha para apagar, como já fiz nestas poucas linhas e outras mil vezes. Escrever de modo a que leia e goste do que escrevi, porque nem sempre é fácil passar para um papel o que vai na nossa mente. Isso irrita-me, por vezes, porque eu quero que um dia a escrita me saia mais naturalmente do que o que sai... Quero ser uma escritora para mim própria, quero ler textos meus e conseguir perceber o que queria que o texto transmitisse. Para isso, preciso de ler mais, para procurar entender, no geral, o que os escritores pretendem mostrar ao leitor. Tudo isto para dizer que escrever para mim é algo muito especial, é uma das formas que me permite ir mais além, sem limites para a imaginação. Apesar de tudo, não sei se consegui demonstrar o que significa, para mim, escrever.

É urgente encontrar-te
Aprender a cheirar o vento
É urgente amar
É urgente um olhar atento.

Quero teus olhos
Em mim postos
Sonho sempre contigo
Serás tu um amigo?

A chama da esperança
De um dia te encontrar
Provoca em mim toda a mudança
Eu sei que um dia vou amar.

É urgente um abraço
Um beijo com carinho
O amor forte como o aço

E livre como um passarinho.

Ainda não te encontrei
mas eu consigo ver-te
Nas fantasias que eu crio
A cada anoitecer.

Procuo meu amor
Mas não consigo encontrar
Não me canso de procurar.
Não fujas mais de mim,

Dá-me permissão para te amar

Às vezes parece que estás perto
Mas não consigo alcançar-te
Tu tens a chave do meu coração
Não me deixes nesta solidão

Vou caminhar
Até te encontrar
Alguém que me tire esta dor
Por favor, é urgente o amor.

Quero Gritar

Um dia tentei e não consegui, voltei a tentar sem desistir!
Um dia pensei e não concluí, voltei a pensar sem desistir!
Um dia fiz e não deu em nada, voltei a fazer e não consegui...
Quero perceber, quero gritar, quero saber quem sou o que faço aqui.
O que é de mim?
Estou a mudar, estou a fugir de mim, quero voltar, quero continuar (...)
Não sei, não sei.
A minha mente está ausente, vaguei sem sentido á procura de um porto de abrigo.
Já nada é seguro, já nada é estável, tudo fugiu e o meu Eu sumiu!
Bebi a água do rio que me trouxe a vida. Num deserto a minha boca saboreia algo...
Já não sei quem sou mas tenho a certeza do que sou...
Sinto falta de uma peça, algo que não encaixa.
O puzzle acabou e foi desfazendo o que dessa peça restou...
Desta alma que só sai amargura, a escrita feita nos momentos que só apetece gritar.
Já não consigo controlar, quero viver, quero matar!
Algo em mim vai mudar, sinto um nó que não me deixa avançar.
Quero gritar...

Texto 4: DEFINIÇÃO DE AMOR, Patrícia Ferreira, nº 15, 1ªA Data de edição: Fevereiro 2010

O Amor é um sentimento crescente.
Bom, quando duas pessoas se amam.
Sentimento forte, que se aparece, arde.
Por ser forte aguenta distâncias, dificuldades...
Porém também dói amar e não ser amado.
Mas para Amor não há definição
Cada um vive de maneira diferente a sua paixão.

Tudo aquilo que eu faço é por amor,
Aquele sentimento que cresce a cada momento.
Sentimento cujo coração bate por ti só por ti.

O Amor é...
O coração bater mais forte,
Sonhar constantemente um com o outro,
Contar os minutos até ao próximo encontro,
Amor é...
Tudo aquilo que sinto por ti.
Amo-te.

Gustav Klimt, O Beijo



Texto 5: INCERTO DESTINO, Ana Cláudia Proença, nº 2, 11ºA
Data de edição: Março 2010

Caminho sobre os passos de um marinheiro que perdeu a sua estrela.
Perdida, mas confiante no meu mar que me guia, me embala.
Olho para o céu escuro e pondero: aqui brilhará a mais bela!
A minha esperança dá-me abençoada vida, doce alma.
O meu destino, toldado pelas nuvens de humano em mim,
Descansa na sombra da minha vida com sorriso trocista.
Sem medo, ignoro o meu corpo que treme assim,
Fora de mim, mas algo meu: coração malabarista.

Texto 6: POEMAS, Helena Mota, nº 11, 10º F
Data de edição: Abril 2010

Como o céu tenho nuvens que me desfocam a visão.
Como o céu tenho pássaros que voam na minha direcção.
Como o céu tenho chuva que me escurece.
Como o céu tenho dias em que não amanhece.
Como o céu não sinto os pés no chão.
Como o céu tenho sempre uma estrela na mão.
Como o céu esmaeço...
Como o céu adormeço...

Hoje não sei porque me encontro aqui,
Nem sequer sei porque tento escrever.
Hoje todo o mundo gira, e a força com que me arrasta
Apodera-se dos meus sentidos.
Hoje tudo se mexe, tudo acontece.
Hoje sinto-me pequena,
Pequena demais para enfrentar o mundo e gritar o que é meu.
Hoje sinto-me parada,
Parada demais para querer-me mexer.
Hoje não quero. Hoje não desejo. Hoje não sonho.
Hoje nem sei que dia é.

Texto 7: UM POEMA, Carolina Varela, nº 9, 7º E
Data de edição: Abril 2010

Amor é um sentimento que está no nosso pensamento
pode mudar a vida que queremos tomar
essa que nos faz sonhar,
pois com o grande amor se quer estar.
Por isso, quero dele falar
Sentimento que nos faz alcançar
O lugar ideal para morar.

Texto 8: O POEMA AMIGO, Catarina de Sousa, nº 10, 7º E
Data de edição: Abril 2010

Amigo está lá para nos ver sorrir
Amigo está lá para dar a mão
Amigo está lá para ver partir
Amigo está lá para dizer: - Não!

Amigo está lá para nos ver chorar
Amigo está lá para nos ver brincar
Amigo está lá para nos amar
Amigo está lá para nos abraçar.



**Texto 9: OLHOS BRUTAIS,
Paulo Areias, nº 16, 7ºE
Data de edição: Abril 2010**

Os teus olhos são brutais
como um farol à beira do cais.

O navio eu sou
O farol tu és
O meu rumo guiaste
E eu caí aos teus pés.

Contigo ao meu lado eu sou feliz
E muito especial és para mim.
E, de repente, apercebo-me que é
o fim.

**Texto 10: VIDA EM
VERSO, Mariana Silva, nº 15,
7ºE
Data de edição: Abril 2010**

Minhas pernas cansadas
de andar no labirinto da vida,
tentando responder à pergunta
sem saída
sem chão
são como pessoas sem coração
frias como gelo
e tapadas com um nevão.
Comento uma decisão nunca

tomada
é como uma vida que nunca foi acabada.
Coração bate forte
mas um dia vai parar
quando encontra a Morte
que o convida para jantar.

Pintura, Pablo Picasso

**Texto 11: SOMOS ASSIM AOS...Dyefferson Alves da Costa, nº 7, 10ºC
Data de edição: Abril 2010**

Aos 16 anos somos assim.
Criamos e inventamos,
Sorrisimos e choramos,
Vivemos e amamos,
Somos assim aos 16!

A cada dia que passa
Crescemos e amadurecemos
E apercebemos que a vida

É feita de momentos.
Momentos que nos tocam
E nos ajudam a crescer.

Somos assim aos 16!
Buscamos o impossível,
Na simples magia de ser.
E em cada sonho,
Um novo modo de querer.

**Texto 12: AMOR, Ana Sofia Roque, nº 4, 7ºE
Data de edição: Abril 2010**

Uma vida vivi
uma lágrima correu.
Para ti não existe nada
Para mim é uma vida que começou
e ainda não vai acabar.

Posso até chorar por ti
porque te amo.
E na tua boca acende-se
o sorriso da indiferença.
Será que sabes o que é amar?

Texto 13: MENINOS DE BATA BRANCA, Fábio Miguel Silva, nº 6, 2ªA
Data de edição: Abril 2010

Temos de criar mecanismos
Onde a beleza manda
Estudamos os microrganismos
Mas sempre de bata branca

Isto vai ser o nosso dia-a-dia
Onde uma norma sempre manda
Não se esqueçam da assepsia
Mas sempre de bata branca

Balões e provetas
Onde tudo encanta
Lamparinas e pipetas
Mas sempre de bata branca

Os microrganismos são nossos inimigos
Onde a amizade manda
Seremos sempre amigos
Mas sempre de bata branca

Texto 14: PEDRAS NO CAMINHO, Raquel Brandão, nº 16, 1ªA
Data de edição: Abril 2010

Posso ter defeitos, viver ansiosa e ficar irritada algumas vezes, mas não me esqueço que a minha vida é a maior empresa do mundo.
E que posso evitar que ela vá à falência.
Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.
Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e tornar-se um autor da própria história.
É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da alma.
Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.
É saber falar de si mesmo.
É ter coragem para ouvir um não.
É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta.
Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vão construir um castelo...



Crazy Life, Laurie Proctor



«**Com medo de o perder nomeio o mundo...**»
Vitorino Nemésio, *o Verbo e a Morte*

4. NOTÍCIAS EM PROJEÇÃO

O projecto Ler Mais e Escrever Melhor instituiu esta secção para divulgação de actividades dinamizadas na Escola Secundária do Padrão da Léguas. Notícias em Projecção é uma secção aberta a notícias escritas por alunos, professores ou funcionários, de autoria singular ou colectiva. Para além de notícias, recebe ainda outros textos jornalísticos como crónicas, reportagens, entrevistas...

O que interessa é que os textos em projecção apresentem como denominador comum o aperfeiçoamento da competência de leitura e de escrita, de formação da bagagem de leitor e da capacidade de escrita multifuncional, a propósito de actividades deste ou de outros projectos. Incluindo textos de alunos, professores e funcionários.

A memória de um projecto pode (re)construir-se a partir das suas notícias. «Com medo de (...) perder» momentos e memórias, que pertenceram ao real, que fizeram parte da vida de poucos ou muitos. E é com essas notícias feitas memórias que nomeamos a Escola, o nosso pequeno «mundo», parafraseando a epígrafe do poeta.

1ª Notícia: UM DIA DIFERENTE, Ana Fonseca, nº1, Cristina Nogueira, nº6, Mariana Santos, nº 15, 3º B

O que se passou na Escola Secundária do Padrão da Léguas, que nos trouxe um dia bem diferente e sem aulas? Seria puro divertimento? Cultura? Loucura generalizada?

A verdade é que, no dia dois de Novembro de 2009, realizou-se na nossa escola, um Concurso Interturmas sob a forma de um pedipaper, inserido no Plano Anual de Actividades.

Apesar da semana anterior ter sido chuvosa e fria, nesse dia o sol resolveu dar um ar da sua graça e, ainda que um pouco escondido, fez-se sentir. A escola encheu-se de guarda-sóis a assinalar os postos das provas, que consistiam em responder a perguntas relacionadas com as mais variadas áreas do saber, desde as línguas às artes.

Esta actividade teve início logo pela manhã e estendeu-se pelo dia fora. As equipas foram organizadas em três grupos. O primeiro prestava provas nos diversos postos, respondendo aos questionários; o segundo dirigia-se ao *Pesquisódromo*, situado na Biblioteca, fazendo pesquisa para encontrar as soluções para os problemas propostos; o terceiro, formado pelos restantes alunos da turma e um professor acompanhante, constituía a claque, cuja prova, de carácter físico, consistia em fazer o maior número de cestos em cinco minutos. Claro que algumas turmas foram logo penalizadas pelo atraso ou ausência de certos elementos, mas na generalidade, mostraram-se muito entusiasmadas com o jogo.

Nos diversos postos distribuídos pela escola pôde-se verificar a adesão dos alunos, apesar de terem sentido algumas dificuldades, nomeadamente no Clube Europeu.

Em conversa com duas alunas do sétimo ano, ficámos a saber que o posto onde se sentiram menos à vontade fora no de História. Já no posto do Clube Europeu, a opinião das

professoras com quem conversámos foi outra, pois estas revelaram-nos que os alunos têm "muita falta de cultura geral". Nas Línguas Estrangeiras e na Língua Materna, a opinião das professoras responsáveis foi positiva, uma vez que, no geral, a prova correrá bem aos alunos, apesar de alguma atrapalhão e nervosismo.

Depois de várias tentativas, conseguimos finalmente entrevistar os professores do posto de Artes que elogiaram o desempenho dos alunos dos Cursos Profissionais, referindo também que tanto os do Ensino Secundário como os do Ensino Básico estiveram à altura dos desafios e muito motivados.

Concluindo, este dia foi vivido com grande alegria por alunos e professores. Pensamos que o objectivo deste pedipaper foi alcançado com sucesso, pois não faltou o espírito de competição que promoveu a interacção entre os vários elementos da comunidade escolar.

2ª Notícia: CRIATIVIDADE EM ACÇÃO, Repórter Picuinhas

No dia 3 de Novembro de 2009, no Centro de Recursos, alunos de 11ºano apresentaram anúncios construídos na disciplina de Português, em transversalidade com o Projecto Ler Mais e Escrever Melhor e Eco-escolas, com uma forte componente ambiental. A sessão, que decorreu durante a manhã, esteve aberta a todos os alunos, do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

Pelo 11º A foram porta-vozes os alunos Ana Rita Relvas, Bruno Baltarejo e Diogo Freitas, pelo 11ºB os alunos Pedro Morais e Filipe Paulo, pelo 11ºC, Mariana Pires, Sara Ferreira e Luís Barros, pelo 11º E, Ana Magalhães e Ana Luís e, pelo 11ºF, Joana Baptista e Bárbara Marmelo.

3ª Notícia: ENCONTRO ENTRE PALAVRAS, Ana, Beatriz, Daniel, Filipa, 9º A

Respondemos ao desafio das professoras Fernanda Rodrigues e Mónica Neves de participarmos no 6º Fórum de Leitura e Debate "Entre Palavras", organizado pelo Jornal de Notícias, pela importância que a leitura e o debate têm não só na escola, mas também no dia-a-dia. Sentimos que crescemos a nível de espírito crítico, partilha e alargamento dos nossos horizontes. Foi gratificante participar neste concurso e ganhámos experiência sobre assuntos e problemas de actualidade. Escolhemos o tema "Emprego/Desemprego" para a nossa apresentação. Focámos muitos aspectos relacionados com esta temática: as principais causas do desemprego, as suas consequências imediatas nas pessoas e na sociedade. Descrevemos ainda as medidas tomadas pelo Governo e apresentámos algumas das nossas inquietações.

Acreditamos que demos o nosso melhor e contribuámos para enriquecer os outros.



4ª Notícia: NO CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Beatriz Almeida, nº4, 9ºA

No dia 3 de Março de 2010, eu e as minhas colegas participámos no Concurso Nacional de Leitura, que se realizou na Biblioteca Municipal do Porto. Gostei muito do livro *Os Rapazes da minha Rua* de Ondjaki, mas tive pena de não ter tido acesso ao livro *As Raparigas*, pois assim fiquei em desvantagem em relação aos outros concorrentes que tinham lido essa obra. Foi uma experiência inesquecível, pois pude conviver e partilhar experiências de leitura com alunos e professores de outras escolas. Foi muito interessante e gostaria de repetir.

5ª Notícia: NO CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Carolina Oliveira, nº4, 9ºD

Para mim, participar no concurso foi óptimo. A escolha dos livros foi excelente, adorei lê-los. Todos os sentimentos que nutri pelas personagens foram um sentimento de respeito, de carinho e de compreensão. Adorei saber como se vivia noutros locais do mundo, as

dificuldades da vida, o carinho e amor que cada personagem transmitia. Cada personagem é única, e diferente para cada leitor. Cada livro que já li, cada sentimento que senti, cada descrição imaginada, cada carícia que as personagens trocavam entre si ficaram gravados na minha memória. Todas as personagens necessitavam de um pouco de compreensão, e eu ofereci-lhes toda a minha. Passei a melhor manhã, a melhor tarde a ler fantásticos livros.

Na manhã do concurso, no dia 4 de Março de 2010, quando fui com duas colegas da mesma escola, que ainda não conhecia bem, senti-me melhor quando começámos a falar sobre a leitura, senti-me como se tivesse conseguido chegar onde queria ir e não sabia, um lugar onde a leitura era apreciada. Não só com as minhas colegas, mas senti este mesmo sentimento com todas as 210 pessoas que estavam naquele auditório. Para mim, esta foi a experiência mais enriquecedora de sempre. Li livros fantásticos cheios de expressividade, consegui duas amigas novas e descobri sentimentos novos.

6ª Notícia: NO CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Magda Barbosa, nº22, 9ªA

O Concurso Nacional de Leitura, no dia 3 de Março de 2010, na Biblioteca Municipal do Porto, foi muito interessante, visto que me desafiou numa área que me fascina, a leitura.

Gostei muito do livro *Os Rapazes Da Minha Rua* de Ondjaki e fiquei com pena de não ter conseguido encontrar o outro livro proposto, *As Raparigas*.

O convívio com as minhas colegas e professora de Português tanto da minha escola, como com outros alunos e professores de outras escolas, mostrou-me a quantidade de pessoas, no Porto, que têm o mesmo interesse que eu. É uma experiência para repetir.

7ª Notícia: NO CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Ana Nunes, nº1, 11ºD

Participar neste tipo de concurso foi uma gratificante experiência, pois levou-me a entrar em contacto com livros que não escolheria por livre vontade, a adquirir conhecimentos que de outra forma me estariam vedados. Sendo um concurso, o apoio prestado pelos professores tanto a mim como às outras concorrentes foi deveras importante, uma vez que facilitou todo o processo, permitindo-nos desenvolver a competência de leitura, nomeadamente a compreensão e interpretação textual. É uma experiência que aconselho a qualquer leitor e que gostaria de repetir, pois estimula os jovens a terem interesse por este tipo de actividade, o que será reflectido no seu domínio da Língua Portuguesa.

8ª Notícia: NO CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Ana Magalhães, nº6, 11ºE

A participação no concurso foi uma valiosa oportunidade, pois tive ocasião de me envolver numa actividade extracurricular articulada com a disciplina de Português que me trouxe sabedoria, cultura e momentos felizes. Pude ler livros de autores portugueses e de expressão portuguesa muito importantes que, de certo modo, contribuíram para a minha formação como pessoa. Não me arrependo desta opção, aliás, aconselho que este tipo de concursos seja mais divulgado e participado por todos os alunos. Eu própria não me importaria de partilhar a minha experiência com outros colegas, com o objectivo de os aconselhar a ler e a ingressar nestes valiosos e efémeros concursos.

9ª Notícia: VISITA AO PALÁCIO DE MAFRA, Joana Pinto, nº 10, 3º A

O objectivo desta visita era aprofundar os conhecimentos da obra *Memorial do Convento* de José Saramago, conhecer quais os costumes da época e o grandioso Palácio de Mafra. Será que esses objectivos foram atingidos? Será que esta viagem foi importante?

Chegámos a Mafra, faltavam vinte minutos para as catorze horas e eu aguardava serenamente, com alguma falta de vontade, a visita ao Palácio. Esta vontade surgiu, subitamente, após começarmos o nosso percurso, orientado pelo Sr. Ricardo. À medida que íamos percorrendo o Palácio, ficava cada vez mais maravilhada... Tantas portas, tantas janelas, aquela lindíssima basílica que, mesmo só olhando pela janelinha, era espantosa! Já para não falar na biblioteca que nem existe palavras para a descrever. Com esta visita também melhorei os meus conhecimentos sobre a obra *Memorial do Convento*. Vejamos o exemplo da "Pedra Mãe" de que a professora de Português tanto falava. Só estando diante dela é que consegui perceber o quão difícil deveria ter sido o seu transporte.

Há quem diga que o Palácio não está em boas condições, e isso é verdade. No entanto, tal facto não retira valor à grandiosidade do edifício e assim continuo a defender que a sua visita é importante, não só para o conhecimento da obra da leitura integral mas, também, para perceber como viviam os reis no século XVIII e o pobre povo.

10ª Notícia: VISITA AO PALÁCIO DE MAFRA, Vânia Fernandes, nº 20, 3º A

Memorial do Convento de Saramago é uma obra interessante, pois relembra a construção do Palácio, Convento, Basílica de Mafra, como tudo começou, até aos pormenores.

Visto que o *Memorial do Convento* é uma obra de leitura obrigatória no ensino secundário (12º ano), esta visita ao Palácio Nacional de Mafra é bastante cativante, enriquecedora de conhecimentos e útil para motivar à leitura da obra e tornar um pouco mais explícita a fantástica história do *Memorial*. Normalmente não costumo interessar-me por romances históricos e não tinha o mínimo interesse em visitar o Palácio Nacional de Mafra. Pois bem, depois da chegada ao Palácio, alterei a minha postura. Encontrei guias extremamente simpáticos e expressivos, o que ajudou na motivação para compreendermos a história daquele Palácio e do romance. Depois de tudo o que vi e ouvi, das histórias de reis, rainhas e príncipes que lá viveram, fui ficando cativada. Agora, tenho interesse pelo tema. É fantástico imaginar a vida daqueles reis e rainhas, como usavam todos aqueles objectos, saber que pisamos o mesmo espaço onde eles viveram! De facto, personagens reais e fictícias cruzaram-se à minha frente, pela voz do guia Ricardo! No entanto, também formulámos algumas críticas: os guias não nos conduziram até à cúpula; para quê tanta riqueza ostentada por D. João V e o povo a viver miseravelmente; o estado de conservação do monumento que não será o melhor e a impossibilidade de visitar outros espaços do Palácio e da bela Basílica.

Contudo, os aspectos positivos compensam os menos positivos. Em suma, quem tiver a oportunidade de fazer esta visita, deve fazê-la. Não se irá arrepender! É fantástica.

11ª Notícia: VISITA AO PALÁCIO DE MAFRA, Ana Bento , nº2 , 3ºC

As visitas de estudo em geral são bastante interessantes. Uma visita de estudo ao Palácio de Mafra é de facto impressionante, não só pela grandiosidade do Palácio, mas também pela evocação das histórias de amor de Baltasar e Blimunda e do amor contratual entre o rei e a rainha, presentes no *Memorial do Convento*, obra que surgiu no espírito de Saramago quando este passou por Mafra.



Quem lê o *Memorial do Convento* de Saramago, enriquece-se a nível cultural. A obra, apesar de ser de leitura difícil para alguns, é extraordinária. Através da leitura, consegue-se imaginar a altura em que todos os homens foram levados para Mafra para construir o Palácio-Convento; as histórias de amor patentes na obra, apesar de muito diferentes (rei e rainha e Baltasar e Blimunda), cativam o leitor. Um ditado diz que "uma imagem vale por mil palavras", logo não só pela leitura se fica a conhecer a obra como também pelo contacto

directo com o património arquitectónico que lhe deu origem. Depois de ler a obra, quando se chega ao Palácio é tudo mais claro.

No entanto, há ainda outros aspectos a salientar, como o relacionamento entre alunos e professores, as diversões na camioneta, as brincadeiras. Tudo isto ajuda a melhorar as relações com os outros e até a fazer novos amigos. Para além das diversões e brincadeiras, é importante realçar a educação para a cidadania, reforçada pelo cumprimento de horários e regras e pela obrigação de saber estar em novas situações e ambientes diferentes.

Por tudo isto, conclui-se que as visitas de estudo enriquecem os alunos. Pode-se conviver e provar o quanto os alunos são responsáveis. Para além disso, a visita a Mafra não é cansativa, mas sim extraordinária, incentivando a leitura da obra *Memorial do Convento*.

12ª Notícia: VISITA AO PALÁCIO DE MAFRA, Bruno Daniel, nº 3, 3ºA

Visitar o Palácio Nacional de Mafra foi algo de útil para alargar os conhecimentos dos alunos. Por isso mesmo, é de incentivar a visita ao Palácio, pois é algo de extraordinário.

A visita ao Palácio é agradável, pois ajuda a entender melhor a História de *Memorial do Convento* de Saramago, a conhecer curiosidades sobre os hábitos e costumes do século XVIII, o estilo de vida dos reis, a grandiosidade do monumento e o porquê da sua construção.

No entanto, há aspectos negativos, como por exemplo, a lembrança de quem sofreu para o construir, de quem morreu para satisfazer a vontade de um rei, mas também a degradação do edifício que poderia ser restaurado, para dar assim outra luz à sua beleza. Apesar de tudo isto, o Palácio é um local espectacular para ser visitado, por nós alunos, ajudando-nos a compreender a sua História, pois é um monumento magnífico.

Qualquer pessoa pode e deve visitar o Palácio, pois ficará a conhecer o sofrimento da gente que o ergueu, a sua beleza infinita e dará valor ao que é Património Cultural Português.

13ª Notícia: VISITA AO PALÁCIO DE MAFRA, André Ferreira, nº 2, 3ºA

O Palácio Nacional de Mafra é um dos mais belos monumentos portugueses pelo que é recomendada uma visita de todas as pessoas, especialmente dos alunos do 12º ano.

O Palácio de Mafra é um monumento maravilhoso, constituindo o tema da obra *Memorial do Convento* de José de Saramago, estudada no 12º ano. Embora o livro apresente uma descrição interessante do palácio, só com a visita ao mesmo é possível visualizarmos e desfrutarmos, plenamente, da sua beleza. De facto, a visita ao Palácio é magnífica, pois conseguimos observar a grandeza da sua construção e imaginar o sofrimento dos trabalhadores que nela participaram. No entanto, há quem discorde desta actividade e defenda que não seja necessária para compreender o conteúdo da obra. É verdade que, também, não é possível visitar todo o edifício, o que deliciaria ainda mais o visitante.

Apesar destes contras, quando se realiza a visita, passamos a conhecer mais aprofundadamente a ligação entre o Palácio e o conteúdo da obra de leitura integral, percebemos melhor a mensagem que ela nos transmite, pois podemos contar com a visualização e a explicação de um guia que demonstra, detalhadamente, essa ligação.

Em suma, a visita ao Palácio Nacional de Mafra é extremamente oportuna pelo que deve ser efectuada não só pelos alunos do 12º ano mas, por todos.

14ª Notícia: CONCURSO LITERÁRIO ESPL 2010, Isabel Fonseca e Margarida Lino

Como é tradição, os alunos da ESPL aderiram ao desafio colocado pelo **Concurso Literário**, subordinado ao tema **A Árvore Mágica**, no âmbito do Ano Internacional da Biodiversidade. Este ano, abrimos as candidaturas a três escalões: Ensino Básico, Ensino Secundário e Ensino Superior (ex-alunos da ESPL). No total foram 31 candidaturas, 18 do E. Básico, 10 do E. Secundário e 3 do E. Superior.

- **Premiados do E. Básico:** 1º Prémio - Beatriz Pereira de Almeida, 9º A; 2º Prémio, exequo - Carla Sofia Lopes Badim, 9º A e Filipa Gonçalves Correia, 9º A; 3º Prémio - Ana Isabel Pereira de Almeida, 9º A.
- **Premiados do E. Secundário:** 1º Prémio - Mariana N. Miranda, 11º B; 2º Prémio - Hugo Parente, 11º A; 3º Prémio, exequo - Ana Cláudia Nunes, 11º D e Raquel de Oliveira, 10º D
- **Premiados do E. Superior:** 1º Prémio - João André Dionísio (FEUP); 2º Prémio - Inês Rocha, (UCP); 3º Prémio - João Santos (FLUP).



5. OUTRAS LEITURAS

O projecto Ler Mais e Escrever Melhor, para além de interligar o aperfeiçoamento das competências de comunicação verbal, nas vertentes da oralidade, leitura e escrita, tem igualmente em conta o desenvolvimento da competência não verbal, enquanto comunicação funcional e estética. Da comunicação não verbal fazem parte a linguagem gestual, icónica, plástica e musical. Pretende-se o aperfeiçoamento conjunto da comunicação verbal e não verbal, através da compreensão e interpretação de imagens e filmes, fotografias e anúncios...

Atendendo à polissemia de qualquer descrição, há que atender à relação entre observador e objecto de observação, em oscilação pendular de objectividade e subjectividade. Partindo de imagens e filmes seleccionados, serão considerados contextos, assuntos, técnicas, cores, funções, simbologias e transversalidades.

O prazer estético reside no olhar primeiro do criador e no olhar segundo do leitor, transfigurador da realidade inicial. Ambos, porém, condicionados pelas coordenadas históricas e culturais de um tempo e de um lugar. Quanto ao momento de descoberta, esse fica, muitas vezes, resguardado no mais íntimo de cada um. Por isso, agradecemos a todos aqueles que conosco aceitaram partilhar uma visão interpretativa da criação artística, para sempre registada em papel, tela ou filme.

Texto 1: MATERNIDADE, Almada Negreiros, Maria Inês Reis, nº19,12ºB
Data de edição: Janeiro 2009

Sobre o autor

José Sobral de Almada Negreiros nasceu em São Tomé e Príncipe, a 7 de Abril de 1893. Após a morte da mãe em 1896, vem viver com o pai para Lisboa. Durante a sua vida foi pintor, escritor, poeta, dramaturgo, romancista português e ensaísta. Esteve ligado ao movimento modernista em Portugal do qual faziam ainda parte Manuel de Sá Carneiro e Fernando Pessoa, entre outros. Participou ainda na revista Orpheu.

Morreu em Lisboa, a 15 de Junho de 1970.

Análise Descritiva da Imagem

O quadro "Maternidade" de Almada Negreiros, de 1935, é de grandes dimensões (100x100cm), é pintado a óleo e aplicado sobre tela.



Almada Negreiros realizou este trabalho em homenagem ao nascimento do filho José. Na tela é possível observar uma mulher jovem sentada no chão segurando nos braços uma criança. O manto e o véu que a mulher possui, simbolizam a protecção que a mãe oferece ao filho. No rosto da mulher está evidenciado um olhar meigo, olhar esse que transmite a paz interior sentida pela figura feminina, e um sorriso que transmite a felicidade por ela sentida. Os pés e mãos da mulher estão representados na tela de uma forma exageradamente grande. Deste modo, eles simbolizam a segurança e protecção que uma mãe dá ao seu filho. Na imagem observamos ainda, que o bebé tem os seus braços esticados o que representa a necessidade que ele tem de se sentir seguro, a necessidade de estar perto da mãe. O uso de vestuário simples é associado à simplicidade de sentimentos. As cores usadas na tela

são suaves e claras o que permite evidenciar as figuras presentes no quadro. São usadas principalmente cores primárias, cores frias como o azul e o verde e cores quentes como o amarelo. A luz amarelada transmite o calor e amor materno sentidos pela mulher. A luz existente à volta da figura materna evidencia essa mesma figura.

Para concluir, o autor desta obra consegue de uma forma simples representar uma mãe e um filho que se reconfortam mutuamente. Trata-se de uma imagem com função referencial e descritiva, pois a imagem mostra uma realidade da qual é testemunha.

Relacionamento da pintura com a obra de Fernando Pessoa ortónimo.

Na minha opinião esta tela podia ser associada ao poema "Não sei, ama onde era" da temática "A nostalgia de um bem perdido" de Fernando Pessoa ortónimo. Pois tanto no poema como na imagem a figura feminina ("ama" no poema e mãe na imagem) representa protecção e segurança. Há uma relação de afectividade entre as duas personagens (eu/tu no poema e mãe/filho na tela).

Não sei, ama, onde era,
Nunca o saberei...
Sei que era primavera
E o jardim do rei...
(Filha, quem o soubera!...).

Conta-me contos, ama...
Todos os contos são
Esse dia, o jardim e a dama
Que eu fui nessa solidão...

Fernando Pessoa

Texto 2: Capa do álbum HIS LAST WALK, Blessthefall, Pedro Silva, nº21,12ºD Data de edição: Abril 2010

Esta imagem é de 2007. É a capa do álbum "His Last Walk" de uma banda americana chamada "Blessthefall". Está no formato "jpg" e tem dimensões de 500x500 pixels. Parece ser uma fotografia, embora se note que foi trabalhada no computador, pois temos a escadaria a entrar pelo céu, o que não é normal.

Numa leitura objectiva da imagem, constatamos que se trata de um espaço exterior onde se podem observar dois planos: no plano mais aproximado, vê-se o início de uma escadaria aparentemente sem fim, ornamentada com dois anjos, segurando uma palma, um em cada corrimão; no plano mais distante, observa-se o céu, escuro, sombrio, com uma pequena abertura de luz. Estes dois planos encontram-se ligados pela referida escadaria que parece entrar no céu.

A imagem tem pouca claridade, registando-se apenas um ponto luminoso situado do lado do corrimão esquerdo, banhando-o de luz. Predominam as cores frias, devido ao uso do verde-escuro, já que o branco e o preto são cores neutras. Na imagem também se encontra uma informação digna de destaque - o nome da banda e do álbum, já referidos.

Procedendo a uma leitura mais subjectiva, penso que se pode dizer que toda a imagem está envolvida numa atmosfera um pouco sombria, misteriosa e fria devido às cores predominantes que são, efectivamente, muito sugestivas. O verde, por exemplo, representa a esperança, o princípio e o fim de tudo que, tal como esta escadaria, também tem um princípio... mas será que também tem um fim? O preto que envolve a escada é o símbolo da escuridão, da dor, do medo, o que poderá significar que subir a escada é mesmo o único caminho a seguir para fugir a este cenário tão obscuro. O branco, símbolo da paz, da perfeição e que se encontra precisamente no céu, constitui, mais uma vez, um incentivo a que se suba esta escadaria.

A presença dos anjos, corroborando a ideia de paz, pode simbolizar que estamos a percorrer o caminho certo, pois eles remetem para algo divino, superior: o céu. "His last Walk" - "o seu último passeio/ caminhada" - transmite a mensagem de que quem sobe não volta, podendo ficar a subir a escada eternamente ou, então, chegar a um lugar melhor ou pior... só arriscando é que se sabe!

Esta imagem transporta-nos para a temática "sonho/realidade" tão sugestivamente exposta em poemas de Fernando Pessoa ortónimo. Penso que esta imagem se insere perfeitamente na dicotomia referida, visto que as escadas podem significar, dependendo das pessoas, o obstáculo entre a realidade e o sonho. Por exemplo, para aquelas pessoas que estão em coma, que vêem "a luz ao fundo do túnel", esta poderá ser a luz no cimo das escadas; ou, então, para outras pessoas, subir estas escadas poderá representar o sonho da imortalidade, pois elas não têm fim (como diz na letra da canção); ou o sonho de conseguir o poder absoluto, o de ser superior a tudo e todos; ou, ainda, o desejo da vitória, simbolicamente corroborada pelas palmas que os anjos exibem.

Podemos concluir que se trata de uma imagem polissémica, que possui uma função predominantemente simbólica, pois orienta-se para significados sobrepostos à própria realidade, como se pôde constatar por toda a simbologia que envolve a escadaria e os elementos em seu redor.

Texto 3: LA CONDICION HUMAINE, René Magritte, Bárbara Lemos, nº4, 12ºD **Data de edição: Abril 2010**

Contextualização

O quadro "La condition humaine" foi pintado por René Magritte. Magritte nasceu na Bélgica, em 1898. Estudou dois anos na Academia de Belas-Artes, em Bruxelas.

Em 1926 produziu a sua primeira obra surrealista. A sua arte é pintada com tal nitidez que parece realista; caracteriza o amor surrealista com paradoxos visuais: apesar de tudo parecer real e normal, existem anomalias por toda a parte.

Magritte faleceu a 15 de Outubro de 1967, em Bruxelas.



A pintura apresentada é de carácter surrealista. O surrealismo foi um movimento artístico e literário que surgiu nos anos 20, do século XX, inserido no contexto das vanguardas que viriam a definir o Modernismo – empreendido, em Portugal, pela geração de Fernando Pessoa, M. Sá Carneiro e Almada Negreiros.

Leitura objectiva

A obra considerada é uma pintura a óleo aplicada sobre tela cujas dimensões são de 100x81cm. A imagem inscreve-se num quadro rectangular, organizando-se sobre linhas: horizontais (na janela), verticais (nas cortinas), diagonais (no tripé) e curvas (no topo da janela). A pintura é do estilo figurativo, já que é possível distinguir-se os diferentes elementos nela representados.



Mostra um espaço interior no qual se vê apenas um tripé a segurar um quadro, próximo de uma janela com cortinas; esta janela oferece um cenário exterior bucólico: uma paisagem natural onde existem ervas, uma árvore e arbustos, um bosque e o céu. Verifica-se a existência de luz artificial vinda do interior que cria a sombra dos cortinados e da janela na parede. As cores mais abundantes são: Branco (cor neutra) – síntese de todas as cores, simboliza a pureza de alma; é a cor da paz e da perfeição mas, ao mesmo tempo, a palidez, a frieza e a esterilidade; Verde (cor complementar e fria) – símbolo de equilíbrio. Relaciona-se com a Natureza – princípio e fim de tudo. Símbolo da esperança, da juventude, da prosperidade; Azul (cor primária e fria) – cor da purificação e da busca da verdade interior. É a cor do mar e do céu. Pode exprimir distanciamento e aproximação. Simboliza a serenidade, a harmonia, o amor e a fidelidade; Castanho (cor complementar e fria) – representa a estabilidade, a terra. A pintura representada no quadro encaixa-se na paisagem exterior, e esta sobreposição faz com que se crie uma

ilusão, uma confusão entre a tela e a realidade.

Sendo assim, pode-se considerar que esta imagem tem uma função descritiva, já que contribui para apresentar a realidade, e tem também uma função estética, tendo em conta que visa proporcionar a satisfação e o prazer do belo, ou seja, o prazer estético.

Leitura subjectiva

Numa abordagem mais subjectiva, esta pintura de Magritte sugere a dificuldade que por vezes existe em distinguir aquilo que é um sonho e o que é a realidade. Pode também inferir-se, de um outro ponto de vista, que o autor, apesar de conseguir distinguir o que é real do que o não é, prefere continuar a viver iludido, no sonho, porque este corresponde a tudo aquilo que sempre quisemos. É este que proporciona a felicidade tão desejada por todos nós.

A aliar-se a esta perspectiva, temos ainda as cores utilizadas. Como foi referido anteriormente, o branco simboliza a paz e a perfeição e, ao mesmo tempo, a palidez, a frieza e a esterilidade. A utilização desta cor no céu, tanto no quadro como na paisagem que se vê da janela, pode significar o quão perfeito é o sonho e a vontade que o autor tem de vivê-lo eternamente, mas, por outro lado, o facto de essa cor estar expressa na paisagem (realidade) leva o autor a perceber que tal acontecimento não é possível.

Quanto ao verde, que simboliza o equilíbrio e a esperança, entre outros, conduz-nos à ideia de que o autor deseja com todas as suas forças habitar naquele seu mundo tão perfeito, ele deseja viver aquele sonho. Contudo, a presença desta cor também na realidade exterior funciona como um ponto de equilíbrio entre o sonho e a realidade: o autor quer desesperadamente viver o sonho, mas sabe que isso não será possível.

O azul pode representar aproximação ou distanciamento, o que significa que, através da sua utilização, o autor pretende aproximar-se cada vez mais do seu “mundo perfeito” e, assim, afastar-se da realidade. Contudo, esta cor simboliza também a serenidade e a harmonia, o amor e a fidelidade, o que nos pode levar a pensar que, apesar de o autor gostar imenso da sua “vida de sonho”, tem noção de que tem que haver uma certa harmonia entre a vida real e a vida sonhada. Não podemos andar constantemente iludidos com os nossos sonhos, mas também não podemos andar sempre insatisfeitos com a vida só porque ela não corresponde exactamente àquilo que idealizamos. Tem de haver um equilíbrio entre ambos.

Ao analisar a imagem destaca-se imediatamente a utilização do castanho, principalmente nas cortinas do ambiente interior. A utilização desta cor, que representa a terra, a solidez e a estabilidade, neste mesmo sítio – na fronteira entre o interior e o exterior – pretende chamar o autor para a realidade, ou seja, por muitos sonhos que tenhamos, não podemos nunca fugir à realidade, há sempre algo que nos “puxa” para ela.

Em suma, nesta imagem está representada a dicotomia sonho/realidade tão comum em poemas de Fernando Pessoa ortónimo. Esta pintura é, obviamente, polissémica, pelo que outras interpretações podem ser feitas.

Correlação com a poesia de Fernando Pessoa

Lembrando, entre outros, o poema “Não sei se é sonho, se realidade” de Fernando Pessoa ortónimo, e após a análise do quadro “La condition humaine”, de Magritte, podemos estabelecer um ponto em comum entre ambos: a dicotomia sonho/realidade é, claramente, uma temática explorada nestas obras.

No poema, a mensagem do poeta é a fuga aos limites do “eu” através da vida pela imaginação; a pintura em causa apresenta essas duas dimensões: apresenta a tela inserida na realidade. Esta percepção leva-nos à ilusão. O quadro simboliza o sonho – o interior – e a paisagem representa a realidade – o exterior. Em suma, podemos considerar que há um paralelismo entre o poema e o quadro: ambos reflectem a fusão entre o concreto e o irreal.

Texto 4: Leitura de Imagem, João Moreira, nº14,12ºD

Data de edição: Abril 2010

Leitura Objectiva da Imagem

A imagem que se apresenta é uma fotografia rectangular em suporte digital.

Localiza-se muito provavelmente num espaço interior, ou num exterior durante a noite, devido à ausência de luz. Apresenta-se num só plano aproximado, em perspectiva frontal e não tem qualquer dinâmica, pois a figura representada encontra-se perfeitamente estática. Esta fotografia foca o rosto de uma figura humana. Não se podem considerar linhas verticais ou horizontais na fotografia, visto que o rosto humano tem um traçado curvilíneo e não muito rigoroso em termos geométricos.

O traçado é descontínuo, pois é interrompido pelas limitações espaciais que a fotografia impõe, e apenas metade do rosto está representado. É, no entanto, um traçado intenso que é banhado por uma ténue luz branca que ilumina a fotografia selectivamente, deixando o fundo e toda a envoltória do rosto na escuridão. A fotografia apresenta tonalidades de preto, branco e violeta. Pode-se dizer que existe uma certa ausência de cor na imagem, pois o preto e o branco são cores neutras. No entanto, estas últimas contrastam com a cor violeta, por esta ser forte, apesar de fria.

Leitura Subjectiva da Imagem



Através do plano aproximado em que a fotografia se apresenta, podemos observar todos os detalhes, que se tornam quase palpáveis, não só os físicos como os emocionais.

Percepciona-se uma atmosfera humana carregadíssima de sentimentos negativos, dada em parte pela cor negra, que simboliza a morte, o pessimismo, a tristeza, a opressão, a angústia e a dor. Consegue-se sentir o silêncio que reina naquela atmosfera, um silêncio ensurdecedor. Consegue-se também sentir toda aquela sobrecarga de maquilhagem na nossa pele, e aquela lágrima fria e solitária a borratá-la enquanto escorre pelo nosso rosto. Depreende-se uma imensa tristeza e devastação por parte do indivíduo representado, depreende-se a sua angústia e o seu desespero, que o seu olhar raiado e as suas lágrimas deixam transparecer. No entanto, sente-se também uma certa aceitação e apatia no seu olhar, como se houvesse uma certa resignação por parte do indivíduo em relação a algo que deseja, mas que permanecerá para sempre inalcançável.

É aqui que esta imagem se pode enquadrar perfeitamente numa das temáticas de Fernando Pessoa Ortónimo: a temática sonho/realidade. É perceptível que a realidade desta personagem é a tristeza, a angústia, a solidão, a infelicidade profunda e a resignação. No entanto, existe também um sonho, algo perfeito que ela tenta alcançar sem sucesso, e a infelicidade sentida reside precisamente nesse facto. Notem-se os lábios desenhados na forma de sorriso, e pintados na cor violeta, que representa a magia, a inspiração e sobretudo a transformação e a mudança. Há, portanto, aqui uma tentativa de mudar, de ser feliz a todo o custo e fugir à triste e cruel realidade da escuridão onde se insere. Todavia, tudo parece não passar de um sonho. Os olhos desta personagem estão fixos nesse sonho, e choram por não poder alcançar a luz que ele emana, a única luz que ilumina, impossível de alcançar. Este ser humano perdeu a capacidade de sorrir, de ser feliz, e é incapaz de sair do buraco negro onde se encontra, por muito violeta e sorridentes que sejam os lábios que pinta em torno dos seus.

Para concluir, não se pode deixar de referir que esta imagem é polissémica, estando consequentemente sujeita a diversas interpretações, de acordo com o estado de espírito e o desenvolvimento cognitivo de quem a percebe. Tem uma função acima de tudo expressiva, visto que revela inúmeros sentimentos e emoções, que se percebem facilmente através de um só olhar atento, tendo em conta a expressão facial da figura representada e elementos como a luz e as cores.

Texto 5: ANÚNCIO EDP, Rita Seguro, nº 24, 11ºA

Data de edição: Janeiro 2010

Slôgane: Ajude-nos a iluminar, consigo estamos a contar.

Texto de Argumentação: Já pensou como a electricidade é essencial na sua vida? Não? Então experimente passar um longo período sem utilizar esta energia. No escuro não conseguiria ver nada. Ser-lhe-ia impossível utilizar as máquinas de lavar loiça e roupa. O frigorífico também deixaria de ser uma realidade. Ainda ficaria sem televisão e sem computador. Parece-lhe uma má ideia viver assim? Mas é essa a realidade vivida no Quénia, no campo de refugiados de Kakuma. A Fundação EDP encontrou uma solução. Foi criado um projecto que visa ajudar estas pessoas. E melhor ainda, você pode entrar nele.

Pense como seria a sua vida sem electricidade, e ajude-nos a iluminar Kakuma.

Imagem sugerida: Refugiados do campo de Kakuma a segurarem uma lâmpada gigante que os ilumina a todos.

Texto 6: ANÚNCIO EDP, Ana Rita Relvas, nº 5, 11ºA

Data de edição: Janeiro 2010

Slôgane: Iluminar Kakuma, iluminar o mundo.

Texto de argumentação: A Fundação EDP vai levar energia aos 50 mil refugiados de Kakuma, Quénia. A EDP ajudará aqueles que mais precisam. Para iluminar Kakuma e as mentes de todos nós. Não se sinta indiferente a esta campanha. Ajude. Colabore. Partilhe a sua energia. Dê um pouco mais de si. Irá sentir-se melhor ao ver as ruas de Kakuma iluminadas. Todos juntos, iremos acabar com o ciclo de pobreza. Junte-se a esta causa, ajude-nos a iluminar o sorriso das pessoas de Kakuma.

Lembre-se: EDP, para dar luz à vida. Iluminar Kakuma, iluminar o mundo.

Imagem sugerida: A imagem para o anúncio pode ser uma fotografia de Kakuma, com alguns dos seus habitantes felizes por verem os colaboradores da EDP a colocarem equipamentos que irão iluminar as suas vida

Texto 7: ANÚNCIO EDP, Bruno Baltarejo, nº 7, 11ºA
Data de edição: Janeiro 2010

Slogãne: EDP, entre os mundos da iluminação.

Texto de argumentação: EDP, a luz que trouxe de novo o sonho. Julga que a EDP não consegue levantar o "auto-astral" dos quenianos? Pois bem, engana-se. Com a EDP, Kakuma terá toda a iluminação que necessita para partilhar momentos inesquecíveis e duradouros. Brinque, fale, salte. E sabe que mais? Sempre com os seus pensamentos, ideias e acções iluminadas por uma luz impossível de ofuscar. Quénia, um local imensamente iluminado com a sua companhia de sonho a seu lado, EDP.

Imagem sugerida: Um mundo com uma lâmpada em cima, evidenciando a "salvação do mundo", ou como se o mundo tivesse uma ideia, ideia esta inspirada pela coexistência dos seres humanos, visando um desenvolvimento sustentável.

Texto 8: ANÚNCIO EDP, Sara Ferreira, nº 24, 11ºC
Data de edição: Janeiro 2010

Slogãne: Energia que Ilumina uma Nova Vida.

Texto de Argumentação: Agir. Ajudar. Iluminar. Mudar. É a isto que se compromete a EDP com o seu novo projecto, que ajudará milhares de pessoas do Quénia a terem uma nova vida, mais digna. Assuntos destes com tanta importância merecem a nossa atenção. Chegou a hora de ajudar! Juntos iremos tornar o mundo mais vivo e especial. No fim, nada mais satisfatório do que ver um sorriso nos lábios daqueles que ajudamos. Iluminar é um trabalho de todos. Não vamos hesitar.

Imagem sugerida: Crianças de todas as raças, com trajes pobres, a sorrirem, de mãos dadas, formando um círculo em volta de uma árvore grande que irradia luz.

Texto 9: ANÚNCIO EDP, Vasco Gomes, nº 28, 11ºB
Data de edição: Janeiro 2010

Slôgane: EDP – Iluminando a obscuridade

Texto de argumentação: Levante-se. Abra os olhos e acorde. Já tirou um momento para reflectir nas crises do mundo? Já parou para olhar à sua volta? A EDP já. Começando por Kakuma, no Quénia, a EDP pretende trazer luz e calor ao mundo. Todos juntos, um por um, somos capazes de causar uma revolução. E você, já iluminou uma vida hoje?

Imagem sugerida: A imagem é a preto e branco. Em primeiro plano encontramos um pequeno grupo de pessoas em trajes andrajosos: a personificação da pobreza. Estão todos sentados em redor de um lampião que começa a exibir luz e as caras iluminam-se de alegria. No plano do fundo, encontramos dezenas de pessoas, de todas as idades e aparências, a erguer o lampião. Este proporciona uma luz amarela, a única cor na imagem.

Texto 10: ANÚNCIO EDP, Daniela Carolina Pereira, nº 8, 11ºE
Data de edição: Janeiro 2010

Slôgane: Um projecto amigo do ambiente, uma energia vital.

Texto argumentativo: O novo projecto da EDP tem como finalidade iluminar o Quénia. Deste modo, pretendemos invadir este país com luz e esperança, através da criação de energia renovável. Vamos acabar com a miséria. Vamos iluminar o Quénia. Vamos dar vida à população local. Nós somos capazes de fazer a diferença.

Imagem: A imagem utilizada poderia ser uma linda paisagem do Quénia, na qual o sol seria substituído por uma lâmpada.

Texto 11: ANÚNCIO EDP, Rita Sofia, nº 17, 11ºE
Data de edição: Janeiro 2010

Slôgane: EDP – O Mundo que ilumina a vida.

Texto de argumentação: Iniciativa, evolução e qualidade ao seu dispor e de todos. Já alguma vez pensou nisso? A EDP apresenta-lhe a ideia maravilhosa e humanitária de levar energia

eléctrica até a um mundo de impressionantes paisagens e de extrema pobreza: Quénia. Com esta iniciativa pretendemos socorrer quem mais precisa. Ajude-nos a ajudar.

Imagem sugerida: Trabalhadores a cooperarem com a população local, no Quénia.

Texto 12: ANÚNCIO EDP, Sónia Monteiro, nº 26, 11ºA

Data de edição: Janeiro 2010

Slôgane: Porque com a EDP o futuro é agora.

Texto de argumentação: Deixe-se contagiar pelo espírito de mudança. Desperte o seu lado solidário e contribua para o sucesso da iniciativa da EDP em Kakuma, no Quénia. Não pense que o que faz hoje não influencia o futuro. Abrace o projecto, tal como nós o abraçamos. Siga o seu destino. Acredite que ele se cruzará com o nosso.

Imagem sugerida: Um idoso e uma criança, lado a lado, a caminharem numa uma longa estrada, ao fundo da qual ambos encontrariam uma cidade renovada.

Texto 13: Filme EDUARDO, MÃOS DE TESOURA, Inês Madeira, nº 11, 8ºD

Data de edição: Janeiro 2010



“Eduardo, mãos de tesoura” é um dos melhores filmes da década de 90, realizado por Tim Burton. É um filme comovente, que narra uma interessante e fascinante história de amor e de mistério. Este romance decorre num antigo e isolado castelo, no topo de uma colina, e numa vila, onde Eduardo tenta adaptar-se ao mundo e descobre o amor. Este filme é feito em flashback, ou seja, esta história é composta por acontecimentos do presente e do passado. Nesta história intervêm várias personagens tais como: Eduardo, Kim, Peg, Jim e as vizinhas. Eduardo é humilde e muito tímido, mas fisicamente é diferente de todos os outros humanos, pois tem mãos de tesouras e cicatrizes na cara. Kim é uma rapariga jovem e muito bonita. É sensível, amável e doce. Peg, a mãe de Kim, é uma mulher sensata, amiga e muito simpática. Jim, o namorado de Kim, é aparentemente, muito bonito, encantador e rico, mas lida com as pessoas com crueldade, egoísmo e antipatia. As vizinhas são muito preconceituosas e também coscuvilheiras.

A mensagem que esta história nos transmite é o preconceito das pessoas, neste caso as vizinhas, assim como a sua dificuldade em aceitar alguém diferente.

Eu gostei muito do filme que vi, porque aborda principalmente os preconceitos sociais e a vontade de adaptação de Eduardo a um mundo diferente. Esta história descreve a maneira de ser dos humanos e a sua incapacidade em aceitar alguém diferente.

Texto 14: Filme NANNY MCPHEE, Inês Fraga Madeira, nº11, 8ºD
Data de edição: Maio 2010

"Nanny McPhee" é um filme britânico realizado em 2005, por Kirk Jones. É um filme cativante que narra uma interessante e juvenil história de fantasia e de comédia.

O espaço onde decorre a acção desta história é a casa dos Brown, onde moram Cedric, os seus sete filhos (Simon, Tora, Lily, Eric, Sebastian, Christianna e a bebé Aggy), a Sra. Blatherwick, cozinheira da casa, Evangeline e mais tarde Nanny McPhee.

Cedric ama os seus filhos, mas o tempo que passa com eles não é suficiente para os educar, por isso recorre a amas. Pela casa já passaram dezassete mulheres que abandonaram o cargo devido à indisciplina, rebeldia e desobediência das sete crianças. Estas são cuidadas e amadas por Evangeline, uma sensível e educada empregada da casa.

Nanny McPhee, a décima oitava ama que passa pela casa dos Brown, é uma mulher incomum e misteriosa que, com disciplina e poderes mágicos, entra na casa de Cedric para tentar educar os seus sete filhos insuportáveis. Nanny McPhee fá-los cumprir as suas cinco lições e, à medida que isso acontece, uma das suas imperfeições desaparece. Primeira lição: Ir para a cama quando lhes é dito e aprender a dizer por favor – O cabelo de Nanny McPhee deixa de ser cinzento e passa a ser castanho. Segunda lição: Levantar quando lhes é dito – Uma das suas verrugas desaparece. Terceira lição: Vestir quando lhes é dito – A sua outra verruga desaparece. Quarta lição: Ouvir os outros e saber agradecer – O seu cabelo fica louro e ondulado e as suas orelhas normalizam. Quinta lição: Fazer o que lhes mandam – Os seus dentes ficam direitos e passa a haver um maior realce dos seus olhos azuis.

Após os objectivos cumpridos, Nanny McPhee abandona a casa dos Brown, mantendo a sua afirmação: "Quando precisarem de mim, mas não me quiserem, eu deverei ficar. Quando já não precisarem de mim, e me quiserem então eu terei que partir". Eu gostei muito do filme que vi porque aborda principalmente o desenvolvimento psicológico das crianças.



Texto 15: Filme NANNY MCPHEE, Ana Sofia Ribeiro, nº4, 8ºD
Data de edição: Maio 2010

O filme "Nanny Mcphee" é um filme de comédia/fantasia, com algum mistério à mistura. É uma história em que as crianças aprendem a obedecer. As personagens principais são: Nanny Mcphee, Cedric Brown, Simon e Tia Adelaide.

Esta história passa-se numa casa, onde moram sete crianças mal comportadas (Simon, Tora, Lily, Eric, Sebastian, Christianna e Aggy), o pai, uma cozinheira, uma criada, e mais tarde vai para lá morar uma ama mágica. Uma das frases que esta ama diz, marca todo o filme: "Enquanto vocês precisarem de mim e não me quiserem, eu ficarei. Quando me quiserem e já não precisarem de mim, deverei partir". "Nanny Mcphee" tem cinco lições para ensinar às crianças: irem para a cama, quando lhes mandam; levantarem-se, quando lhes mandam; vestirem-se quando lhes mandam; saber ouvir e dizer "por favor", "obrigado".

O aspecto simbólico da mensagem é que a ama "Nanny Mcphee", vai ficando mais bonita à medida que as crianças vão sendo educadas e vão respeitando as regras. A mensagem que o filme nos transmite relaciona-se com o comportamento de cada criança. Quando esta tem um bom comportamento, acaba por ser premiada, ou seja, uma criança bem comportada pode ter "tudo o que quiser", enquanto uma criança mal comportada, será castigada. O que mais me impressionou, nesta história, foi ver que a frase da "Nanny Mcphee" que marca o filme, também se refere aos nossos pais: muitas vezes reclamamos com eles, mas precisamos deles. Quando já não precisamos dos nossos pais (ou seja, somos adultos), desejamos que eles estejam presentes.

Texto 16: Filme NANNY MCPHEE, Ana Carolina Mendes, nº1, 8ºD
Data de edição: Maio 2010

"Nanny Mcphee – A Ama Mágica" é uma comédia, que retrata a história da família Brown. Cedric Brown, viúvo, e os seus sete filhos vivem numa mansão, no campo. As crianças são tão mal comportadas, que conseguem expulsar 17 amas. No entanto, Nanny Mcphee é a única que fica na mansão e lhes ensina algo. Aos miúdos ensinou 5 lições: ir para a cama quando os mandarem; levantarem-se quando os mandarem; dizerem obrigada, com licença e por favor; aprenderem a ouvir e a pensar. Ao Pai ensina-o a ouvir os filhos quando precisam.

Nanny Mcphee, Cedric Brown e Evangeline fazem parte do elenco principal. Nanny Mcphee refere ser uma ama do governo, sabendo todos os dados daquela família. É uma mulher persistente, que nunca desiste dos seus objectivos. Os 7 filhos, inicialmente, são indisciplinados, porém Nanny Mcphee faz com que eles fiquem responsáveis e obedientes sempre que lhes dão uma ordem. Cedric é um homem que dedica pouca atenção à família, mas muda de atitude. Evangeline é sensível e delicada, e acaba por casar com Cedric. A mensagem deste filme é que não devemos julgar as pessoas pelo seu aspecto exterior. No início, Nanny Mcphee aparece velha e feia, pois essa era a visão que os miúdos tinham dela. Após o sucesso de cada lição, ela vai ficando cada vez mais bonita e jovem, o que demonstra que as crianças já sentiam uma empatia por ela.

Apesar de ter visto o filme várias vezes, só agora compreendo a importância desta frase: "Enquanto vocês precisarem de mim e não me quiserem, eu ficarei, mas quando me quiserem e não precisarem de mim, terei de partir.". É uma frase que mostra a missão, bem sucedida, da ama naquela família. No fundo ela representa todos os educadores.

Texto 17: Filme OS CORISTAS, Mariana Borges Baptista, nº20, 9ºC
Data de edição: Maio 2010

O filme começa 50 anos após a história principal, quando um homem chamado "Pepinot" visita o maestro Morhange trazendo consigo um diário; o diário do antigo professor, Clement Mathieu.

Situado em França, no ano de 1949, ergue-se o colégio interno para rapazes difíceis, "Fundo do Pântano". É a este local que chega o professor Mathieu, que pouco tempo leva a encontrar um pequeno rapaz, Pepinot, que espera pelo dia de Sábado, dia no qual o seu pai prometeu regressar para o levar de volta a casa – um dia que jamais chegará pois os seus pais haviam falecido na guerra.

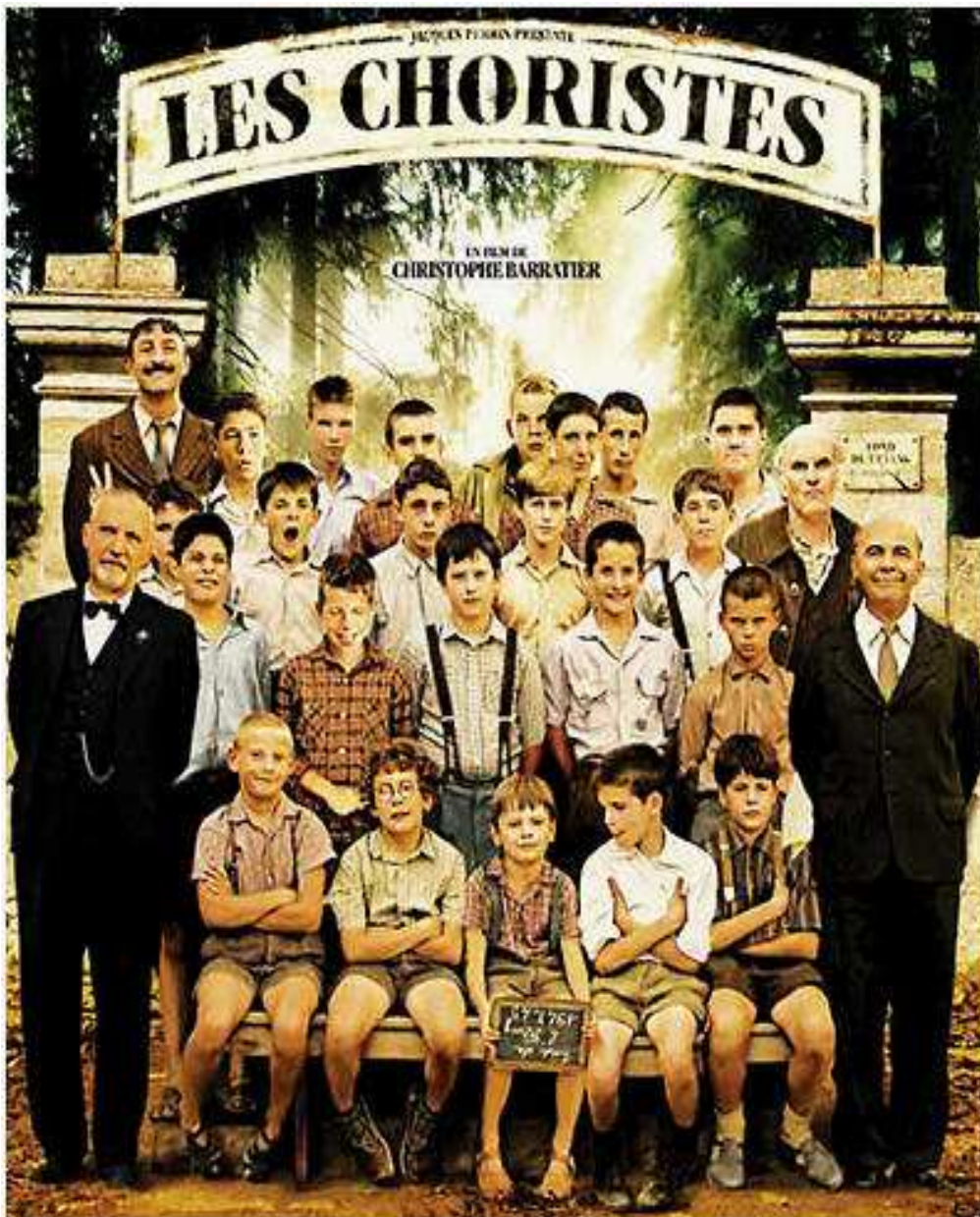
A princípio, Mathieu depara-se com um grupo de rapazes problemáticos que são severamente castigados pelo director do colégio. Quando uma partida provoca uma lesão

grave no guarda, Mathieu guarda para si a identidade do culpado – é através destes actos de bondade que Mathieu mostra aos rapazes do “Fundo do Pântano” que é diferente dos outros professores, que está ali para muito mais.

Um destes métodos, e o mais eficaz, é a música: Mathieu decide formar um coro e ensiná-los a cantar tirando partido da habilidade de cada aluno. Para sua surpresa, um dos rapazes mais problemáticos revela uma incrível voz de canto a quem Mathieu concede o direito a solo – Morhange torna-se a estrela do coro. É através do coro que Mathieu conquista o coração dos seus alunos, que percebem que são capazes de muito mais.

Após uma série de eventos, o director despede Mathieu, que parte do colégio com memórias inesquecíveis e uma despedida cheia de agradecimento por parte dos rapazes que lhe atiram aviões de papel, com mensagens de cada um.

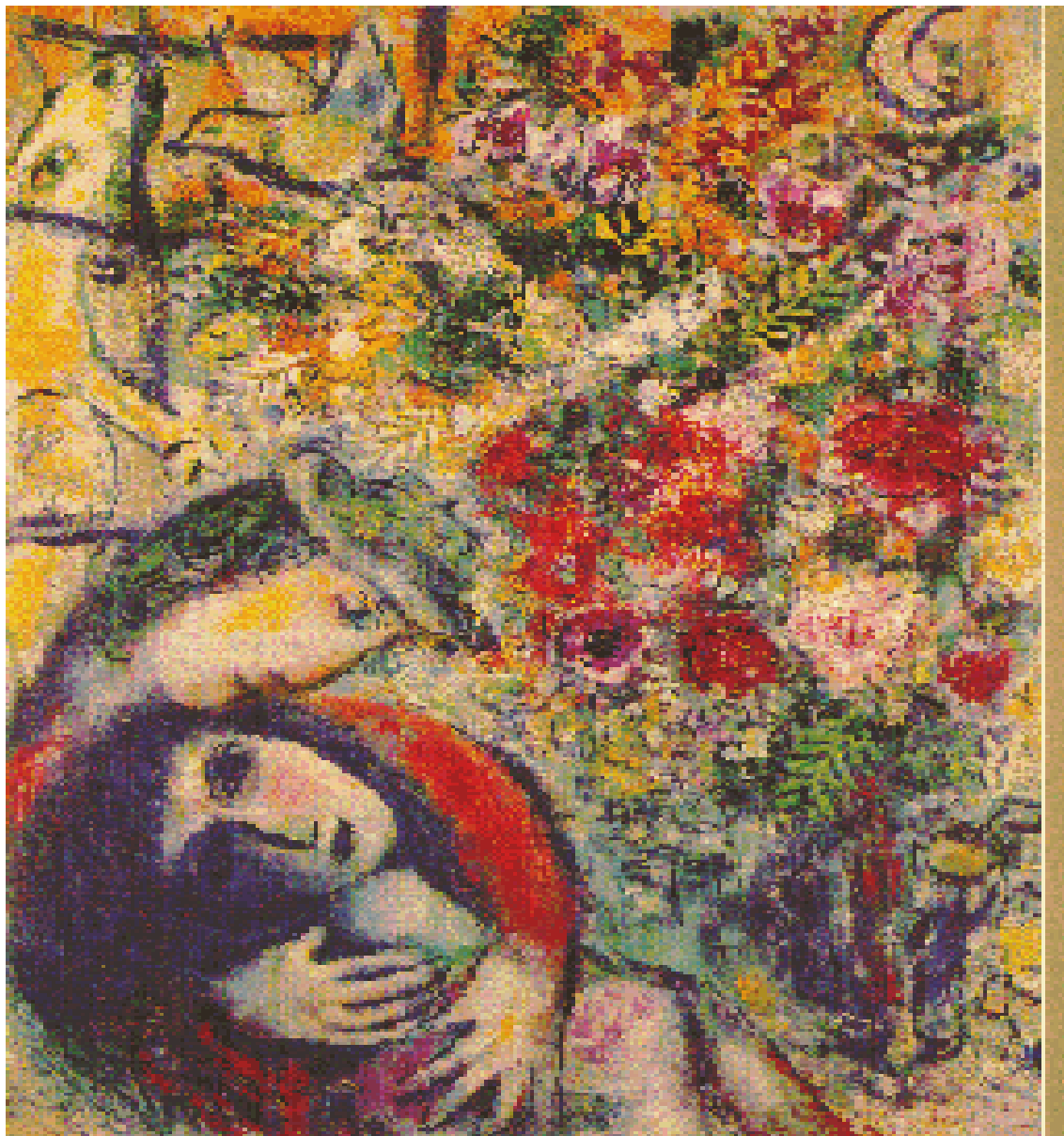
No final do filme, sabe-se que o director foi expulso do seu cargo devido aos seus castigos severos e cruéis, que Morhange vai com a sua mãe para Lyon onde entra no conservatório e segue uma carreira musical e que o pequeno Pepinot foi adoptado por Clement Mathieu, num dia de Sábado.



NOTA FINAL DE INÍCIO

Nota final é ponto, fim terminado e acabado.

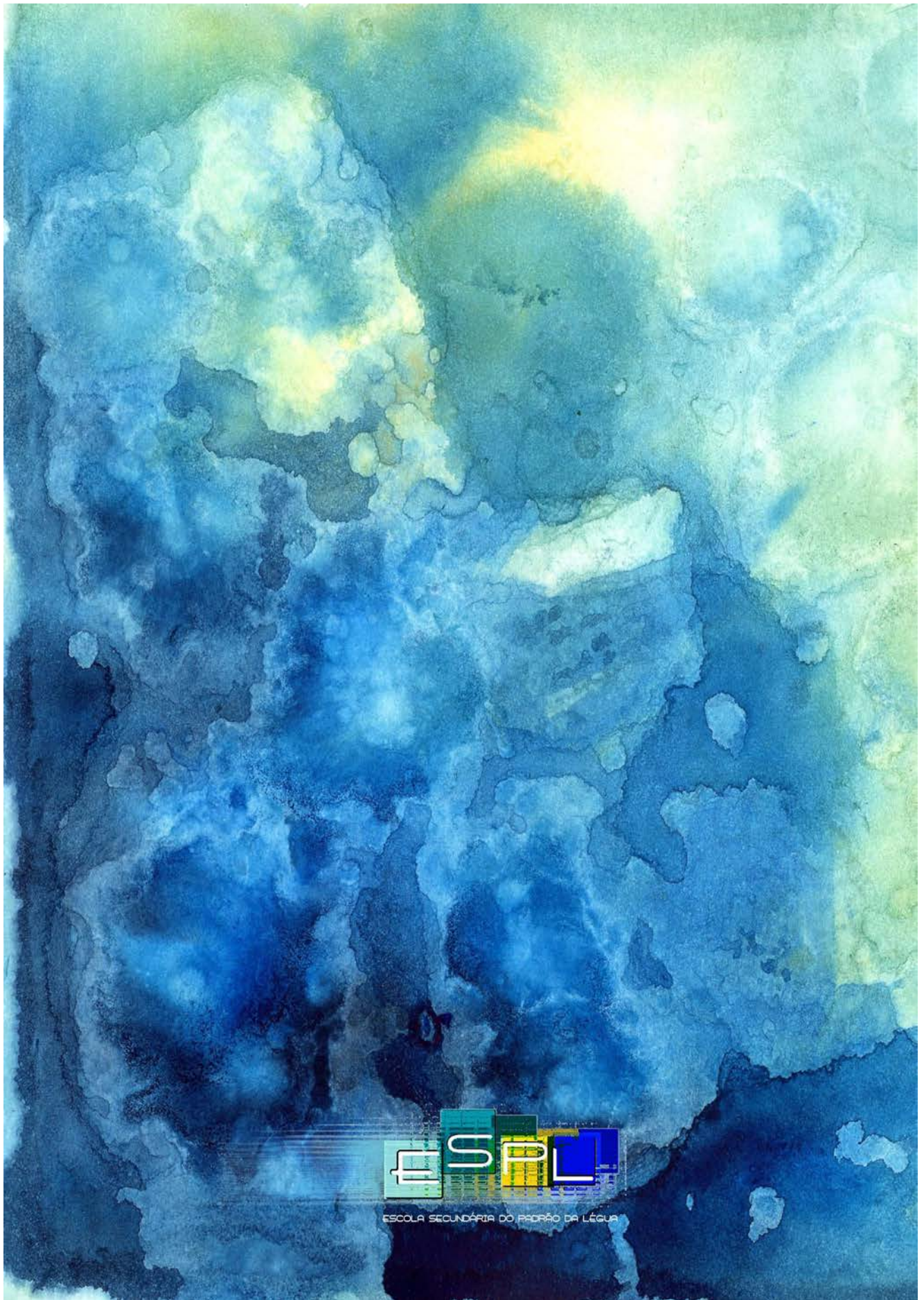
**É conclusão de história
É final de filme recordado
É porta que se fecha
É canção que esvaece
É ano que se despede e finda.**



Marc Chagall

**Não é nota final este texto
Mas nova página de início
De texto a continuar
De revista a continuar
De projecto a continuar.**

Nota final é afinal ponte, início. Continuado. Sempre.



ESCOLA SECUNDÁRIA DO PADRÃO DA LÉGUA